



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Damiana Pereira de Sousa

**A Flecha e a Caneta: a representação de Natureza em Daniel Munduruku na obra
“Sabedoria das Águas” – A Literatura Indígena em Questão**

Goiânia, abril de 2019.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação [] Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: *Damiana Pereira de Sousa*

Título do trabalho: *A ficha da caneta: a representação de natureza em Daniel Muniz de Oliveira na obra "Babelônia das águas". A Literatura Indígena em Questão.*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Damiana Pereira de Sousa
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

[Assinatura]
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 24 / 08 / 2019

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

DAMIANA PEREIRA DE SOUSA

**A Flecha e a Caneta: a representação de Natureza em Daniel Munduruku na obra
“Sabedoria das Águas” – A Literatura Indígena em Questão**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPGeo do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, como Requisito para a Obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Goiânia, abril de 2019.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira de Sousa, Damiana
A Flecha da Caneta: a representação de natureza em Daniel Munduruku na obra "Sabedoria das águas" - A Literatura Indígena em Questão [manuscrito] / Damiana Pereira de Sousa, Eguimar Felício Chaveiro. - 2019.
CII, 102 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2019.

Bibliografia.
Inclui siglas, mapas, gráfico, tabelas.

1. Literatura Indígena. 2. Geografia e Literatura. 3. Escritura de Daniel Munduruku. 4. Natureza. I. Felício Chaveiro, Eguimar. II. Felício Chaveiro, Eguimar, orient. III. Título.

CDU 911



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
DAMIANA PEREIRA DE SOUSA

Aos 03 dias do mês de maio do ano de dois mil e dezenove (2019), a partir das 8h, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Dissertação de Mestrado de **DAMIANA PEREIRA DE SOUSA**, intitulada: "A FLECHA DA CANETA: A REPRESENTAÇÃO DE NATUREZA EM DANIEL MUNDURUCU NO O SABEDORIA DAS ÁGUAS – A LITERATURA INDÍGENA EM QUESTÃO". A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 047/2019 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: **Eguimar Felício Chaveiro** (Orientador), **Rosana Maria Ribeiro Borges** (Membro Titular Interno) e **Elson Rodrigues Olanda** (Membro Titular Externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo a candidata respondido satisfatoriamente. Às 9:30 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo a candidata obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro (Presidente) – Ass. EFC

Aprovada Reprovada ()

Prof. Dra. Rosana Maria Ribeiro Borges – Ass. Rosana

Aprovada Reprovada ()

Prof. Dr. Elson Rodrigues Olanda – Ass. Elson Rodrigues Olanda

Aprovada Reprovada ()

Resultado final: Aprovada Reprovada ()

Houve alteração no Título? Sim Não ()

Em caso afirmativo, especifique o novo título: A Flecha e a Caneta: a representação de natureza em Daniel Mundurucu na obra "Sabedoria das Águas" - A Literatura Indígena em Questão.

Outras observações: Fazer revisão de língua Portuguesa e ABNT.

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria Luana de Castro

Luana de Castro Amorim
Assistente em Administração
Instituto de Estudos Socio Ambientais
Matrícula: 2257113



Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo
Rua: Jacarandá, Qd. D, Campus Samambaia, IESA, Sala A-07, CEP 74.690-900 Goiânia-GO, Brasil.
Fone: (62) 3521-1184 ramal 202/203/204 - <http://posgeo.iesa.ufg.br/>

DEDICATÓRIA

À minha família e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse sonho. Em especial, ao meu orientador Eguimar Felício Chaveiro, pela paciência e compreensão em cada fase da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que em sua infinita bondade me permitiu realizar mais um grande objetivo da minha vida.

À minha família, em especial, minhas irmãs Luciana e Cláudia pelo apoio e exemplo que são. Sempre me incentivando a estudar e lutar pelos meus sonhos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, por ter me orientado com muita paciência durante todas as fases da pesquisa, por sempre dialogar comigo, me auxiliar nas leituras e me ensinar a crescer profissionalmente. É com muita admiração e carinho que realizei essa pesquisa sob sua orientação.

A todos os meus amigos do Mestrado que sempre fizeram presentes nas aulas, nos trabalhos de campo realizados e, sobretudo nos momentos difíceis. Agradeço, principalmente, ao Bruno, Natalia, Janylle, Lizandra e Raphael, por tudo.

Quero agradecer de forma muito especial ao grupo de estudos *Espaço, Sujeito e Existência – Dona Alzira*, por ter sido lugar de encontros, de troca de ideias, ou seja, um lugar de trocas científicas e muitos sorrisos.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos que recebi pelo período de um ano, que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Ao IESA, Instituto de Estudos Socioambientais, por ser minha casa de estudos desde a graduação e por fim a UFG, Universidade Federal de Goiás.

Muito Obrigada!

EPÍGRAFE

“A Literatura do povo indígena, se encontra nos desenhos, no modelar do barro, na criação do arco e flecha... Literatura não é só palavra, e sim, toda a expressão artística, histórica e cultural” (Valter Bittencourt Júnior).

RESUMO

A forma como os povos indígenas se comunicam com a sociedade nacional ganha uma nova força - a escrita. No decorrer do tempo os povos indígenas utilizavam apenas a oralidade para transmitir suas culturas de geração em geração. A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica de denúncia de diversos tipos de espoliação e de registro da cultura das mais diversas etnias. Neste sentido, o foco que se apresenta nesta pesquisa consiste em investigar as representações de natureza presentes nas obras dos escritores indígenas, sobretudo na obra Sabedoria das Águas, de Daniel Munduruku, autor indígena que mais produziu dentro de um contexto de protagonismo e resistência indígena. Procura-se compreender como e se a atuação, por meio da produção literária, tem reverberado em conquistas políticas para a luta dos povos que representam o conteúdo social e político dos autores dessas narrativas. Compreender como ocorre a aproximação entre Geografia e Literatura, destacando como os geógrafos leem a literatura e por fim analisar se o conceito de natureza apresentado nas abordagens geográficas tem relevância ou não para a perspectiva de Daniel Munduruku. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com base na literatura revista acerca dos temas enunciados, leitura de obras de autores indígenas mencionados, visita a sites, blogs, páginas que apresentam informações e dados sobre a temática. Além de participação em encontro específico sobre Literatura, Geografia e Arte.

Palavras-chave: Literatura Indígena, Geografia e Literatura, Escrita de Daniel Munduruku, Natureza.

ABSTRACT

The way indigenous peoples communicate with national society gains a new force - writing. In the course of time indigenous peoples used only orality to transmit their cultures from generation to generation. Indigenous Literature contributes to the self-assertion of indigenous traditions and culture, ethnic self-assertion denouncing various types of plundering and registering the culture of the most diverse ethnic groups. In this sense, the focus of this research is to investigate the representations of nature present in the works of indigenous writers, especially in the work *Wisdom of the waters* of Daniel Munduruku, an indigenous author who produced the most in a context of indigenous protagonism and resistance. It seeks to understand how and if the performance, through the literary production, has reverberated in political conquests for the struggle of the peoples who represent the social and political content of the authors of these narratives. To understand how the approach between Geography and Literature occurs, highlighting how the geographers read the literature and finally to analyze if the concept of nature presented in the geographical approaches has relevance or not for the perception of Daniel Munduruku. This qualitative research was developed based on the literature reviewed about the topics mentioned, reading of works of indigenous authors mentioned, visits to websites, blogs, pages that present information and data on the subject. In addition to participation in a specific meeting on Literature, Geography and Art.

Keywords: Indigenous Literature, Geography and Literature, Scripture Daniel Munduruku, Nature.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	14
<u>CAPÍTULO I: A FORÇA POLÍTICA DA PALAVRA: UMA LITERATURA DE TERRA E PUNHOS</u>	22
<u>1.1 A luta dos povos indígenas no Brasil</u>	23
<u>1.2 Premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura</u>	35
<u>1.3 Como os geógrafos leem a Literatura</u>	40
<u>CAPÍTULO II: SABEDORIA DAS ÁGUAS: ADENTRANDO NO RIO DA PALAVRA INDÍGENA</u>	46
<u>2.1 As narrativas dos escritores indígenas</u>	55
<u>2.2 Apontamentos e reflexões sobre o conceito de cultura</u>	58
<u>CAPÍTULO III: A NATUREZA EM DANIEL MUNDURUKU: MERGULHO NO O SABEDORIA DAS ÁGUAS</u>	64
<u>3.1 A Natureza em Daniel Munduruku</u>	64
<u>3.2 A Sabedoria das águas</u>	83
<u>3.2.1 O enredo</u>	83
<u>3.2.2 O espaço e o tempo</u>	89
<u>3.2.3 O Narrador</u>	89
<u>3.2.4 Linguagem</u>	90
<u>3.2.5 Personagens</u>	91
<u>3.2.6 Sinopse</u>	92
<u>3.2.7 Importância da obra</u>	93
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	96
<u>REFERÊNCIAS</u>	98

LISTA DE MAPAS

Mapa da vida de Daniel Munduruku.....	47
Mapa Literário: Munduruku e seus prêmios.....	49
Mapa da Localização do Rio Tapajós.....	68
Mapa do Enredo.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Populações Indígenas no Brasil de 1991 a 2010.....	26
Quadro02: População Indígena em áreas urbana e rural no Brasil.....	26
Quadro 03: População Indígena em área urbana e rural por regiões brasileiras.....	27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Distribuição Demográfica dos Povos Indígenas do Brasil..... 26

LISTA DE SIGLAS

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

TIs – Terras Indígenas

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FNILIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

FAMA – Fórum Mundial Alternativo da Água

ONU – Organização das Nações Unidas

INTRODUÇÃO

Com base em estudos realizados por intelectuais, tais como, Maria Geralda de Almeida (2008), Julio Cesar Suzuki (2017), Paul Claval (2007), entre outros, podemos constatar a relevância de pesquisas geográficas sob a mediação ativa da Literatura. Observou-se também que compõem essa vertente, trabalhos com as populações indígenas. Assim, a temática do presente estudo envolve tais povos e suas causas, tratando especificamente, da Literatura realizada por indígenas. Desse modo, pode-se constatar que há estudos recentes que visam mostrar as possibilidades de aproximação entre Geografia e Literatura. Desta forma, esses estudos apontam que essa aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço. Através do diálogo podem promover um aprofundamento nas interpretações sobre a realidade.

Assim, a presente pesquisa visa, de modo geral, investigar as representações de natureza apresentadas nas obras dos escritores indígenas, especificamente as obras de Daniel Munduruku, sobretudo a obra *Sabedoria das Águas*. A escolha por Daniel Munduruku se deu pelo fato de ser o autor indígena que mais produziu, ou seja, é o autor que mais publicou e vem se destacando no cenário nacional e internacional. Já ministrou palestras em vários países da Europa e já ganhou diversos prêmios, tais como o Jabuti. A obra *Sabedoria das Águas* foi escolhida por se tratar de uma obra em que o autor destaca os elementos da natureza, ou seja, a natureza é centralizada na obra, assim, atende ao objetivo geral da presente pesquisa.

Buscou-se também analisar como a Literatura feita pelos escritores indígenas reverbera em contribuições para suas causas. Identificou-se ainda a relação entre Geografia e Literatura, destacando como os geógrafos leem a Literatura. E por fim analisou-se o conceito de natureza, que é um conceito fundamental da Geografia, enfatizando se tal conceito tem relevância ou não para a perspectiva de Daniel Munduruku. Nesse sentido, o problema da pesquisa consiste em responder a seguinte questão: Como os escritores indígenas veem a natureza? E para responder a essa questão podemos recorrer a outros questionamentos, tais como: Como os escritores indígenas, sobretudo, Daniel Munduruku, representam a natureza em suas obras? A Literatura Indígena está contribuindo ou não para as causas desses povos?

As reflexões ensejadas evidenciam a necessidade de conhecer o escritor indígena que é foco da pesquisa. Daniel Munduruku nasceu em Belém (PA), filho de indígena da etnia Munduruku, enfrentou todos os preconceitos de um indígena nas décadas de 1970

e 1980. Passou de um garoto alfabetizado em uma escola missionária, a um dos principais escritores da literatura indígena brasileira, com 42 livros publicados. É formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia. Fez mestrado em Antropologia Social e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de eventos e ministrando oficinas culturais para o público infantil. Atua ativamente em palestras e seminários nos quais ressalta o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Assim, devem-se apontar algumas hipóteses para as questões levantadas. A partir do modo de vida dos povos indígenas pode-se observar que a natureza é vista como fonte total de vida, tanto de sobrevivência, como do espírito e da significação corrente sobre todos os estratos da vida indígena. Esses povos extraem da natureza os alimentos necessários, usam a água para diversos fins, as árvores, os animais, as florestas. A sua relação, assim, ultrapassa o sentido funcional alcançando o sentido encantatório. Daí, a sabedoria das águas. Assim, a hipótese sobre a representação de natureza na perspectiva dos escritores indígenas e especificamente, Daniel Munduruku, é uma representação de Mãe Natureza.

Sobre a questão se a Literatura Indígena está reverberando em conquistas para esses povos, afirmamos positivamente, pois autores como Daniel Munduruku e Eliane Potiguara usam da escrita visando manter vivas suas tradições, seus costumes, suas crenças, seus mitos. São autores militantes. Potiguara, inclusive volta seus escritos para as mulheres, sobretudo as mulheres indígenas, para que essas enxerguem seu lugar na sociedade e que lutem pelos seus direitos.

Lima (2017) aponta que a escrita indígena é um instrumento que carrega em si potência de visibilizar situações silenciadas pela empresa colonizadora. A autora destaca o pensamento de Eliane Potiguara, pois a essa escritora indígena faz uma profunda reflexão sobre sua inserção no mundo. Em um relato autobiográfico ela diz: “Já nasci predestinada a pertencer a uma estatística esmagadora de pobres e excluídos social e economicamente no mundo”. Ou seja, a escritora que é indígena, mulher, mãe, brasileira chama atenção para as mazelas que não são só suas.

Desse modo, a autora divulga por meio de sua escrita o movimento peculiar de vários povos indígenas do Brasil, ou seja, o uso da palavra escrita como forma de luta política e de registro da cosmo visão e memória ancestral dos povos originários que forma o território brasileiro. O mesmo se procede com Daniel Munduruku, além de

elaborar os livros e, na elaboração ajudar a construir a memória de seu povo, os livros lhe abrem portas para falar do seu povo e para criticar a sociedade dominante.

Considerando a importância da pesquisa referente aos povos indígenas como instrumento de luta pelas suas causas, a escritura indígena nos leva a visibilizar as situações que esses povos passaram e passam no decorrer do tempo histórico. A construção da sua história é marcada por sangue, extermínio, expulsão, humilhação, pois enfrentam os interesses econômicos, que, quase sempre, não evidencia a dignidade humana dos povos indígenas.

Nesse sentido, a Literatura Indígena é uma forma de comprometimento necessário na luta dos povos indígenas por terra, território, cultura, educação. O seu intuito é o de contribuir para as mudanças das injustiças sofridas. Isto posto, podemos recorrer ao movimento dos escritores indígenas, que segundo Lima (2016), vem utilizando a escrita para se autoafirmarem, para denunciar diversos tipos de espoliações e também para divulgação de suas culturas.

A escrita passa a ser utilizada pelos indígenas como um instrumento novo, pois a força da oralidade marcou por séculos a forma como as culturas indígenas eram transmitidas no território brasileiro. Os textos desses escritores são narrativas feitas em diversos âmbitos, como contos, crônicas, canções, ritos e rituais, em formato de poesias, e também há relatos autobiográficos.

Tal como se verifica, em geral, na literatura hegemônica atual, a escritura indígena ocorre também por misturas de gêneros literários em uma mesma obra. Nesse contexto, essas produções literárias coletivas evidenciam as particularidades das culturas indígenas tornando-se um material de registro da cultura de cada etnia que colaborou com a elaboração.

Nessa conjuntura, observa-se um fenômeno que ganhou destaque no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas, o surgimento de escritores indígenas individuais, os quais a grande maioria é formada por sujeitos que saíram das aldeias e migraram para as grandes metrópoles, ou seja, são considerados índios urbanos, desaldeados.

Dentre esses escritores destaca-se Daniel Munduruku, o qual sua obra é objeto de análise desse estudo. Lima (2016) aponta que há ausência de referenciais de estudos geográficos que aborde a especificidade na produção literária realizada por escritores indígenas. Desse modo, torna-se relevante investigar como essa produção literária indígena se constitui e se efetiva na conjuntura da luta desses povos e como a Geografia e a Literatura se aproximam, pois segundo a autora a aproximação teórica entre esses

dois campos vem crescendo no Brasil, o que se pode confirmar também nos estudos de Chaveiro e Lima (2016).

Segundo Daniel Munduruku, em entrevista concedida a SescTV, disponível no Youtube, a Literatura Indígena é apenas uma palavra e os indígenas foram aos poucos percebendo que seus textos também era Literatura, no entanto, não é apenas a arte da escrita, mas compreendem a Literatura como parte da cultura indígena, pois segundo ele a cultura indígena não faz separação entre os saberes, com isso a Literatura torna-se parte integrante dos saberes indígenas, como é a dança, o canto, o grafismo, ou seja, todas essas manifestações culturais.

O escritor destaca alguns elementos de estilo e de gênero que são evidenciados por suas narrativas, como a mitologia, as fábulas, a poesia campestre e outras formas. Na entrevista Daniel também menciona que os primeiros escritores indígenas, como por exemplo, Daniel Cabixi buscava utilizar a escrita como enfrentamento. O que nos faz centralizar as pautas indígenas para esses textos.

Destaca também os textos de Eliane Potiguara, primeira mulher indígena a publicar e evidenciar as causas do seu povo nos seus escritos. Por ser nordestina Eliane Potiguarara denuncia em suas obras todo o sofrimento vivido pelos povos indígenas no decorrer da história do Brasil e acabou se tornando porta-voz de seu povo, todavia, teve que se deslocar para o Rio de Janeiro, porque na sua região não podia “ficar falando muito, denunciando muito”, enfatiza Daniel.

Ainda na entrevista o escritor aponta que existe atualmente em torno de 30 autores indígenas e cerca de 150 títulos publicados. E, por fim, ressalta a importância de reforçar a Literatura como indígena e não apenas Literatura. Essa entrevista foi publicada no Youtube, no dia 12 de abril de 2016. Sendo assim, observa-se que os índios estão escrevendo e reescrevendo suas histórias. Pode-se dizer a aldeia se estende graficamente.

Pode-se a partir destes apontamentos constata a relevância social e acadêmica da pesquisa, ressaltando a importância da temática indígena em uma escala ampla, envolvendo fatores políticos e econômicos, os quais os indígenas estão inseridos no contexto brasileiro. Ora, a questão indígena se coloca como dívida social da nação brasileira e ponto de sua memória de violência.

Do principal corpo teórico da pesquisa, parte-se da ideia de natureza apresentada pela Geografia Crítica, ramo da ciência geográfica que se preocupa em fazer uma crítica radical à sociedade capitalista por meio do estudo só espaço. Nesse contexto, os estudos

realizados por Milton Santos (1997) trazem essas reflexões e aponta que a natureza foi transformada em recurso, e como tal, divisível, transformável e monetarizada.

A natureza mudou sua posição no sistema espaço-temporal e sua relação agora não é mais proporcionar dádivas para satisfazer as necessidades humanas, mas tomada pelas técnicas e pela divisão social do trabalho, sendo, portanto, um recurso do processo de produção, satisfazendo as necessidades dos modos de produção. A autora especifica que o que é natureza depende de sua posição como elemento da totalidade espacial dinâmica e de sua relação com os outros elementos.

Santos (1992) reitera que a natureza é o continente e o conteúdo do ser humano, incluindo, os objetos, as ações, as crenças, os desejos, a realidade esmagadora e as perspectivas. Nesse contexto, podemos observar que Daniel Munduruku apresenta como a natureza é vista pelos povos indígenas, pois para esses povos a natureza sempre foi e continua sendo sua sobrevivência nos vários campos, inclusive espirituais.

Porém, com a transformação ocorrida como aponta Santos (1997) os povos indígenas passaram a ser totalmente afetados perdendo aos poucos suas formas de sobrevivência, suas tradições, sua cultura, suas línguas. Ainda, Harvey (2011) faz um esforço para focar a categoria de natureza, assim, trata da questão da influência humana sobre a natureza, evidenciando que a destruição criativa ocorre em geral devido a dominação triunfal do ser humano sobre a natureza. Salienta que o ser humano não domina efetivamente a natureza haja vista, que as consequências ambientais e a extinção de espécies de animais e vegetais repercutem na vida do ser humano. Isso não quer dizer que a natureza é vingativa, nem hostil ou reativa, mas compreende o funcionamento do planeta – e de tudo que possui organismo.

Nesse sentido, podem-se buscar estudos sobre Literatura Indígena e verificar o modo pelo qual os escritores indígenas apresentam a natureza. Para isso, é recomendável construir pressupostos teóricos que aproximem a ciência geográfica com a Literatura. Chaveiro e Lima (2016) constatam que à aproximação entre Geografia e Literatura ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço. Mediante a dialogicidade esses campos podem promover um aprofundamento nas suas interpretações da realidade.

A Literatura contribui, segundo os autores, por ser desprovida de intenções científicas e da obrigação metodológica, assim, o literato pode construir uma seiva de uma imaginação ficcional e sua ferramenta é a palavra escrita, a qual ele age sobre o mundo criando imagens em forma de narrativa. Pode-se observar nas palavras dos

autores como essa contribuição da Literatura ocorre. De acordo com Chaveiro e Lima (2016, p.54)

A Literatura pode ser concebida “como uma escuta e voz do mundo”. Em outros termos: na ficção reside parte da realidade humana, como fantasia, o desejo, a transgressão, os registros do inconsciente, que movem o mundo e traduzem inscrições da cultura que não se enxerga e não transparece nas objetividades das formas espaciais. E na realidade penetra a ficção como força que desafia, tanto limita quanto possibilita a capacidade de criar e transgredir da intenção literária.

Assim, a proposta dos autores ao promoverem essa aproximação entre Geografia e Literatura os conduz a seguinte síntese: tomar a existência, fundada na tessitura da vida, sem levar em consideração como o modo de produção capitalista, pode nos cegar para interpretar as causas sociais e históricas que criam e afirmam as desigualdades sociais, a violência e a produção da pobreza. (Chaveiro e Lima, 2016). Sendo assim, o encontro entre Geografia e Literatura para os autores é uma possibilidade de interseção do todo histórico, ou seja, as formações socioespaciais.

Neste contexto, os pressupostos teóricos privilegiam uma abordagem que envolve a leitura do conceito de natureza, bem como a leitura sobre Geografia e Literatura e também sobre a Literatura Indígena, além de apresentar noções históricas e geográficas do processo histórico dos povos indígenas do Brasil.

A pesquisa desenvolveu-se de forma qualitativa. E baseou-se no levantamento bibliográfico e de fonte de dados acerca dos temas já anunciados. Pensando que o exercício científico só pode ser feito através de um método de interpretação, Gil (2008), refere que o método dialético pode ser entendido como método de interpretação da realidade, ou seja, a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Sendo assim, esse método possibilitou compreender a amplitude das produções literárias desenvolvidas pelos escritores indígenas.

Desse modo, o embasamento teórico-metodológico a ser construído para o entendimento analítico do objeto da pesquisa caminhou no sentido de compreender de forma ampla as representações de natureza apresentadas nas obras dos escritores indígenas, sobretudo na obra *Sabedoria das Águas*, de autoria de Daniel Munduruku.

Sendo assim, a reflexão teórica permitiu analisar a relação entre Geografia e Literatura, permitindo também verificar se essa Literatura está contribuindo para as pautas desses povos que sofreram e sofrem com o processo histórico ao qual foram e

ainda são submetidos. Assim, visando subsidiar o trabalho com argumentos teóricos e empíricos pertinentes atentemo-nos em privilegiar os seguintes procedimentos metodológicos em cada etapa da pesquisa.

Pesquisa bibliográfica a qual se priorizou a revisão bibliográfica física e virtual com relevância para o tema da pesquisa. Sendo assim, buscar-se-á localizar, monografias, artigos de revistas, dissertações e teses, blogs, sites, entrevistas em jornais, revistas, documentários e materiais diversos com conteúdo tanto na forma física como em vídeos publicados nos canais do Youtube visando à abordagem empírica sobre o conceito de natureza e sobre Literatura Indígena no Brasil. Bem como sobre a obra e trajetória do escritor indígena Daniel Munduruku, que norteia todo o estudo acerca da problemática.

Da literatura revista no que diz respeito à Literatura Indígena e da relação entre Geografia e Literatura, atenção especial foi dada a autores como Almeida, (2004, 2009), Lima (2016) Graúna (2003), Lima (2013), Chaveiro e Lima (2016), entre outros. Paralelamente, foi feita uma leitura para a compreensão do conceito de natureza na perspectiva geográfica e a análise fundamentou-se nas abordagens de Santos (1979, 1985, 2002), entre outras obras desse renomado autor.

Com o intuito de entender como os geógrafos leem a Literatura utilizou-se o método da análise contextual proposta por Berdoulay (2003). Segundo o geógrafo francês esse método serve como moldura abrangente para analisar a conjunção lógica interna e do conteúdo da ciência com o contexto no qual o cientista está situado. Desse modo, esse método permite que o geógrafo possa entender as contribuições de outros sujeitos.

Desse modo, a pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado: a força política da palavra: uma Literatura de Terra e punhos. Nesse capítulo foi analisado se a Literatura Indígena tem trazido resultados para as pautas indígenas, se essa Literatura tem reverberado em conquistas para esses povos que tiveram suas terras e culturas expropriadas pelas forças políticas que visam em primeiro lugar o viés econômico, embasados na lógica materialista e mercadológica, sem se preocupar com a preservação dos direitos desses povos, direitos de tradição histórica, verificados nas constituições federais ao longo do tempo. Nesse capítulo apontaram-se também as premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura. Além de mostrar como os geógrafos leem a Literatura.

No capítulo dois intitulado: *Sabedoria das Águas*: adentrando no rio da palavra indígena foi apresentada a obra do escritor indígena Daniel Munduruku *Sabedoria das Águas*, e pode-se apresentar a escrita do autor e como a obra foi processualmente construída. Neste capítulo também foi abordado às narrativas dos escritores indígenas e foi feita algumas considerações sobre o conceito de cultura. E por fim, no capítulo três intitulado: A natureza em Daniel Munduruku: mergulho no livro *Sabedoria das Águas*, no qual é feita no primeiro tópico foi feita a análise do conceito de natureza na obra, *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku e a análise da obra de modo geral visando atender ao objetivo central da pesquisa.

CAPÍTULO I: A FORÇA POLÍTICA DA PALAVRA: UMA LITERATURA DE TERRA E PUNHOS



Atendendo a um dos objetivos específicos desta pesquisa, este capítulo trata das questões indígenas buscando mostrar como o movimento dos escritores indígenas tem reverberado em conquistas para as pautas indígenas e assim pode-se discutir o cenário da Literatura Indígena no atual contexto brasileiro. Demonstrou-se essa Literatura tem reverberado em conquistas para esses povos que são considerados entre os que são gravemente explorados em suas terras e culturas, são também expropriadas pelas forças políticas que visam, em primeiro lugar, o viés econômico, embasados na lógica materialista e mercadológica, sem se preocupar com a preservação dos direitos desses povos, direitos de tradição histórica, verificados nas constituições federais ao longo do tempo.

Assim, Almeida (2009) aponta que a fundação dessa Literatura na tradição oral é de conservação e transmissão de suas histórias. Ao se constituir em voz de questionamentos e ir contra o discurso hegemônico direcionado aos povos indígenas é possível perceber uma nova configuração identitária. Dentre os autores indígenas esta pesquisa foca na análise da obra de Daniel Munduruku, pois ele se destaca entre os escritores indígenas no cenário brasileiro, por ser o que mais publicou e por apresentar ações de militância, pois sua Literatura é eminente política. Sendo política age esteticamente. É, portanto, uma estética que age.

Este capítulo mostra também as premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura, além de mostrar como os geógrafos leem a Literatura.

1.1 A luta dos povos indígenas no Brasil

É pertinente inicialmente apresentarmos sucintamente um pouco da história dos povos indígenas no Brasil e para isso utiliza-se do pensamento de Darcy Ribeiro (1922-1997). Grande pensador social, militante político, antropólogo brasileiro e notório estudioso das populações indígenas do Brasil.

Assim, segundo Ribeiro (1995), a civilização europeia se impôs sobre a população indígena, primeiro, dizimando-os através de doenças e depois através de guerras de extermínio e escravidão, mas esses foram, segundo o autor, apenas os primeiros passos do extermínio genocida e etnocida. O autor aponta que os colonizadores usaram os índios como guias, remadores, lenhadores, caçadores, pescadores, criados doméstico, entre outros trabalhos. Ou seja, os colonizadores viam nos indígenas a força de trabalho que precisavam para prosperar.

Para o autor a resistência indígena pode ser considerada uma das lutas mais longas e mais sangrentas que se já se travou em território brasileiro. Conforme Ribeiro (1995, p.30).

Esse conflito se dá em todos os níveis, predominantemente no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indenes. No ecológico, pela disputa do território de suas matas e riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedor de gêneros exóticos cativos e outros.

Assim, o autor evidencia as terríveis situações as quais foram submetidos os povos indígenas pelos colonizadores, sobretudo, os portugueses. Pois diante da invasão europeia, os índios defenderam até o limite possível seu modo de ser e viver, principalmente, depois que perderam as ilusões dos primeiros contatos pacíficos com os colonos, pois perceberam que a submissão ao invasor representava sua desumanização como bestas de carga (RIBEIRO, 1995).

Desse modo, podem-se constatar as atrocidades que os povos indígenas do Brasil passaram ao longo dos anos, a resistência foi a única forma que eles encontraram para continuar existindo. É resistir para existir. Mesmo enfrentando colonizadores, bandeirantes, fazendeiros, coronéis, muitos povos foram cruelmente dizimados. Não à toa alguns segmentos indígenas dizem que há cheiro de sangue na história do Brasil.

Ainda segundo Ribeiro (1995), para os europeus, os indígenas pareciam apenas belos seres inocentes, ou seja, seres que não tinham noção da realidade que os cercavam, no entanto, com um defeito muito grande, eram “vadios”, não produziam nada, ou melhor, não produziam nada que poderia ter algum valor comercial. Porém, com a descoberta do Pau-Brasil os europeus mudaram o foco dos seus interesses, pois era necessária mão de obra para retirar a madeira.

Por conseguinte, os europeus colonizadores conseguiram usar os indígenas como mãos de obra pra carregar o Pau-Brasil através do chamado “cunhadismo”¹ e assim, conseguiram colocar diversos indígenas para trabalhar na extração da madeira. Mas houve resistências e posteriormente, enfrentamentos físicos e fugas.

Conforme Franca et al (2013), a luta dos povos indígenas começou de fato desde os primórdios da colonização, pois segundo as autoras do início da colonização até meados do século XX, os grupos nativos constituíam a temática de inúmeras obras artísticas, literárias e antropológicas. No entanto, como não houve a preocupação por esses povos serem representados por si próprios, eles permaneceram sendo retratados por um olhar estrangeiro, que se considerava superior.

Ao se posicionar a cultura indígena em um nível inferior à cultura europeia, nota-se claramente que o etnocentrismo vigorava nos primeiros séculos da colonização. Sabe-se que etnocentrismo é um conceito antropológico que “consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo os demais universos culturais diferentes” (CARVALHO, 1997, p.181).

Nesse seguimento, um grupo étnico ou cultural é tomado como referência, declarando as culturas diferentes como “subalternas”. As autoras apontam ainda que entre os séculos XV e XVI, notável pela a expansão marítima europeia, o colonialismo europeu estava fortemente relacionado ao etnocentrismo. Partindo do pressuposto que a Europa correspondia a uma hegemonia mundial e, por muitos anos esta concepção manteve-se predominante, tendo sido, inclusive, ensinada nos livros de história do Brasil. Segunda as autoras, esse pensamento influenciou decisivamente a imagem dos povos dominados nas expedições europeias, uma vez que feriu a identidade cultural do grupo.

¹ Prática pelo qual os europeus conseguiram fazer com que diversos indígenas trabalhassem na extração do Pau-Brasil. Cada aldeia levava uma moça para casar-se com os respectivos europeus, se ele mantivesse relações sexuais com a moça, então tornava-se “cunhado”, e passava a ter sogro, sogra, genros, passava então a ser parente. Assim, os portugueses conseguiram colocar milhares de índios a serviço deles.

Franca et al (2013), aponta ainda que o contato entre portugueses e índios, naquele período foi permeado pela curiosidade e estranhamentos. O que ficou claro nos apontamentos de Ribeiro (1995). A relação entre os povos indígenas e os portugueses Dentro do contexto colonial foi marcado por extrema violência.

Destarte, as autoras destacam que a Literatura Indígena poderá contribuir de forma significativa não para apagar a memória de violência, mas para a preservação e valorização da língua e cultura indígenas, pois segundo as autoras esse movimento dos escritores indígenas vem ampliando a possibilidade de transmissão de conhecimento e interação social e política entre os povos indígenas e a “sociedade nacional”. Para as autoras Franca, et AL (2013, p. 71):

A literatura escrita indígena vai além da publicação de livros com a temática indígena. Ela contém a possibilidade de autorrepresentação de povos que por vezes foram mantidos em categoria secundária no panorama político e cultural nacional. Essas e outras conquistas são frutos da reivindicação dos próprios indígenas. E é nesse cenário que surgem autores como Daniel Munduruku, Olivio Jekupé e Eliane Potiguara, entre outros.

A partir destes apontamentos, é possível destacar que o processo pelo qual os povos indígenas enfrentaram e continuam enfrentando na atualidade reforçam a necessidade de enfatizar as causas desses povos, causas que estão devidamente apresentadas nesta pesquisa. E, conforme as autoras enunciadas a Literatura Indígena deve ser compreendida como um documento capaz de portar a visão de um mundo de um determinado povo, seus hábitos, seus costumes e etc. Assim, a Literatura Indígena é capaz de mostrar para o mundo inteiro a relevância que esse povo atribuiu a sua cultura, aos seus hábitos, aos seus costumes e por fim, ao valor que possuem enquanto povo.

As autoras concluem que o Brasil, por seu processo histórico, deve valorizar as nuances de sua cultura nacional, reconhecendo o devido valor da produção literária indígena. (FRANCA et al, 2013). Pois, ao entender os aspectos que influenciaram seu surgimento, é possível compreender a importância desses documentos e sua contribuição para a cultura nacional. Haja visto, que um conhecimento mais sólido acerca das culturas indígenas pode ser capaz de reduzir e até mesmo extinguir as marcas causadas pelo etnocentrismo. E também, os documentos produzidos pelos povos indígenas oferecem uma nova perspectiva à cultura nacional.

Os povos indígenas que por muitos anos viveram em situação de desvantagem social, possuem ferramentas para reescrever a história do Brasil, a partir da história do

seu povo. Assim, estudar as formas de representação utilizadas por esses escritores indígenas é uma maneira de garantir a preservação da memória desses povos, ao facilitar e beneficiar o acesso à informação a sociedade.

Atualmente, há no território nacional cerca de 305 povos indígenas que ocupam em torno 12 a 13% do território nacional,(Censo, 2010). Devido à violência estabelecida no período da colonização criou-se o processo genocida desses povos, resultando na redução da população. A população indígena encontra-se concentrada na região Norte, seguida da região Nordeste e Centro-Oeste.

Quadro 01: Populações Indígenas no Brasil de 1991 a 2010		
POP. INDÍGENA 1991	POP. INDÍGENA 2000	POP. INDÍGENA 2010
294.148	734,127	896,917
Rural 223.205 Urbana 71.026	Rural 350.828 Urbana 383.298	Rural 572.083 Urbana 324.834
Etnias	Etnias	Etnias
-	220	305
Línguas/ Dialeto	Línguas/Dialeto	Línguas/Dialeto
-	170	274

Fonte: IBGE, 2010

Assim, os dados do quadro 01 mostram que a população indígena no Brasil autodeclarada em 2010 está entre 896. 917, ou seja, cerca de 0,47% da população brasileira, com aproximadamente 305 etnias e 274 línguas e dialetos. Contudo, o quadro 02 mostra como essa população indígena está distribuída em população urbana e rural.

Quadro 02: População Indígena em áreas urbana e rural no Brasil	
POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA URBANA	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA RURAL
Indígenas vivendo em TI 25.963	Indígenas vivendo em TI 491.420
Indígenas vivendo fora da TI 298.871	Indígenas vivendo fora da TI 80.663
TOTAL - 324.834	572,083

Fonte: IBGE, 2010

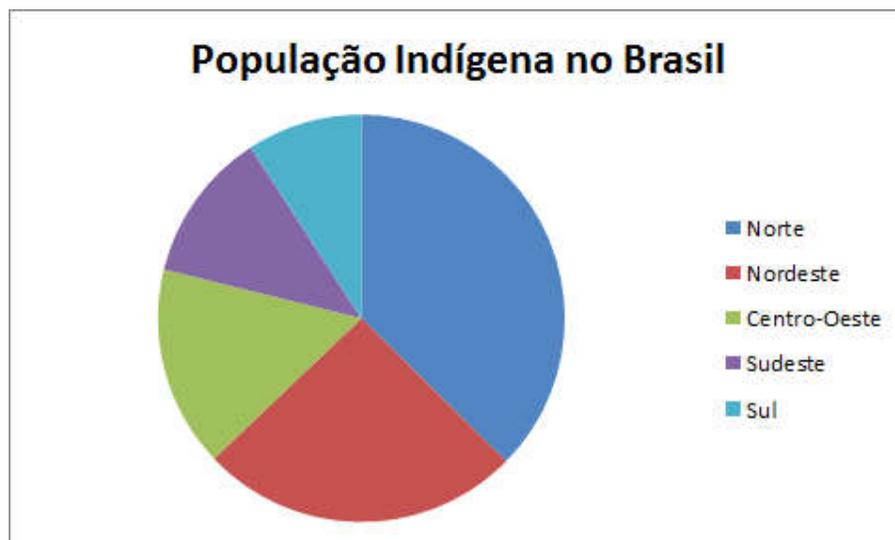
O quadro 03 mostra a quantidade de indígenas que vivem em áreas urbanas e rurais por regiões brasileiras.

Quadro 03: População Indígena em área urbana e rural por regiões brasileiras			
REGIÃO	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA RURAL	POPULAÇÃO INDÍGENA EM ÁREA URBANA	TOTAL
Norte	244,353	61,520	305,873
Nordeste	102,541	106,150	208,691
Centro-Oeste	96,256	34,238	130,494
Sudeste	18,697	79,263	97,960
Sul	40,936	34,009	74,945

Fonte: IBGE, 2010

Logo, observa-se que a maior parte das terras indígenas e dos povos está na Amazônia, e, o restante nas demais regiões brasileiras. Nos estados do Amazonas e Mato Grosso do Sul, habitam, respectivamente, 20% e 9% da população indígena do país.

Gráfico 01



Fonte: IBGE, 2010

Assim, os dados do gráfico acima apontam que cerca de 38% dos povos indígenas do Brasil estão distribuídos na região Norte do Brasil, 26% na região Nordeste, 16% na região Centro-Oeste, 11% na região Sudeste e 9% na região Sul, confirmando o que os quadros evidenciaram.

A violência direcionada a esses povos não parou com o processo de urbanização/modernização do Brasil, pois ainda hoje os povos indígenas sofrem diversos tipos de violência. Conforme relatórios da Organização das Nações Unidas – ONU e do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, houve um aumento no número de indígenas assassinados e as maiorias dos assassinatos estão relacionados aos conflitos pela terra. Conforme o relatório há registros de suicídios, espancamentos, ameaças, entre outras formas de violência e até mesmo mortes de crianças por falta de cuidados necessários. Observa-se que esse quadro de violência não está restrito a zona rural e as terras de povos indígenas.

Nesse sentido, o aumento de pessoas indígenas residindo nas cidades os coloca em situações marginalizadas nos ambientes urbanos somados as dificuldades de adaptação, pois a partir de década de 1960 começou a ocorrer um movimento migratório de indígenas em direção as grandes cidades. De forma bem organizada surge às primeiras tentativas do movimento indígena em busca de segurança física e cultural de todos os povos indígenas do Brasil.

Segundo Lima (2016), o movimento indígena ganhou força a partir da década de 1980, aliados a igreja, organizações não governamentais e Universidades obtendo uma conquista significativa com a constituição de 1988, que marcou uma virada na relação dos povos indígenas com o Estado brasileiro. A cultura indígena e garantias de territórios foram asseverados nessa constituição. As principais pautas dos povos indígenas nesse momento histórico segundo a autora estão voltadas para a questão do direito a terra e a educação. Para Lima (2016, p. 41)

Não à toa que o movimento de indígenas em busca de uma literatura com responsabilidade étnica ocorre justamente com a sua migração das aldeias para as cidades e tem força nas regiões metropolitanas, como de São Paulo e Rio de Janeiro. Morando nas cidades, enfrentando o processo de fragmentação identitária, acossados por um modo de vida diferenciado da origem, os escritores indígenas buscam na literatura uma afirmação de origem, uma solidez identitária, embora sendo atravessados e influenciados pelo mesmo regime que os dispersa, os distancia de seu povo.

A partir destes apontamentos da autora é possível observar que o movimento dos escritores indígenas tem sido muito importante para as questões pelas quais esses povos lutam. A questão indígena defendida e pensada pelos próprios indígenas situou-se na seguinte condição: o processo de modernização criou condições de invasão das terras, do território, da língua e da cultura indígenas, o que golpeou a sua autonomia, forçando uma inserção subordinada na vida social urbana, a palavra escrita, assim como a organização política foram os modos encontrados para a inserção no contexto global tivesse um mínimo de autonomia.

Potiguara (2004) aborda essa questão especificando as lutas da mulher indígena. A obra descreve os valores destruídos pelo poder dominante e a força da ancestralidade em lutar por suas causas, seus costumes, a força das tradições mediante o consumismo e a exclusão social. Trata-se também da luta do movimento indígena e sua migração por causa da violência à sua cultura e suas consequências. A autora trata do papel fundamental da mulher indígena no contexto cultural.

Ainda Potiguara (2004) utiliza da força da palavra, da força da escrita para lutar pelas causas dos povos indígenas, através de relatos autobiográficos e poemas de autoria própria. A autora apresenta histórias de lutas dos povos indígenas para manter sua cultura tão subjugada a partir de uma perspectiva feminina. Destarte, a autora busca conscientizar as pessoas sobre a questão indígena e sobre o papel que os indígenas podem desempenhar em uma sociedade multicultural. É pertinente destacar que Potiguara objetiva também com suas obras conscientizar as mulheres indígenas sobre suas condições na sociedade.

Com o intuito de aprofundar as análises sobre a temática, torna-se pertinente introduzir apontamentos do escritor indígena Daniel Munduruku, objeto de estudo desta pesquisa sobre as lutas desses povos e como ele enxerga as contribuições da Literatura Indígena para suas causas.

Como foi dito, o sofrimento pelo qual os povos indígenas foram e ainda são submetidos é algo imensurável, pois estes povos tiveram suas terras e culturas expropriadas por aqueles que Daniel Munduruku chama de invasores, caçadores de riquezas e de almas. Na ânsia de alcançar mais riqueza, passaram por cima da memória e foram escrevendo no corpo dos vencidos uma longa história de dor e sofrimento. Muitos povos indígenas ficaram sem terras, sem teto, sem história e sem humanidade. Assim, as lutas de resistências desses povos pela terra e suas tradições se mantêm e se

fortalecem. E conseqüentemente, surgem diversos empecilhos para os indígenas que buscam na palavra uma forma de luta. Munduruku (2010, p.67)

(...) povos indígenas inteiros tem sofrido as conseqüências de viver em contato permanente com uma sociedade que lhes prendem em conceitos que os tornam menores e marginalizados. A isso se inclui a negação da identidade cultural. Se, por um lado, manter-se indígena é condição fundamental para o reconhecimento étnico – pois assim a sociedade complexa pode manipulá-lo – aprender e conviver com a sociedade em igual condição é considerado um abandono de identidade. Em outras palavras: se vou para a universidade e compreendo a lógica do ocidente, acabo desqualificado como membro de uma sociedade indígena. Ser indígena, na lógica ocidental, é manter-se no atraso cultural. Ao pertencer ao mundo globalizado, perco minha afirmação étnica. Essa forma de pensar tem ocasionado sérias crises de identidade em nosso meio. (...) As conseqüências disso são o sofrimento, a dor, o suicídio.

Nessa lógica, sob um viés indígena, a memória dos povos nativos retrocede ao passado colonial brasileiro. Desse modo, segundo o autor, o presente destes povos é legitimado por experiências do passado. E está enraizado no pensamento contemporâneo. Assim, a Literatura pode contribuir no sentido de aproximar as culturas indígenas e fortalecer as lutas desses povos.

Conforme Munduruku, em entrevista concedida ao Instituto Ecofuturo, a Literatura feita por escritores indígenas tem como foco ajudar seu povo a usar a escrita como porta-voz, a escrita é a força política da palavra. E à medida que isso for acontecendo aquilo que era apenas um murmúrio irá se tornar um grito consciente e consistente. Para ele a escrita é um procedimento cultural. Os índios aprendem a escrever e o que os escritores indígenas precisam fazer é uma ligação entre o pensamento que domina a cultura e a escrita que aciona e mobiliza esse pensamento. O autor aponta que isto é uma questão de tempo e de treino. Os escritores indígenas, segundo ele, já possuem a parte mais difícil, o conteúdo a ser escrito. Com frequência a sua mente é um arquivo de histórias de rios, animais, plantas, vida coletiva.

Para que a literatura realizada por escritores indígenas tenha força, Daniel Munduruku considera que é necessário estimular seus parentes indígenas a colocarem seus pensamentos no papel e dar a ele uma forma literária, acadêmica ou apenas uma reflexão. E quando esses textos chegarem de forma inteligível à sociedade, Munduruku considera que seja essa a forma de contribuição da literatura indígena para diminuir a exclusão social que esses povos ainda estão submetidos.

Neste sentido, a literatura realizada por indígenas na perspectiva de Daniel Munduruku, é o conjunto de manifestações culturais que são reproduzidas pelos próprios indígenas em seus rituais, desenhos, cantos, dança, rezas. É um código que a

sociedade não indígena precisa aprender para poder compreender a diversidade dos povos indígenas, sua riqueza cultural, seu modo de vida.

Assim, esses escritores buscam adentrar o universo da Literatura Ocidental seguindo os cânones que são impostos, sendo necessário dominar a escrita para poder utilizá-la a favor do indígena, no entanto, esses escritores se preocupam em criar um jeito próprio de se comunicar a partir de instrumentos não indígenas. Esse é um ponto crucial. A escrita por ser um cânone ocidental e a oralidade por ser o centro da cultura indígena se cruza e se intercambiam.

Um ponto relevante que Daniel Munduruku trata é a questão dos estereótipos pelos quais os povos indígenas ainda são vistos pela sociedade brasileira, como por exemplo, a visão dos indígenas como preguiçosos, atrasados, incompetentes no uso da terra, desumanos entre outros. É estranho conceber que numa sociedade que possui mais de 300 povos indígenas tais estereótipos estão enraizados no inconsciente nacional. A mídia, todavia, tem muita responsabilidade nisso e segundo o autor até mais que as escolas. Nesse sentido, o brasileiro precisa conhecer a verdade que ensinam para ele. Desse modo, a Literatura Indígena pode ajudar nessa questão. Tem, portanto, um objetivo pedagógico.

O papel da Literatura Indígena, portanto, segundo o autor, é ser a portadora da boa notícia do reencontro, pois ela não destrói a memória na medida em que a reforça e adiciona ao repertório tradicional a outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensamento ancestral. Assim, pensar a Literatura Indígena, para o autor, é pensar o movimento que a memória faz para apreender as possibilidades em mover-se em um tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam.

O silenciamento da memória, o seu apagamento, ou o seu extravio significa, no campo político, fechar os olhos à violência que constituiu o país. Significa também ler o Brasil de maneira parcial desconsiderando as mais de 200 línguas, a diversidade da culinária, das crenças, dos cantos e dos modos de vida. A memória é também uma forma de afirmação da identidade: sem se saber o que foi não se sabe o que é; sem se saber o que é não se pode agir com discernimento.

Desse modo, Dorrico et al, (2018) salienta que a Literatura Indígena contemporânea desenvolvida a partir da década de 1990, é um dos fenômenos políticos-culturais mais importantes da nossa esfera pública e se insere na dinâmica ampla de ativismo, de militância e engajamento de povos historicamente marginalizados e invisibilizados por parte da sociedade. Essa Literatura é mais um passo da luta por um

protagonismo público, político e cultural enquanto núcleo de sua reafirmação como grupo, em consequência, do enfrentamento da situação de exclusão e violência.

Os escritores indígenas aliam-se diretamente ao movimento indígena brasileiro, que emerge em meados de 1970, com a intenção de publicitar e, em consequência, de politizar a luta dos povos indígenas no país, como forma de reação aos projetos de expansão socioeconômicos dinamizados pelos governos militares nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Nessa lógica, os autores apontam que a Literatura Indígena não é um fim em si mesmo, senão um meio para práxis político-pedagógico de resistência, de luta e de formação em que as diferenças assumem o protagonismo central e escrevem outras histórias do Brasil, seu passado e presente, convidando os leitores a pensarem o país a partir de sua condição histórica e como diferenças. Na fala dos autores Dorrico et al (2018)

Além de um fenômeno estético-literário singular, merecedor de avaliação e de publicização, além de uma estrutura pragmática alternativa às formas pragmáticas calcadas na racionalização, à literatura indígena é também práxis político-pedagógico, de resistência e de luta, pela militância e engajamento das próprias vítimas de nossa modernização conservadora.

Destarte, os autores expõem vários textos produzidos pelos próprios escritores indígenas, os quais relatam todo esse processo pelo qual passaram e passam no decorrer da história. Relatos de escritores como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, entre outros, palmilham a estrada infinita do passado. No texto de Ailton Krenak² o autor relata em sua fala que ocorreu em uma conferência apresentada em um seminário organizado pelo Museu Nacional, em 2002, alguns fatos que marcaram a história de seu povo. O autor começa enfatizando que oportunidades como esta é muito rica para ele, pois deseja compartilhar com o mundo as ideias que tem difundido durante muitos anos, expondo o que pensa a respeito da relação que o Estado brasileiro mantém com as tribos. Krenak (2002) diz:

Lembro, em primeiro lugar, que as raízes da história do Brasil estão fundadas na guerra de conquista do Estado se consolidando em cima dos nossos territórios, tomando os nossos lugares de riqueza e de fartura e nos reduzindo a lugares que são chamados de parques, de reservas, aldeias ou terras indígenas. Isto já é uma redução absoluta do sentido de liberdade, de soberania e de qualidade de vida que o nosso povo sempre experimentou e

² Liderança, intelectual e escritor indígena da etnia Krenak. Publicou, entre outros, os seguintes livros: O lugar onde a Terra descansa (Eco, 2000), Encontros (Azougue Editorial, 2015), Ailton Krenak, (Azougue Editorial, 2017). Contato: ailtonkrenak@gmail.com

viveu durante gerações e gerações. Perder os territórios, perder a tranquilidade e perder o sossego foi o fruto para o nosso povo desta construção do Brasil, sendo que muitas de nossas tribos pagaram com suas vidas este processo de construção da nação brasileira. Historiadores de respeito deste país, como Sérgio Buarque de Holanda, sempre reconheceram que seria impensável a fundação da nacionalidade e da ideia de Brasil se ela não estivesse apoiada na riqueza cultural e material, na grande herança que nós, os povos indígenas, legamos. Não fizemos isso de livre e espontânea vontade, pois fomos esbulhados na maioria das vezes por relações de desigualdade e roubo. Todos reconhecem a importante contribuição das sociedades indígenas, que o nosso povo deu e continua dando, sendo solicitado a integrar a nação para pagar a conta deste Brasil cuja camisa verde e amarelo todo mundo gosta muito de vestir, de subir em carroceria de caminhão e gritar, mas não gostam de pagar a conta.

Pode-se observar na fala do autor indígena sua indignação com a história de injustiça pelas quais seu povo passou e continua a passar. É um discurso que aponta as principais causas desses povos e a forma como sempre foram tratados no contexto da história do Brasil.

Munduruku, em seu texto “*Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória*”, salienta a maneira pela qual os povos indígenas passaram usar a escrita como forma de transmitir sua cultura, seus hábitos, seus costumes. Aponta que a memória é, ao mesmo tempo, passado e presente que se encontra para atualizar os repertórios ou possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que por sua vez, abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo da história. Os apontamentos do autor reafirmam todo esse processo de luta e resistência que os povos indígenas enfrentam.

Nesse sentido, a Literatura Indígena visa, sobretudo, a enunciação da expressão indígena e para a reafirmação do caráter de resistência, pois a Literatura Indígena direciona as vozes silenciadas ao longo dos mais de 500 anos de colonização. O dizer pede passagem e respeito, reivindicam direitos e age esteticamente. É, portanto, um dizer real e imaginativo, vai à floresta e a estampa nas metrópoles e no mundo urbano.

Dorrigo, (2018) salienta que essas vozes indígenas na Literatura Brasileira revelam uma potência narrativa que protagoniza o sujeito indígena na Literatura e em outros segmentos, como as artes plásticas, na música, na crítica literária, na política etc. Assim, os autores indígenas podem ressignificar a representação realizada por outrem, desde o século XIX, responsável por apedrar no imaginário da nação brasileira um estereótipo alheio e negativo sobre eles.

Desse modo, Dorrico (2018) aponta ainda que a Literatura Indígena brasileira contemporânea comporta uma multiplicidade de autores e de vozes, de temas, de

resistência e, sobretudo, de uma autoexpressão criativa irrigada e orientada pela ancestralidade e pelas tradições indígenas. Nesse sentido, a autora aponta algumas obras da escritora indígena Eliane Potiguara que evidenciam as causas da mulher indígena. De acordo com Dorrico, (2018, p. 246)

A voz em tom de resistência nos versos do poema *Identidade Indígena* enuncia poeticamente às futuras gerações que nascerão guerreiras capazes de lutar contra a marginalização e a pobreza, contra os registros históricos que silenciam ou descaracterizam os sujeitos indígenas; em favor da demarcação de suas terras, da valorização das florestas e da possibilidade de serem reconhecidos, não de modo pretenso pela sociedade, mas como sujeitos dignos em sua cultura, memória e tradição.

Como se leu, a autora destaca que a obra *Identidades indígenas*, foi escrita em 1975, e apesar de ser um poema atemporal, prenuncia um conjunto de guerreiros resistentes e orgulhosos de sua etnia, de seu povo, de sua ancestralidade, lutando por pautas políticas culturais em favor de si e dos povos indígenas do Brasil. Ainda Dorrico (2018, p.247)

À luz da valorização da diferença, dos direitos das minorias, percebemos que a obra *Metade cara, metade máscara* integra um movimento literário, de autoria indígena, contemporâneo no país. E, nesse diapasão, pensamos ser Eliane Potiguara uma dessas guerreiras que, por meio da escrita, da publicação, do livro literário, luta em favor das causas inerentes aos povos indígenas no país. Pela vida que esta, sobretudo, representada na obra e de onde se inicia este projeto, e pela voz, criativa, metonímica e ancestral, o projeto literário de Eliane Potiguara enfatiza a mulher indígena na beleza, na força, na sabedoria e na resistência aos projetos coloniais e neocoloniais, dando forma a uma linguagem em prosa ou poesia, em diálogo intercultural, cuja matriz está em sua memória e na de seu povo, e que podemos acessá-la tão somente pela propriedade intelectual e autoral dessa guerreira, mulher indígena, no presente.

Os apontamentos da autora revelam como a Literatura Indígena está reverberando, ou melhor como a Literatura Indígena está sendo utilizada como instrumento de resistência em favor das culturas e das tradições dos povos indígenas do Brasil. Dorrico, (2018) aponta ainda que o projeto literário de Daniel Munduruku alia-se ao sentido político dos povos indígenas atuando em dupla via: o de autoafirmação da alteridade intrínseca à criação e a de resistência política que destaca o direito a um lugar na sociedade brasileira e também pelo direito à expressão na literatura, nas artes, no cinema e em outros segmentos.

A autora aponta ainda que a tarefa do projeto literário de Munduruku é reeducar as novas gerações brasileiras para que consigam olhar para seu povo com a dignidade que merecem. O projeto literário de Daniel Munduruku reúne desde 2003 escritores indígenas para discutir os caminhos dessa manifestação no país. Esses escritores se reúnem no salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

A autora reitera que se o intuito de Munduruku é centralizar-se na educação do “branco” através da desconstrução e da correção de ideias românticas ou exotizadas acerca dos povos indígenas, por outro lado, percebe-se que ela tem dinamizado aos indígenas do país o orgulho de pertencerem a uma nação indígena na valorização dos saberes e da ancestralidade, contrário ao modo de vida eurocêntrico.

A análise da autora conclui que a Literatura Indígena contribui para a pauta dos povos indígenas na medida em que os escritores indígenas apresentam em suas obras verdadeiros testemunhos acerca da necessidade de preservação de sua cultura, de seus hábitos e costumes. Ao fazerem uma profunda conexão com suas comunidades de origem e com o movimento indígena. Essa literatura torna-se um caminho de conexão entre povos indígenas que estão nas aldeias e povos indígenas que estão nas cidades.

Espera-se que aqueles que tenham acesso às obras da literatura indígena, desde textos virtuais a livros publicados, percebam que as palavras ancestrais fazem parte da identidade nacional e da história da nação brasileira.

1.2 Premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura

Das premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura pode-se constatar os estudos de Chaveiro e Lima (2016) os quais evidenciam que a aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço e que através do diálogo podem promover um aprofundamento em suas interpretações da realidade. Esse aprofundamento pode ter vários lados. Para os povos indígenas um chamado para valorizar a sua cultura e para não se dissolverem na cultura urbana. Para os *Outros* a reivindicação do respeito aos direitos indígenas.

A Literatura contribui, segundo os autores, ao ser desprovido de intenções científicas e da obrigação metodológica, assim, o literato pode construir uma seiva de uma imaginação ficcional e sua ferramenta é a palavra escrita, a qual ele age sobre o mundo criando imagens em forma de narrativa. Pode-se observar nas palavras dos

autores como essa contribuição da literatura ocorre. Chaveiro e Lima (2016, p.54) apontam:

A literatura pode ser concebida “como escuta e voz do mundo”. Em outros termos: na ficção reside parte da realidade humana, como fantasia, o desejo, a transgressão, os registros do inconsciente, que movem o mundo e traduzem inscrições da cultura que não se enxerga e não transparece nas objetividades das formas espaciais. E a realidade penetra a ficção como força que desafia, tanto limita quanto possibilita a capacidade de criar e transgredir da intenção literária.

Assim, a proposta dos autores ao promoverem essa aproximação entre Geografia e Literatura os conduz a seguinte síntese: tomar a existência, fundada na tessitura da vida, sem levar em consideração o modo de produção capitalista, pode nos cegar para interpretar as causas sociais e históricas que criam e afirmam as desigualdades sociais, a violência e a produção da pobreza (Chaveiro e Lima, 2016). Sendo assim, o encontro entre Geografia e Literatura para os autores é uma possibilidade de intersecção do todo histórico, ou seja, as formações socioespaciais.

Lima (2016) ao tratar da aproximação entre Geografia e Literatura aponta que quando se adentra aos estudos do pensamento geográfico percebe-se que a Literatura sempre foi uma forma de interpretação geográfica. E, ao resgatar alguns apontamentos sobre os rumos que o pensamento geográfico tem-se direcionado, a autora reitera que a Literatura, na sua diversidade de gêneros, oferece recursos simbólicos para a leitura do espaço, do lugar e do sujeito. A autora reforça que a aproximação entre Geografia e Literatura promove a ampliação intensiva nas formas de ler e interpretar o espaço e os sujeitos.

A autora destaca ainda que os estudiosos que trabalham com a interface e a aproximação entre Geografia e Literatura precisam estar conscientes que este campo, apesar do aumento quantitativo e qualitativo das pesquisas, passa por um enfrentamento, pois é um campo que necessita ser respeitado em um quadro hegemônico, o qual desde o século XVIII busca transformar a ciência em uma força produtiva do capital.

Por isso, esses estudiosos precisam de força para debater contra, segundo a autora, algumas suspeições, a mais forte é de considerar os trabalhos relacionados à aproximação entre Geografia e Literatura algo menor. E outra suspeita é no que diz respeito ao método, pois a narrativa literária é considerada antagônica da científica.

No entanto, quando se entra na história do pensamento geográfico percebe-se em trabalhos de viajantes, naturalistas e expedicionários, que a literatura sempre foi uma fonte de interpretação geográfica e que grandes pensadores do campo geográfico não separaram a narrativa geográfica da narrativa literária, nas interpretações de paisagens, territórios, regiões e espaços.

Ainda Lima (2016) evidencia que é importante destacar que a aproximação ativa entre Geografia e Literatura não permite confundir esses dois campos, muito menos criar uma medida hierárquica, mas promover uma ampliação intensiva no modo de ler o espaço e o sujeito. Assim, pode-se apontar como premissa, segundo a autora, o pressuposto de que a mediação entre Geografia e Literatura concebe a narrativa literária e seus estilos, características, composições, conteúdos e de forma especial seus sentidos, usos e apropriações como partes objetivas do mundo.

Lima (2013) também trata dessa temática e explica que o trabalho ficcional – literatura – de acordo com suas características é implicado pela dinâmica socioespacial. Assim, contribuí para as leituras e interpretações geográficas. Vale enfatizar que a autora faz um levantamento do Estado da Arte sobre o tema Geografia e Literatura a partir da coleta de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ministério da Ciência e Tecnologia e com esse estudo constatou-se que a maioria dos trabalhos é realizada no campo da Geografia, ou seja, os geógrafos estão buscando maior contato com a Literatura do que o contrário.

O fortalecimento da aproximação entre Geografia e Literatura atualmente no Brasil ocorre a partir de estudos realizados pelos seguintes estudiosos: Eduardo Marandola Jr. (Unicamp), Maria Geralda de Almeida (UFG), Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUCMG), Cássio Viana Hissa (UFMG), Cláudio Benito Ferraz (UFGD/UNESP), Lúcia Helena Gratão (UEL), Carlos Augusto Monteiro (UFSC), Roberto Lobato Corrêa (UERJ), Júlio César Suzuki (USP), Eguimar Felício Chaveiro (UFG) entre outros. A partir dos estudos desses autores foi criado o núcleo de pesquisa *Geoliterart*, com sede na USP, com o objetivo de abrigar o conjunto de debates de pesquisas sobre o tema.

Lima (2013) aponta ainda que as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Geografia e Literatura abordam das categorias geográficas: paisagem, fronteira, espaço, lugar e cidade. O crescimento nacional e internacional desse campo se junta a outros campos, entre os quais a geografia urbana, agrária, cultural.

Chaveiro (2015) salienta que a aproximação entre Geografia e Literatura pode contribuir para que os geógrafos pensem a geografia como dizer e questionem o dizer da

geografia, pois para o autor buscar defender uma dizibilidade além de superar os esquemas abstratos e burocráticos da escrita geográfica, podem-se constituir modos de interpretar a dramaticidade das formas de existência na sociedade contemporânea. Ainda, enfatiza em seus estudos os pressupostos de que a voz literária pode enriquecer a ação científica e pode contribuir para a teoria do conhecimento que almeja romper as dualidades entre subjetividade e natureza, espaço e sujeito.

Para o autor a aproximação entre Geografia e Literatura em termos de estrutura de linguagem e de organização das esferas do conhecimento, expressa o entrançar do conceito, criado dentro da academia, ao mundo da experiência humana. Na experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho literário. Desse modo, pode-se concluir que para Chaveiro (2017) a literatura apresenta possibilidades para a geografia, para o geógrafo questionar o dizer da geografia, saindo da burocracia do mundo acadêmico e também valer-se da experiência da narração provenientes da literatura. De acordo com Chaveiro (2017, p.49)

A aproximação com a literatura pode clarear ao geógrafo o problema e o desafio do dizer, pois a literatura, por meio da ficcionalidade permite intensificar o olho nas situações humanas, nas sutilezas, nos embaraços, nos sutis movimentos, contribuindo para alargar a compreensão da singularidade do sujeito – e de sua irredutibilidade. O encontro entre geografia e literatura pode ensinar que não há gesto pobre, pode haver narrativa frágil. Ensina também a face simbólica das paisagens e do espaço, face que acomete a vida humana em todas as situações.

Destarte, é pertinente destacar como essa aproximação entre Geografia e Literatura se originou. Suzuki (2017) aponta que essa aproximação teve início em meados do século XIX, com as discussões propostas por Humboldt, porém é somente na primeira metade do século XX que alguns autores franceses, ingleses e norte-americanos começaram a indicar em suas obras a pertinência da aproximação entre Geografia e Literatura em análises geográficas. O autor destaca ainda que no Brasil as discussões relacionadas à geografia e literatura também se iniciaram com voz francesa, no caso, a de Pierre Monbeig, em 1940.

Desse modo, segundo o autor as análises geográficas de textos literários proliferam-se abundantemente. No Brasil, essas análises multiplicaram-se principalmente na última década. Assim, observa-se que essa aproximação entre Geografia e Literatura vem se consolidando e se tornando cada dia mais pertinente à

medida que vai surgindo trabalhos que comprovavam tal sua importância para os estudos tanto geográficos quanto literários.

Suzuky (2017) aponta ainda que de acordo com as análises de Monbeig (1940) o estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura, mostra-se fornecedora de informações e enriquecedora de descrições, o que permite uma ponte de aproximação entre as duas ciências. E destaca que Monbeig é contundente ao afirmar que “a geografia deve ser literária sem, entretanto cair na literatura”, o que, segundo Suzuky (2017) direciona os geógrafos para a necessidade de pensar a escrita geográfica, que deve valorizar o texto e a linguagem, no entanto, sem ser literatura. Assim, os geógrafos devem ter atenção redobrada ao escrever um texto com essas características, pois a literatura possui uma complexidade de formas de interpretar o mundo.

Assim, Suzuky (2017) apresenta uma série de simpósios que tiveram trabalhos com temas direcionados à aproximação entre Geografia e Literatura e constata que a riqueza de estudos é abundante. Ainda Suzuky (2017, p.139)

A riqueza de estudos relacionando Geografia e Literatura é enorme, como foi possível ser capturado por Eduardo Marandola Júnior e Lívia de Oliveira (2009), em sua multiplicidade em termos de abordagens e escopos (enfoques): leitura realista; conteúdo geográfico; espaço telúrico e imaginação da matéria; percepção e experiência ambiental; paisagens vividas e significadas; paisagens culturais e representações; sentido do lugar; experiência espacial do autor; espacialidade e temporalidade; geografias simbólicas e criadas; e espaço romanesco.

Desse modo, percebe-se que essa riqueza apresentada pelo autor é inquestionável, pois mostra as diversas possibilidades que essas análises oferecem ao que diz respeito às leituras do espaço, do sujeito, do território, e da paisagem. Contudo, Suzuky (2017) aponta cinco abordagens principais que trabalham com esse enfoque, são elas: as abordagens da *Geografia humanista, cultural e fenomenológica*, que trata, segundo o autor, de simbolizações, experiências e vivências. A abordagem da *Geografia e estética literária* em que se observam atributos da obra literária. A terceira abordagem é a de *Literatura e ideologias*, que apresenta os seguintes enfoques: formação espacial, ideologias espaciais e projeto de nação. A quarta abordagem, conforme o autor é a *Reprodução de relações sociais*, que foca na temática das desigualdades sociais e por fim a quinta abordagem é a *Geografia, Literatura e Ensino*, que se preocupa com a didática, metodologias de ensino e com a Educação Básica.

Diante dessas abordagens Suzuky (2017), alerta que seus respectivos enfoques não devem ser compreendidos como absoluto por haver mais anomalias entre as

tendências de mediação entre Geografia e Literatura que separações radicais entre as perspectivas de análise. Assim, a apresentação que se faz tem a pretensão de ser um instrumento didático de aproximação em relação às abordagens e aos enfoques, ao invés de uma rigorosa classificação de autores e leituras. (SUZUKY, 2017).

Observa-se que das abordagens apresentadas por Suzuki (2017), há uma que tem como objetivo cuidar do ensino de geografia e pode-se destacar que a Literatura contribui para o ensino de Geografia por oferecer subsídios para a desconstrução da educação tradicional que ainda persiste nas aulas de Geografia. A Literatura pode revelar os mais diversos aspectos da vida humana e assim torna-se uma importante aliada ao ensino de Geografia por ajudar na compreensão do ser humano com o espaço, do ser humano com a natureza. Com base em tudo que já foi mencionado neste trabalho, é possível afirmar que as obras literárias são capazes de construir e compreender o espaço, a natureza, o território, o lugar. O que proporciona ao leitor perceber uma realidade distante através das narrativas.

Portanto, a Literatura ao descrever a relação entre o ser humano e o espaço possibilita também que o leitor faça uma leitura da sua própria realidade. Nesse sentido, o leitor pode se reconhecer nas personagens e identificar elementos com os quais se identifique e esses elementos podem estar relacionados às várias vertentes da vida humana, tanto social, cultural ou econômica. Assim, ao ler e analisar uma obra literária cada leitor poderá fazer diversas análises espaciais.

Destarte, percebe-se que diversas obras literárias brasileiras possibilitam análises e interpretações do espaço geográfico, tais como: *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, que apresenta como abordagens geográficas a paisagem e as relações sociais no Rio de Janeiro no século XIX e também a influência da classe burguesa na sociedade carioca. *O cortiço*, de Aluisio de Azevedo, que apresenta como abordagens geográficas as transformações das paisagens urbanas no Rio de Janeiro e as relações sociais do século do século XIX. *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, que apresenta como abordagem geográfica o contexto social do Nordeste e a religiosidade do nordestino. Sem falar nas obras goianas analisadas por Angelita Pereira de Lima em sua tese de doutorado. A autora analisa as *A Centopeia de Neon*, de Edivaldo Lourenço e *Os cordeiros do Abismo*, de Maria Luísa Ribeiro e, apresenta como abordagem geográfica o sujeito e a existência e o contexto da metropolização de Goiânia. Estes são alguns exemplos de obras literárias que podem ser analisadas pelo viés geográfico. No entanto, vale ressaltar que existem inúmeras narrativas que apresentam abordagens geográficas.

Desse modo, observa-se que a aproximação entre Geografia e Literatura oferece possibilidades para a leitura e interpretação do espaço, das paisagens. Possibilita ao geógrafo sair do mundo acadêmico burocrático, ampliando e intensificando as leituras do espaço geográfico.

1.3 Como os geógrafos leem a Literatura

Também é preocupação deste trabalho mostrar como os geógrafos leem a literatura e especificamente a Literatura Indígena e para realizar esta tarefa faz-se uso do método da análise contextual de Berdoulay (2003), e segundo esse método para os geógrafos leem e interpretarem as narrativas literárias é importante que sigam seis passos fundamentais. Sendo eles: 1º) A produção interna do texto tem haver com o contexto social. 2º) Há sempre permanências e há sempre mudanças. 3º) Não há dicotomia entre os fatores internos e externos. 4º) Não há superioridade de um texto. 5º) Identificar no texto as principais questões do mundo. 6º) Verificar mais que no enunciado as razões do texto.

De acordo com o método da análise contextual de Berdoulay (2003) esses são os passos que os geógrafos utilizam para ler a literatura. Assim, com o primeiro passo os geógrafos percebem que na produção literária, a construção interna do texto tem haver com o contexto social, o geógrafo observa os elementos do texto que indicam o contexto social a qual o autor está inserido.

No caso das obras dos escritores indígenas pode-se observar o contexto social que estes autores estão inseridos. Como por exemplo, a migração dos índios para as grandes metrópoles, estes índios tornam-se desaldeados, ou seja, saem das aldeias e vão para as metrópoles em busca de melhores condições de vida. Assim, segundo a abordagem contextual, o contexto, então, explica melhor a originalidade da síntese de uma série de ideias sustentadas por um indivíduo ou por um grupo.

O principal fato que causou a migração dos indígenas para as metrópoles foi o processo de urbanização do Brasil, tal processo teve início no século XX, a partir da industrialização, o que intensificou o deslocamento da população rural para as áreas urbanas, pois gerou muitas transformações socioespaciais no país, dentre elas destacam-se: o crescimento da quantidade de cidades, o desenvolvimento das redes de transporte e comunicação, que passaram a interligar todas as regiões do Brasil, o crescimento desordenado do espaço urbano, que crescia sem nenhum planejamento, provocando

diversos problemas ambientais e estruturais, a formação de favelas, nas quais a população de baixa renda se fixava em razão da baixa valorização dos terrenos, a acentuação das desigualdades sociais nos centros urbanos.

No caso dos povos indígenas não foi diferente, o processo de urbanização do Brasil gerou diversos problemas para esses povos, tais como os conflitos desencadeados para a expansão das áreas urbanas, a expropriação de suas terras, entre outros. Com isso, a situação desses piorou e muitos acabaram migrando de suas aldeias para as cidades.

O processo de modernização da agricultura iniciado a partir da década de 1950 no Brasil, se deu com a importação dos meios de produção, sobretudo, as máquinas agrícolas, se intensificou na década de 1960, principalmente nas regiões Sudeste e Sul do país, assim, o espaço agrário brasileiro passou por significativas mudanças e provocou consequências para diversos povos que habitam o território e é claro os povos indígenas também foram afetados.

A modernização trouxe um considerável aumento na produção agrícola, principalmente, a produção destinada à exportação, o que atende aos interesses da elite local. Esse processo de modernização, no entanto, ocorreu de forma excludente, beneficiando apenas parte da produção. Além de causar diversos impactos ambientais e sociais. No caso dos impactos sociais, pode-se citar o desemprego no campo e a migração rural-urbana.

Com o avanço da modernização, os povos indígenas passaram a enfrentar diversos tipos de problemas, tais como a miséria, violência, alcoolismo, entre outros. Isso causa a migração de muitos indígenas de suas aldeias para as grandes cidades. Segundo Eliane Potiguara, além do processo de colonização houve no Brasil o processo de Neocolonização, período em que o interior do Brasil passou a ser ocupado, acabando de inúmeras formas com as comunidades indígenas, período que foi até meados do século XX.

Assim, nesse momento ocorre a intromissão de inúmeros segmentos, como os madeireiros, garimpeiros, mineradoras, hidrelétricas, rodovias, latifundiários, entre outros. Com isso, começa o processo intensivo de desmatamento, assoreamento dos rios, a poluição ambiental, a diminuição da diversidade local, o que levou para as aldeias enfermidades, fome e o empobrecimento da população indígena.

O século XX foi marcado pela industrialização global, mas esse processo vem ocorrendo de forma desenfreada, atrelada a busca pelo lucro imediato, ou seja, sem nenhuma preocupação com o meio ambiente e muito menos com as causas das

populações tradicionais. Todo esse processo fez com que as aldeias tivessem seus espaços reduzidos. Desse modo, percebe-se que a expansão da fronteira agrícola verificadas nas décadas de 1970, do século XX e a construção de diversas rodovias, implicam no deslocamento de inúmeros povos indígenas das terras que tradicionalmente ocupavam.

No decorrer do intenso processo de modernização o massacre contra os povos indígenas se intensificou, o que é uma das várias causas da realidade desses povos na atualidade. Os povos indígenas vivem hoje na miserabilidade, necessitando de políticas públicas assistencialistas para a sobrevivência. Um exemplo dessa situação em que os povos indígenas vivenciam, ocorreu no ano de 2002, durante a construção da hidrelétrica na cidade de Minaçu no Estado de Goiás, onde grande parte das terras indígenas na etnia Avá-Canoeiro foi inundada e as terras utilizadas para cultivo foram submersas.

A intensificação da agropecuária durante o regime militar na fase conhecida como progresso do Brasil, as regiões de aldeias indígenas passaram a ser povoadas por fazendeiros com o objetivo de intensificar a agropecuária. O mesmo ocorreu com os indígenas Guaranis na Amazônia, várias aldeias Guaranis, com o tempo, foram perdendo espaço para os grandes latifundiários. Isto é, pouco a pouco os povos indígenas foram retirados de suas terras em prol do progresso do país.

Sendo assim, o contexto do processo de modernização do país é uma das causas da migração de povos indígenas de suas aldeias de origem. Outro fator que provoca o processo migratório de indígenas é a possibilidade de educação, o que permitiu a estes índios como o exemplo de Daniel Munduruku, escrever e utilizar a palavra para contar e recontar suas histórias, outro exemplo importante é o de Eliane Potiguara, escritora indígena que utiliza a escrita para lutar por essas causas. Assim, os indígenas passaram a ter experiências com a educação o que originou o movimento dos escritores indígenas.

Outro contexto que pode ser observado pelos geógrafos nas obras de escritores indígenas e, principalmente, nas obras de Daniel Munduruku, são as percepções de natureza. A leitura que esses escritores fazem da natureza, do espaço e do território. Observa-se que as representações de natureza aparecem nessas obras, pois engloba o contexto social da origem desses autores, a origem dos indígenas.

Assim, a abordagem contextual é uma forma dos geógrafos lerem a literatura, ou seja, os contextos sociais, econômicos, políticos e naturais. Nesse sentido, os enredos das narrativas literárias possibilitam aos geógrafos uma leitura do espaço, do sujeito, do

território, do lugar, a partir dos elementos contextuais. Pode-se comprovar tal fato ao analisar a obra *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku, pois a narrativa apresenta vários elementos que podem mostrar o contexto em que o autor escreveu-a. As angústias do personagem principal, o distanciamento do indígena de sua cultura, de suas tradições e relação harmoniosa com a Mãe Natureza.

O segundo ponto de acordo com esse método é que sempre há permanências e sempre há mudanças nos textos desses autores, ou seja, as percepções das origens sempre vão permanecer, no entanto, as mudanças se tornam evidentes a partir do momento que esses autores passam a fazer leituras e interpretações do espaço da mudança, ou seja, quando passam a viver nas grandes cidades, a partir das experiências urbanas, das experiências com a educação, com o mundo das palavras, com a escrita. Tudo isso faz com que surjam novas análises e novas interpretações do espaço por parte desses autores.

Na obra *Sabedoria das Águas* é possível perceber as permanências e mudanças na narrativa, às permanências aparecem quando na final da narrativa o personagem principal decide não abandonar suas tradições, sua cultura e se aventurar no novo. Percebe-se a importância da cultura, da tradição e da ancestralidade para esses povos. As mudanças não ficam totalmente evidentes nessa obra, essas mudanças podem estar relacionadas ao distanciamento dos índios de suas tradições, o que ocorreu com o processo migratório de indígenas para as grandes metrópoles.

No terceiro ponto os geógrafos constatam que não há dicotomias entre os fatores internos e externos nos textos dos escritores indígenas, ou seja, nas obras desses escritores não há separação entre os fatores internos e externos em seus textos, pois se observa que não há diferenças na forma de escrever desses autores.

Nesse sentido, percebem-se os fatores externos para verem os internos, exemplo: o consumo da água na atualidade, a água como tema relevante para a construção de narrativas que possibilitem análises geográficas. A água por ser um importante e vital elemento da natureza, é um recurso de caráter eminentemente estratégico, apontado por muitos autores como grande pivô das disputas geopolíticas da atualidade. E os povos indígenas sempre tiveram uma relação de respeito com a água, tratando-a como algo sagrado, algo que ser reverenciado. Nesse sentido, defendem a preservação dos rios e criticam os projetos de privatização e venda dos mananciais e aquíferos, essas manifestações indígenas ocorreram no 8º Fórum Mundial da Água.

Essa relação de respeito com a água é passada de geração em geração desde os ancestrais. Assim, a temática da água se tornou de extrema relevância por ser indispensável para a sobrevivência de todos os seres vivos, o funcionamento de ecossistemas e a reprodução física e cultural de comunidades indígenas. Para essas comunidades, a água é utilizada na criação de animais, irrigação agrícola, lazer, transporte, pesca, navegação, entre outros meios de sobrevivência desses povos. Além disso, a água tem uma dimensão existencial e é usada como símbolo material, espiritual e social, em suas tradições, crenças e costumes. E, essa relação que os povos indígenas têm com a água está ameaçada pelas grandes empresas industriais e agropecuárias. Desse modo, a água se torna um grande tema, tanto para as narrativas literárias quanto para os geógrafos.

O geógrafo ao observar um texto literário percebe que não há superioridade de um texto sobre outro, pois os textos sempre vão apresentar um contexto e provavelmente contar uma história, um conto, um poema. A leitura permite compreender algo central: a luta pela vida é uma luta de linguagem. Defender a própria voz, construir meios para propagá-la, defender o seu modo de dizer são instâncias políticas que são feitas na dialogicidade, isto é, no entrançamento de gêneros, estilos, modos.

Ainda de acordo com esse método de análise outro passo que o geógrafo deve utilizar para ler a literatura é identificar no texto as principais questões do mundo, pois visam quais questões centrais o texto aborda e qual ideia o autor utiliza para tratar sobre determinados assuntos e como esse assunto é tratado pelo mesmo. Assim, o geógrafo a partir disso deve fazer uma leitura e uma interpretação geográfica do texto literário. E, o geógrafo deve verificar mais do que o enunciado do texto, deve verificar quais as razões do texto, ou seja, as motivações que levaram o autor a escrever determinado texto. Por exemplo, o que levou Daniel Munduruku a escrever suas obras? O que o levou a tratar da questão da natureza? Enfim, assim, o geógrafo apresenta suas abordagens geográficas partindo da análise de uma narrativa literária.

CAPÍTULO II: SABEDORIA DAS ÁGUAS: ADENTRANDO NO RIO DA PALAVRA INDÍGENA



Neste capítulo será apresentada a obra do escritor indígena Daniel Munduruku, *Sabedoria das Águas*, visa apresentar sua escrita e como essa obra foi processualmente construída. E também, apresentar as narrativas dos escritores indígenas, de forma pontual e discorrer sobre o conceito de cultura, afinal os saberes culturais são relevantes para a pesquisa, pois Munduruku em seus trabalhos afirma a cultura dos povos indígenas por meio da Literatura e de apropriação de difusão de saberes.

O escritor indígena Daniel Munduruku nasceu no dia 28 de fevereiro de 1964, em Belém (PA), é escritor e professor. Enfrentou todos os preconceitos de um indígena nas décadas de 1970 e 1980. Passou de um garoto alfabetizado em uma escola missionária a um dos principais escritores da Literatura Indígena brasileira, com 42 livros publicados. É formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia. Fez mestrado em Antropologia Social e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Ele também é pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e é membro da Academia de Letras de Lorena (SP). Esteve em vários países da Europa, participando de eventos e ministrando oficinas culturais para o público infantil. Atua ativamente em palestras e seminários nos quais ressalta o papel da cultura indígena para a formação da sociedade brasileira. Em todo seu percurso fez diversas leituras que contribuíram para a sua formação, tanto acadêmica quanto

espiritual e essa diversidade de leituras o ajudou a ser quem é hoje. Podem-se constatar tais informações no mapa abaixo.

Munduruku e suas andanças



Fonte: IBGE

Munduruku preserva sua cultura em dezenas de livros, a maioria adotada no ensino fundamental. É considerado o principal representante de um gênero ainda em formação. A obra *“Índio”*, publicada pela editora Companhia das Letrinhas em 1996. Vendeu mais de sessenta mil cópias e está na 16ª edição. Sua segunda obra publicada foi enciclopédia de verbetes nativos, e ganhou o prêmio Jabuti. Suas obras não tratam apenas a tradição indígena e seus valores, mas também do respeito à natureza e à vida em comunidade.

Suas obras podem ser consideradas atuais por tratar dos dilemas da civilização, questões que enfrentou desde criança, a começar pelo seu próprio nome de branco Daniel Monteiro Costa, depois adotou a denominação de seu povo como sobrenome. Na

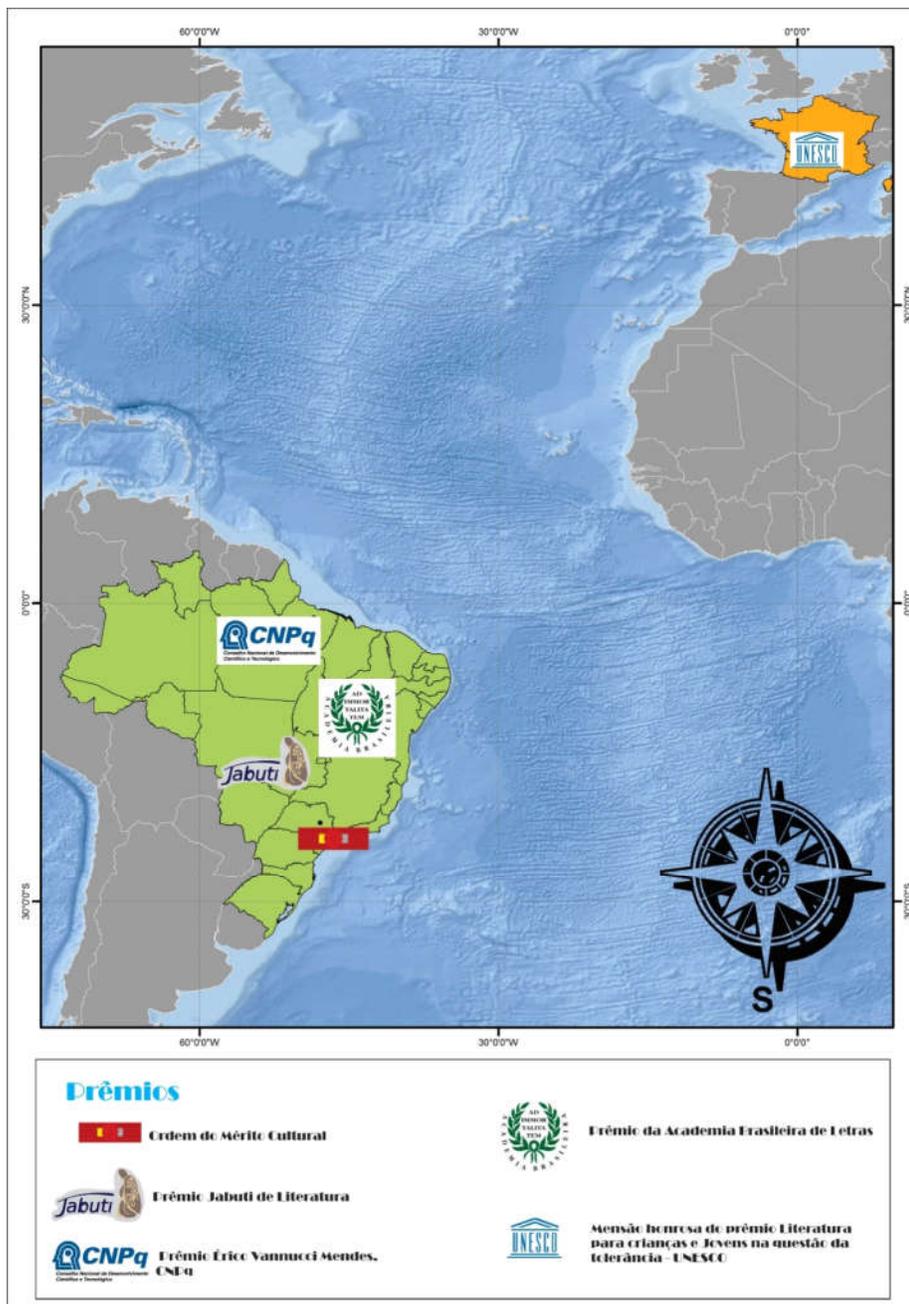
aldeia, a língua nativa era proibida durante as aulas com os seminaristas católicos. Munduruku conta em sua obra “*Meu avô Apolinário*”, obra premiada pela UNESCO, que isso significava uma violência tremenda e fazia com que se sentissem excluídos. Conta também que seu avô paterno o ajudou a valorizar sua identidade.

Durante sua juventude Munduruku recorreu à Igreja para realizar o sonho de ser escritor. Assim, passou seis anos no seminário, onde se formou em Filosofia, com especialização em História e Psicologia. Sua obra mais famosa é “*O Banquete dos Deuses*” publicado no ano 2000, na qual conta a história de um professor que encontra ferramentas para combater o preconceito sobre os povos indígenas, sobretudo, trata da importância do respeito à variedade cultural. É considerado um de seus principais trabalhos.

Daniel Munduruku é autor de livros premiados no Brasil e no exterior. Recebeu o Prêmio Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Érico Vanucci Mendes (CNPq), e o Prêmio Tolerância (UNESCO), além de ter diversos livros agraciados com o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Como escritor Daniel Munduruku se dedica a literatura infantil. É o escritor indígena que mais publicou até o momento, entre suas obras, destacam-se: *Você lembra pai?* (2000), *Sabedoria das Águas* (2004), *Contos indígenas* (2005), *Coisas de Índio* (2000), *Crônicas de São Paulo* (2011), *O diário de Kaxi* (2001), *O banquete dos deuses* (2000), *Meu avô Apolinário* (2001), entre outros.

Mapa Literário: Munduruku e seus prêmios



Fonte: IBGE

Em uma entrevista disponibilizada na internet³, a qual é exposta um catálogo de obras de Daniel Munduruku, ele conta que resolveu escrever suas histórias a partir de um acontecimento, que ocorreu da seguinte forma: Um dia ele estava contando histórias para um grupo de crianças pequenas. Contava uma que havia escutado de seu avô, era

³ <http://danielmunduruku.blogspot.com/p/entrevistas.html>

segundo ele uma história bem comovente. Quando terminou de contar a história uma menina perguntou: “Tio índio, onde posso encontrar essas histórias para eu ler?”. Nesse momento Daniel Munduruku afirma que ficou sem jeito, pois não sabia o que responder para a menina. Foi então que lhe despertou o interesse de difundir aquelas histórias e foi nesse momento que nasceu o escritor.

Assim, buscou entender mais sobre as histórias de seu povo e de outros povos indígenas. E, passou a se dedicar a escrever histórias que pudessem ajudar as crianças a conhecer o mundo indígena. O escritor conta ainda que não foi de imediato e muito menos fácil, pois as editoras não queriam publicar seus textos, até que um dia a editora da Companhia das Letrinhas o chamou para uma conversa e assim inicia sua carreira como escritor.

Daniel Munduruku em uma entrevista concedido a Revista Iberoamericana⁴, não aponta nenhum autor ou autores que tenham sido suas influências literárias, ele conta que desde jovem sempre foi um bom leitor e que devorou livros e livros nos seus anos de formação. Realizou-se leituras de biografias de santos, ficção científica, crônicas, gibis, fotonovelas e romances água com açúcar, assim acredita que isso tenha o influenciado ou não.

De acordo com informações concedidas pelo próprio Munduruku em seu blog o primeiro texto que tornou público escreveu aos 15 anos de idade, segundo ele, foi um texto sobre a Páscoa, imprimiu em um mimeógrafo e distribuiu pela comunidade. Efetivamente começou a publicar em 1996, quando lançou “*Histórias de índio*”, uma obra que surpreendeu o mercado livreiro por ser a primeira vez que um indígena publicava um texto voltado para o público infanto-juvenil não indígena.

Assim, a análise voltou-se para a obra *Sabedoria das Águas*, obra que foi publicada em 2004, e centraliza a natureza. É uma obra que conta a história do Índio Koru, sendo uma história voltada para todos que escutam o chamado da natureza. O autor mergulha na sabedoria das águas do Rio Tapajós, usando o personagem principal para desvendar os mistérios da natureza. Assim, podem-se observar quais símbolos aparecem na obra que podem contribuir para as interpretações das representações de natureza apresentadas pelo autor e como essas representações ajudam na leitura do espaço como um todo.

⁴ <http://danielmunduruku.blogspot.com/>

O livro *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku tem por segmento específico a literatura, é escrito em Português, possui 31 páginas e foi lançado no ano de 2004, pela editora global. É ilustrado por Fernando Vilela. Tem como público alvo crianças a partir de oito anos. A narrativa é dividida em quatro partes.

A primeira parte não possui nome e corresponde apenas a um começo inesperado apresentando uma situação de conflito. Koru, protagonista da história, está à beira do rio refletindo e questionando-o, pois para ele o rio é o “*mais sábio dos espíritos da natureza*” (MUNDURUKU, 2004, P.6). Koru espera por respostas para suas angústias. No decorrer da narrativa descobrem-se aos poucos em confissões retrospectivas as motivações pressupostas de Koru.

A segunda parte da obra *Sabedoria das Águas* apresenta o equilíbrio inicial e o motivo do desequilíbrio e ao mesmo tempo em que busca pelas respostas as angústias do protagonista, ou seja, há dois tempos aqui, o presente e o passado. O presente é narrado em voz heterodiegética, isto é, que não é nenhum personagem que narra e o passado que é narrado pelo protagonista, o qual estabelece uma conversa com Maíra, sua esposa, numa tentativa de reflexão. Na terceira parte intitulada, “*O banho de Sabedoria*”, apresenta a almejada revelação da história e por fim na quarta parte, nominada, “*Retorno*” reconquista-se o equilíbrio.

O enredo da obra se desenvolve praticamente em um único espaço - no Rio Tapajós. Na primeira parte da narrativa Koru se encontra a margem do rio questionando-o e refletindo sobre sua existência, este fato aponta uma contradição, pois o personagem pertence a culturas indígenas que são regidas por leis mitológicas e o mito tem um caráter ontológico.

O protagonista da história é o índio Koru que prende a atenção do leitor. É um personagem que apresenta uma determinação muito grande em buscar a verdade. Ao andar pela floresta Koru se depara com uma estranha experiência na clareira das árvores. “Bichos” iguais a ele aparecem e começa a conversar em língua estranha. Um dos “bichos” levantou a mão que começou a brilhar de uma forma muito intensa, nesse momento Koru tampa o rosto com a mão, pois a luz era forte. Assim, quando voltou para a aldeia e contou o que havia acontecido, com exceção do Pajé e sua esposa, Maíra, ninguém acredita em Koru. Para os outros indígenas, aquilo não passava de delírio da cabeça de Koru e como castigo ele é proibido de participar das caçadas anuais da aldeia. Desse modo, humilhado e desonrado por sua gente Koru parte junto com Maíra em uma

pequena Canoa e segue o curso do rio Tapajós. No curso de suas águas Koru tinha certeza que encontraria as respostas para o seu tormento.

Logo, o protagonista vive uma fase de questionamentos, colocando em dúvida um dos elementos de sua tradição, além de seu próprio povo não ter acreditado nele. Assim, o protagonista coloca em evidencia suas crenças e principalmente a crença nos mitos, que são os elementos superiores, que são as divindades, a sabedoria da Mãe Natureza que no caso é representada pelo Rio Tapajós. Nesse momento, torna-se relevante observar como a escrita desse autor exige do leitor uma sensibilidade de virar-se totalmente para mundo espiritual. Com isso, de fato as crianças possuem maior habilidade, pois em uma de suas entrevistas disponibilizadas em seu blog, Munduruku explica que as crianças adentram no mundo espiritual com maior facilidade.

Com o decorrer da narrativa Koru faz com que suas aflições sejam ouvidas e é justamente as margens do Rio Tapajós que tem uma visão através de sonho. Á partir deste momento Koru fica sempre ouvindo uma voz que diz que todas as respostas estão no rio “*ouve o rio... ouve o rio... vai até onde não tenha gente e se deixe mergulhar na sabedoria das águas*” (MUNDURUKU, 2004, p. 7-8). Assim, percebe-se que o protagonista questiona o seu mito maior, isto é, o rio, a sua sabedoria, o próprio rio se manifesta em prol de si e de sua relação com o homem. É possível constatar a profundidade da escrita do autor. E o cuidado com a construção da narrativa.

Outro ponto interessante de ser observado é que, enquanto Koru faz questionamentos relacionados à sua tradição, Maíra faz o contrário, ou seja, ela representa a voz da tradição. Assim, há a possibilidade de ocorrer o equilíbrio, que é o que acontece ao final da narrativa. Maíra apresenta o valor ancestral da cultura indígena. Com tudo, é pertinente salientar que o autor busca mostrar, ao mesmo tempo, o distanciamento dos indígenas de suas tradições, de suas crenças e também a relevância dos mitos, das tradições para a sua existência.

O autor nessa obra busca também enfatizar a relevância do contador de histórias, pois em certo momento da narrativa Maíra pede que Koru lhe conte novamente a experiência com os “bichos” da floresta. Nota-se que o ato de contar ou relembrar as histórias para o contador é momentoso, conseguinte, é assim que se mantêm as histórias orais vivas. Pode-se ressaltar a respeitável figura do contador de histórias, pois é o centro da cultura indígena. A oralidade sempre foi à forma dos povos indígenas contarem suas histórias e recontá-las para assim mantê-las vivas. Pode-se verificar isso na obra “*O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e cultura brasileira*”, na qual

Daniel Munduruku relata a relevância do contador de histórias, pois foi seu avô Apolinário - que com sua imensa sabedoria – que lhe contava as histórias de seu povo, suas tradições, sua ancestralidade e a partir disso ele constatou-se o quão significativo é para qualquer cidadão conhecer sua ancestralidade, conhecer suas origens, pois foi a partir desse conhecimento o autor conseguiu se reconhecer no universo.

A leitura da obra *Sabedoria das Águas*, também passa uma mensagem de crise, a leitura demonstra o índio em crise ou fortemente descrente de sua identidade cultural tradicional por apresentar um indígena questionador, que coloca em dúvida os mitos, as tradições. Contudo, pode-se observar a ideia de deslocamento, de movimento, a partir do momento que Koru parte em busca de respostas.

Assim, nessa luta em busca da verdade os personagens Koru e sua esposa, Maíra, vivem experiências que podem ser consideradas provações, com os seres místicos, ou seja, as criaturas que fazem parte do imaginário indígena. O sagrado indígena, de maneira sutil, ou mais evidente, compõe a cosmologia de cada povo. E ajuda a reforçar o seu mito de origem. Em muitos casos, ou na maioria, é uma forma das gerações darem-se as mãos.

A presença do Rio Tapajós durante quase todo o enredo, mostra que ele é o ser da natureza considerado o mais sábio e por causa disso todo o desenvolvimento da narrativa ocorre em suas margens. É nesse momento que o leitor pode ser tomado pela seguinte reflexão - que o autor não deixa claro, porém percebe-se ao realizar-se uma leitura mais atenta - a reflexão diz respeito ao distanciamento do índio de sua cultura, de suas tradições, de sua ancestralidade, a ideia de que o índio está dividido entre sua cultura/tradições e a descrença nas mesmas.

Isso se torna expressivo com a leitura da obra, ao observar cuidadosamente a escrita do autor e também ao observar sua trajetória de vida, pois como já mencionado nesse trabalho Daniel Munduruku é um índio desaldeado, isto é, migrou de sua aldeia de origem para a cidade grande em busca de educação, de conhecimento e posteriormente usa da escrita para contar e recontar as histórias de seu povo.

Desse modo, o personagem Koru expressa um pouco de suas angústias, sobretudo, por ter se distanciado de sua etnia, por ter buscado outro caminho - coisa que o personagem não faz no final da narrativa. Todavia, o autor pode ter buscado outro modo de ver sua cultura. Em síntese, essa é a situação que se impõe aos índios. Seguir as tradições ou aderir ao novo?

Assim, vale destacar a questão da identidade por se tratar do próprio Munduruku, ou seja, o problema da identidade indígena. Em seu livro “*O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira*”, o autor faz alguns apontamentos sobre o problema da identidade dos povos indígenas. Ao tratar especificamente de sua própria vida, suas angústias em se reconhecer ou não como índio. Ao se questionar sobre quem ele é o autor discute sobre os estereótipos disseminados pelo imaginário social a respeito da imagem dos povos indígenas, estereótipos tais como o índio é atrasado, é sujo, é preguiçoso, é malandro, é vadio e etc. E, o autor não se identificava com essas características e isso o fazia sentir vergonha de se reconhecer como índio. Assim, ainda muito jovem Daniel Munduruku vive uma crise de identidade. Em suas transições entre a cidade e a aldeia, percebeu o que a cidade tinha a lhe oferecer. E foi ouvindo as histórias que seu avô lhe contava que ele percebeu o que os povos indígenas podiam oferecer para cidade.

Desse modo, o autor relata que compreender sua ancestralidade através do seu avô Apolinário foi importante para se reconhecer como índio e entender as angústias que seu povo enfrenta, pois para ele as crises nascem das angústias e as angústias nascem da necessidade de escolher e isso vira um círculo vicioso e o vício torna a vida uma busca insana pela felicidade que, segundo ele, dizem se encontrar no conforto e na fuga da dor. Todavia, o autor aponta que os indígenas não têm crises existenciais porque vivem o presente sem esquecer o passado e sem desejar o futuro. Destarte, deve-se a partir desses apontamentos entender os conflitos enfrentados por Koru.

Ao ler as obras de Daniel Munduruku, especificamente a obra *Sabedoria das Águas*, deve-se observar que o autor centraliza o conceito de natureza. É possível perceber que o autor adentra nesse conceito em suas obras, porém à análise sobre as representações de natureza do autor estão expostas no capítulo III, da presente pesquisa.

Sendo assim, autor de mais de quarenta livros, Daniel Munduruku vê na escrita um meio para aproximar as culturas indígenas, buscando estender o conceito de literatura às danças, músicas e ritos. Ao analisar a escrita do autor nessa obra é possível perceber que há uma preocupação em mostrar a importância dos saberes dos ancestrais, sua vitalidade e visa mostrar também como os brasileiros, que são também indígenas na sua essência, ignoram as tradições fundadoras de sua própria identidade.

O autor acredita na força da literatura como um “grito consciente e consistente” desses povos que tiveram durante séculos suas vozes silenciadas. Outro ponto que o autor defende é a luta para que se cumpra a lei 11. 645/08, que torna obrigatório o

ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira e História e Cultura Indígena na Educação Básica.

O autor acredita que a literatura é instrumento de aproximação entre a diversidade de saberes e culturas indígenas, acredita que a Literatura pode funcionar como um elo aglutinador e também como um instrumento para soltar a voz desses povos que se calaram por séculos. Desse modo, a escrita feita por indígenas se torna um desafio, pois segundo o autor, buscam ajudar seu povo a usar a escrita como porta-voz.

Destarte, a escrita de Daniel Munduruku, é uma escrita de fato direcionada ao público infantil, pois para um adulto compreender seus textos seria necessário fazer um exercício para ouvir às vozes dos ancestrais e segundo o próprio autor em entrevista concedida ao instituto Ecofuturo, as crianças têm um canal aberto com sua ancestralidade. Elas são emotivas e conseguem chegar aonde os adultos não chegam.

Assim, o pensamento dos adultos ao lerem seus livros é bloqueado pelas vozes da política, da economia, da escola, ou seja, isso os impede de “escutar” ou “acordar” as memórias ancestrais que carregam consigo. Isto fica evidente ao realizar a leitura da obra *Sabedoria das Águas*, pois é uma leitura que impulsiona o leitor para algo espiritual e se o leitor voltar-se para o mundo real, não conseguirá de fato compreender a história.

2.1 As narrativas dos escritores indígenas

Conforme, a professora Daniela Diana⁵, o texto narrativo é um tipo de texto que esboça as ações das personagens em um determinado tempo e espaço. A maioria dos textos narrativos são escritos em prosa e são narrados alguns fatos e acontecimentos. Alguns exemplos de textos narrativos são os romances, contos, novelas, crônicas, e fábulas. O texto narrativo é estruturado da seguinte forma: introdução, desenvolvimento, clímax e o desfecho. Na introdução o autor do texto apresenta os personagens, o local e o tempo em que se desenvolverá a história. O desenvolvimento apresenta grande parte da história com foco nas ações dos personagens. O clímax é o momento mais emocionante da narrativa e por fim o desfecho que é a parte final da narrativa, na qual a partir dos acontecimentos, os conflitos vão se desenvolvendo.

⁵ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em 2008 e Bacharelada em Produção Cultural pela Universidade Federal do Fluminense (UFF) em 2014. Trabalha com produção e gestão de conteúdos online.

O texto narrativo apresenta os seguintes elementos: narrador, enredo, personagens, tempo e espaço. O narrador é quem narra à história e divide-se em narrador observador, narrador personagem e narrador onisciente. O enredo trata da estrutura narrativa, isto é, a trama em que se desenrolam as ações e são classificados em enredo linear, enredo não linear, enredo psicológico e enredo cronológico. Os personagens são aqueles que compõem a narrativa e são classificados em personagens principais e personagens secundários. O tempo está relacionado com a marcação do tempo dentro da narrativa e pode ser cronológico ou psicológico. E o espaço é o local onde a narrativa se desenvolve.

Existem três tipos principais de narrador, são eles: narrador personagem, narrador observador e narrador onisciente. Quando o narrador é o personagem, a história é narrada em 1ª pessoa e o narrador participa das ações. Quando o narrador é observador a história é narrada em 3ª pessoa e esse tipo de narrador conhece os fatos, porém não participa da história. E quando o narrador é onisciente, a história é narrada em 3ª pessoa e o narrador conhece todos os personagens e a trama, no entanto, quando apresenta fluxo de pensamentos dos personagens, a história passa a ser narrada em 1ª pessoa.

No que diz respeito ao discurso narrativo existe três tipos principais, sendo eles: discurso direto, indireto e indireto livre. No discurso direto a própria personagem fala, no discurso indireto o narrador interfere na fala da personagem e no discurso indireto livre há intervenções do narrador na fala dos personagens, nesse caso funde-se o discurso direto com o indireto.

Assim, as narrativas produzidas por escritores indígenas no Brasil são crescentes. Para a especialista Janice Thiel⁶, mesmo que a temática indígena esteja presente desde a colonização, os autores indígenas brasileiros começaram a escrever e contar narrativas somente a partir da década de 1990. A visibilidade desses autores, como o caso de Daniel Munduruku, vem ajudando a romper com estereótipos e perceber que os povos nativos são capazes de produzir textos com valor literário. Thiel em entrevista concedida a Revista Carta Capital em 2014, aponta que a Literatura Indígena ainda que faça parte da cultura brasileira é desconhecida e vista como primitiva ou não muito desenvolvida.

⁶ Profª. Drª. Titular da área de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente com os seguintes temas: alteridade, literatura indígena, literaturas de língua inglesa, leitura, multiletramento e estudos culturais.

Ao analisar a obra *Sabedoria de Águas*, de Daniel Munduruku, pode-se observar que a narrativa desse autor busca, em linhas gerais, narrar os mitos ou as histórias de seu povo. Nesse sentido, para compreender mais sobre as narrativas indígenas, deve-se atentar-se para os tipos e as funções dos narradores. Assim, Lima (2013), sugere um quadro em sua tese de doutorado, o qual mostra exatamente os tipos e as funções dos narradores nas obras de escritores indígenas. Esse quadro a autora constrói de acordo com Friedman (2002).

Em síntese, os tipos de narradores são: narrador onisciente intruso, narrador onisciente neutro, narrador testemunha, narrador protagonista, onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático e modo câmera. Destarte, segundo o autor onisciência significa um ponto de vista totalmente inusitado, difícil de controlar, nesse tipo de narrativa, o narrador fala em primeira pessoa ou em terceira. O narrador onisciente intruso ocorre nas ausências de intromissões diretas autorais e o narrador fala em terceira pessoa. Também, característica do narrador onisciente intruso, o autor está sempre pronto para intervir entre o leitor e a história. Como características do narrador testemunha pode-se destacar, segundo o autor, que é negada qualquer voz direta do autor. O narrador testemunha é uma personagem com o próprio direito dentro da história, podendo estar mais ou menos envolvido na ação.

Como características gerais do narrador protagonista deve-se destacar segundo Friedman (2002), que nesse tipo de narrativa, o narrador assume a responsabilidade pela narração, está centralmente envolvido na ação e narra em primeira pessoa. Já a onisciência seletiva múltipla some com qualquer espécie de narrador, ou seja, o leitor não escuta a ninguém, a história vem diretamente da mente das personagens. A tendência narrativa, segundo o autor, vai em direção da cena dentro da mente e a externaliza, tanto no discurso quanto na ação. Na onisciência seletiva a história vem diretamente da mente de uma só personagem.

Friedman (2002) caracteriza o modo dramático como o Estado mental com a eliminação do narrador, o leitor ouve as próprias personagens, que se movimentam como estivesse em um palco. Nunca há indicação sobre o que os personagens percebem, pensam ou sentem e produz na mente do leitor um momento de revelação. E por fim, o autor caracteriza o modo câmera, que transmite sem seleção, organização aparente, da maneira como há o acontecimento.

Assim, a partir da síntese das instâncias narrativas de Friedman, pode-se perceber que na narrativa *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku, ocorre em dois

tempos, passado e presente, o presente é narrado por um narrador onisciente intruso, pois nenhum personagem conta a história e o passado pelo protagonista. Desse modo, pode-se observar que nessa obra o narrador onisciente intruso e o narrador protagonista são as instâncias de maior presença.

Lima (2013) aponta que uma informação fundamental para a análise é que ao reconhecer as características do narrador, pode-se revelar não só a arquitetura da obra, mas também a subjetividade dos personagens. E, segundo a autora, isso significa que a identificação da posição e das instâncias narrativas é um meio para se conhecer ou intuir as subjetivações presentes na história, tanto em relação ao personagem protagonista quanto a dos demais personagens.

Em *Sabedoria das Águas*, destaca-se o narrador que comanda a história e o narrador protagonista. Assim, é relevante descrever mesmo que sucintamente sobre estes tipos de narradores. Desse modo, conforme Lima (2013), em uma narrativa de estrutura simples. Quase sempre o narrador é em terceira pessoa e se constitui no narrador que comanda o enredo, ou seja, aquele que sabe tudo que vai acontecer, mas não se intromete diretamente na narrativa. Já o narrador protagonista, segundo Lima (2013), apresenta-se em primeira pessoa, o que corrobora na subjetividade do narrador-personagem. Assim, percebem-se as angústias do protagonista, isto é, as angústias de Koru.

É possível identificar na obra *Sabedoria das Águas*, na sua primeira parte a onisciência seletiva, pois essa parte da narrativa começa de forma abrupta, ou seja, inesperada. Desse modo, esses tipos e funções das narrativas, segundo Friedman (2002) apresentam ângulo e posição, canais de informação e a distância entre o leitor e a história.

Quando o narrador é o que comanda o enredo o ângulo e a posição se constitui longe da cena, isto é, é a voz do autor que domina. A história pode ser vista de um ou de todos os ângulos. Em relação aos canais de informação desse tipo de narrativa, o leitor tem acesso a todo tipo de informação possível, pensamentos e sentimentos do próprio autor e em relação à distância entre o leitor e a história trata-se uma distância alternada, às vezes põe o leitor muito próximo da história, às vezes distante.

No caso do narrador protagonista o ângulo de visão é o centro, fixo. Os canais de informação são limitados aos pensamentos, sentimentos e percepções do protagonista. E a distância entre o leitor e a história é curta. Friedman (2002) aponta também que na onisciência seletiva o ângulo da visão também é centro, fixo. Os canais

de informação deixam o leitor limitado à mente de um só personagem e a distância é curta.

Esses tipos e funções das narrativas, segundo Lima (2103) ajuda nas possíveis análises das obras, sobretudo, no que constitui a subjetividade das personagens.

2.2 Apontamentos e reflexões sobre o conceito de cultura

Segundo Chauí, (2008) cultura significa o cultivo, o cuidado e a origem da palavra vem do verbo latino *colere*. Para a autora inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. (CHAUI, 2008). Nesse sentido, à autora destaca que como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz á plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém. Para a autora, no decorrer da história do Ocidente, esse sentido da palavra cultura foi perdido, até que, no século XVIII, a palavra cultura resurge. Porém, como sinônimo de civilização, ou seja, atrelada ao conceito de civilização, a cultura passa a medir o grau de civilização de uma sociedade.

Desse modo, a cultura passa a ser definida como um conjunto de práticas que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos. Assim, segunda a autora, pouco a pouco a cultura torna-se sinônimo de progresso, pois o progresso de uma sociedade passa a ser avaliado pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização.

Destarte, já no século XIX, o conceito de cultura reaparece, quando se constitui a Antropologia. Assim, segundo Chauí (2008), os antropólogos guardaram o conceito iluminista de evolução e progresso, por tomarem a noção de progresso como medida para a cultura. Com isso, os antropólogos elaboraram um padrão para medir à evolução ou o grau de progresso de uma sociedade e esse padrão foi o da Europa Capitalista. Ou seja, as sociedades passaram a ser avaliadas segundo a presença ou ausência de alguns elementos que são próprios do Ocidente capitalista. Tais elementos são: o Estado, o mercado e à escrita. Assim, todas as sociedades que desenvolverem formas de escrita, troca e comunicação diferentes do Estado europeu forem definidas como culturas primitivas. Consequentemente, a cultura capitalista européia não apenas se coloca como télos, isto é, como meta para a o desenvolvimento de toda cultura ou de roda civilização, adotando uma postura etnocêntrica, mas ao se oferecer como modelo necessário do

desenvolvimento histórico, para Chauí (2008) isso justificou e legitimou primeiro a Colonização, e, depois o Imperialismo.

Ainda no século XIX, com a Filosofia Alemã, o conceito de cultura passa por uma profunda mutação decisiva, pois é elaborada como diferença entre natureza e história. Segundo Chauí (2008, p. 56)

A cultura é a ruptura da adesão imediata à natureza, adesão própria aos animais, e inaugura o mundo humano propriamente dito. A ordem natural ou física é regida por leis de causalidade necessária que visam o equilíbrio do todo. A ordem vital ou biológica é regida pelas normas de adaptação do organismo ao meio ambiente. A ordem humana, porém, é a ordem simbólica, isto é, a capacidade humana para relacionar-se com o ausente e com o possível por meio da linguagem e do trabalho.

Por conseguinte, a autora aponta que a dimensão humana da cultura é um movimento de transcendência, que coloca a existência como o poder para ultrapassar uma determinada situação dada graças a uma ação exposta por algo que está ausente. E é apenas nesta dimensão que se pode falar em história propriamente dita. Já a linguagem e o trabalho revelam que a ação humana não deve ser reduzida a ação vital. E esta concepção ampliada de cultura que é incorporada pelos antropólogos europeus a partir do século XX.

Chauí, (2008) aponta que esta adoção do conceito de cultura pode ser explicada pela formação marxista que esses antropólogos tiveram ou pelo sentimento de culpa, buscando desfazer à ideologia etnocêntrica e imperialista de cultura, inaugurando assim, uma antropologia social e à antropologia política. Nesse campo de pensamento, cada cultura exprime à ordem humana simbólica com uma individualidade própria. Consequentemente, a partir deste momento a cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, institui as práticas e os valores.

A autora também aponta que no Brasil cultura é a posse de conhecimentos e saberes, à ideia de que existem pessoas cultas e as pessoas incultas, as que possuem os saberes e conhecimentos e as que não possuem. Porém, conforme a autora a cultura não é de fato definida dessa forma. Assim, a cultura é a capacidade dos seres humanos de se relacionarem com o ausente, ou seja, através de símbolos.

Assim, os elementos que formam a cultura são: a linguagem e o trabalho. Com a linguagem pode-se tornar presente o que se encontra ausente, com o trabalho pode surgir no mundo o que não existia. Desse modo, a cultura possibilita aos seres humanos

a capacidade de se relacionarem com o tempo, a capacidade de pensar a diferença entre o presente, o passado e o futuro. A cultura possibilita aos seres humanos, segundo Chauí, definir o bom e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso. Ou seja, esse é o mundo da cultura.

Dessa forma, a autora aponta que por esses motivos é um equívoco definir a cultura como um conjunto de conhecimentos ou de práticas. Porém, deve-se levar em consideração que uma sociedade dividida em classes, mesmo a cultura sendo apresentada nesse sentido amplo, a mesma não possui os mesmos sentidos e até os mesmos instrumentos.

No entanto, Chauí (2008), reitera que essa abrangência da noção de cultura esbarra em um problema nas sociedades modernas, pelo fato de serem sociedades e não comunidades. Nesse sentido, a autora faz uma extensa discussão sobre essa problemática, visando explicar como uma sociedade dividida em classes, que é o caso da sociedade moderna, pode manter o conceito tão abrangente de cultura proposto pela Filosofia e pela Antropologia. E aponta que isso é impossível, pois uma sociedade dividida em classes instaura a divisão cultural.

Assim, pode-se a partir destes apontamentos, distinguir o que é cultura popular de cultura erudita. Destarte, cultura popular é aquela produzida pelas classes populares e a cultura erudita aquela produzida pelos artistas e intelectuais da classe média. Para a autora, essa separação produz o fenômeno chamado cultura de massa, ou seja, é a mistura dos elementos da cultura popular com os elementos da cultura erudita. Para Chauí, a chamada cultura de massa é o que ela chama de anticultura. E essa cultura de massa transforma a cultura em si em entretenimento. Chauí aponta que a cultura de massa representa a “morte” da cultura, a morte daquilo que a cultura efetivamente representa.

Apesar de essas posições serem hoje debatidas e recolocadas noutra âmbito de análises, o que vale da reflexão da autora, é a compreensão de que não internalidade da cultura relativa às determinações sociais e históricas. Ou seja, a cultura não se faz separada das classes, da economia, do trabalho. E também não há externalidade absoluta, isto é, a cultura não apenas expressa um modo de produção, ela o expressa, o constitui e o nega.

Corrêa, (2009) também faz alguns apontamentos sobre o conceito de cultura. Assim, aponta que cultura constituiu-se em termo dotado de diversas acepções, sendo um termo empregado no senso comum e inteligível no âmbito ideias em discussão. O

autor destaca que no campo das ciências sociais o conceito de cultura é amplo e os debates em torno do mesmo são numerosos.

Corrêa destaca o quadro elaborado por Hoefle (1998) no qual a cultura é entendida a partir de três eixos. No primeiro eixo a cultura é vista como numa perspectiva abrangente ou restrita, englobando inúmeros fenômenos, tais como: as crenças, hábitos, conhecimentos, artes, linguagens. No segundo eixo a cultura é vista conforme a função que ela ocupa na sociedade. Nesse caso, tal função é determinada pela natureza ou pela base econômica e no terceiro eixo a cultura é considerada em relação ao processo de mudança. Ou seja, evolução própria, específica para cada grupo ou impossibilidade de realizar estudos que não sejam simultâneos.

Rocha e Almeida (2005) apontam que não é fácil definir cultura, pois o conceito possui significados em diversos contextos, inserida em diferentes territórios. No entanto, destaca que o conceito de cultura mais aceito dentro da Geografia é o elaborado pela Antropologia Cultural, isto porque a Antropologia Cultural reconhece que os seres humanos vivem em um mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. Sendo assim, a cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos se relacionam uns com os outros e com o entorno. Segundo as autoras, as diferenças existentes entre os grupos sociais é o que constitui a cultura, ou seja, as diferenças linguísticas, simbólicas, religiosas, crenças e etc. Tudo o que diferencia um grupo do outro é o que constitui a cultura.

Desse modo, a cultura é o resultado da capacidade dos seres humanos de se comunicar entre si através dos símbolos e estes símbolos são representações de suas crenças, superstições, língua, costumes e etc. Podem-se relacionar essas reflexões acerca do conceito de cultura com o autor e sua obra analisada neste trabalho. Munduruku utiliza justamente dos hábitos, símbolos indígenas para fazer sua literatura, para manter viva a cultura do seu povo, para contar e recontar as histórias desses povos que estão a cada dia lutando para se manter vivos, para manter sua cultura viva.

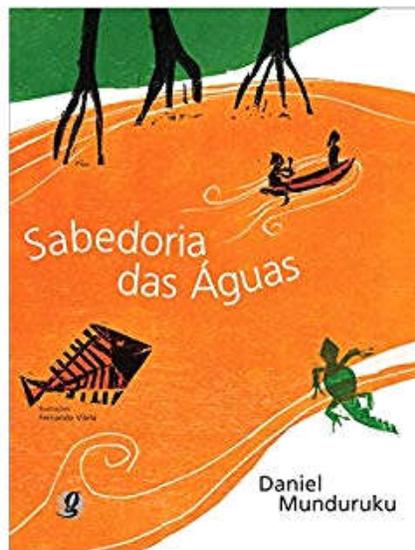
Rocha e Almeida (2005) reiteram ainda que a cultura é o resultado da interação entre o ser humano e a natureza e do mesmo com seus semelhantes e pode ser compreendida como um processo de produção da própria existência humana, sendo ainda, conforme as autoras, resultado de seu mundo de acordo como o vivem, o percebem e o concebem.

As autoras utilizam do pensamento de outros estudiosos para aprofundarem as reflexões sobre o conceito de cultura. Pode-se constatar em suas próprias palavras. De acordo com Rocha e Almeida (2005, p.3)

De acordo com Laraia (2004, p. 25-28), o termo cultura surge no século XVIII, na Alemanha (Kultur), significando os aspectos espirituais de uma comunidade. Já na França o termo utilizado é civilization, referindo-se em especial aos feitos materiais de um grupo humano. O inglês Edward Tylor sintetiza os conceitos na palavra inglesa culture, estando embutidos nele crenças, costumes, leis morais, arte e tudo que se refere a capacidade humana de aquisição de hábitos de toda natureza por parte de membros de uma comunidade ou de uma sociedade.

Desse modo, pode-se verificar que esses apontamentos contribuem para maior compreensão do conceito de cultura e possibilita uma análise mais detalhada da obra do escritor indígena Daniel Munduruku, pois a análise de sua obra adentra nas percepções de cultura especificamente a cultura dos povos indígenas do Brasil.

CAPÍTULO III: A NATUREZA EM DANIEL MUNDURUKU: MERGULHO NO LIVRO SABEDORIA DAS ÁGUAS



Nos primeiros capítulos desta pesquisa buscou-se inicialmente conhecer a obra *Sabedoria das Águas*, do escritor indígena Daniel Munduruku, visando apresentar a escrita desse autor e como a obra foi processualmente construída. Mostramos as premissas e possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura com o intuito de entender como os geógrafos leem a Literatura, sobretudo, a Literatura Indígena. Com isso, buscamos também tratar das questões indígenas, questionando se o movimento dos escritores indígenas tem reverberado em conquistas para esses povos. Desse modo, este capítulo consiste em realizar uma análise da obra *Sabedoria das Águas*, no intuito de entender como o conceito de natureza é tratado pelo autor indígena e apresentar uma análise geral da obra.

3.1 A Natureza em Daniel Munduruku

Munduruku inicia a obra *Sabedoria das Águas* evidenciando os mistérios que assombra o personagem principal, o indígena Koru, mostrando as indagações feitas por ele sobre os mistérios do Rio Tapajós. Em algumas passagens do livro podemos perceber, vejamos: “*Ele sempre segue seu rumo e não para nunca*”, “*Ele não se preocupa com o que pensam dele os peixes, as plantas aquáticas, as capivaras que atravessam de uma margem para outra, os homens que singram as suas ondas... Segue*

sempre do mesmo jeito, guardando a sabedoria que aprende com suas viagens ao longo do universo”. (MUNDURUKU, 2004, p. 5). No trecho acima, o personagem está se referindo ao Rio Tapajós. Podemos observar que o autor trata os elementos da natureza - o Rio - como um mistério. Nesse sentido, observa-se que a natureza para este autor será abordada a partir da perspectiva do imaginário de seu povo, de sua tribo, os Munduruku.

Bachelard, (1989) traz uma concepção diferente das águas, não a tratando somente como matéria ou como uma abordagem simplista do meio para a sobrevivência. Assim, observa-se que a relação que o personagem Koru tem com o Rio Tapajós conota uma analogia como a perspectiva de Bachelard, pois o autor aponta ainda que as águas possuem significâncias e significados, elas possuem vozes, cheiros, cores, sabores e etc. (Bachelard 1989). O autor classifica as águas em: águas profundas, que são águas dormentes, águas mortas e águas pesadas, num devaneio de Edgar Poe, o qual fala da alegria e da dor que existem nas lembranças e na contemplação diante das águas, sendo ela clara ou escura. O personagem demonstra essas impressões ao contemplar as águas do Rio Tapajós.

O autor ainda reitera que existe uma maneira de pensar e viver as águas intimamente, entre devaneios e sonhos refletidos através de suas margens. Para o autor, de início é necessário compreender a utilidade psicológica do espelho das águas, pois a água serve para naturalizar a imagem, para desenvolver um pouco de inocência e de naturalidade da contemplação.

Desse modo, observa-se que o personagem Koru vive essas experiências no Rio Tapajós. Ele o contempla e deposita em suas águas toda sua esperança de encontrar as respostas que tanto almejava. Porém, ao levar em consideração os apontamentos de Bachelard, quando ele dispara que se pode pensar e viver as águas, intimamente, entre devaneios e sonhos, não estaria Koru sonhando? Pois, no desfecho da história mostra que os dois personagens acordam com a sensação de terem vivido um pesadelo e não há elementos na narrativa que mostrem que tudo não tenha passado de um sonho.

Bachelard, (1989) aponta ainda algumas reflexões sobre a palavra rio, uma palavra de extrema relevância para a análise. Para o autor, a palavra rio é uma daquelas palavras que se acha em pleno despertar, em francês significa *revivére*. Reiterando que se pensarmos foneticamente na brutalidade sonora desta palavra, compreende-se então que a palavra *revivére* é a mais francesa das palavras. É uma palavra que se faz com a imagem visual da margem, imóvel que, no entanto, não cessa de fluir.

Logo, as angústias e indagações do personagem Koru sobre os mistérios das águas do Rio Tapajós pode apresentar algum vínculo com esses apontamentos feitos por Bachelard, todavia, são apenas conexões apontadas, deixando em aberto para outras interpretações.

Por conseguinte, vale destacar alguns dados sobre o Rio Tapajós⁷, que segundo o grupo de estudos Tapajós é um rio que nasce no Estado do Mato Grosso, banha parte do Estado do Pará e deságua no rio Amazonas. Tem 1.930 km² de extensão territorial. O nome Tapajós é originário de uma tribo indígena existente em suas margens. Tem sua origem na confluência dos rios Juruema e São Manuel. É no Estado do Pará que se encontra a maior parte de seu percurso. Abrange no entorno de 6% das águas da bacia amazônica. Seus principais afluentes são: Jamanxim, Crepori, Juruema, Arapiuns, Cururu e o Rio das Tropas. Apresenta águas de coloração azulada, esverdeada ou cristalina, dependendo da região. Seu território abrange 10 municípios e são municípios de grandes territórios para os padrões nacionais.

Até o século XVII, a bacia do Rio Tapajós era ocupada, sobretudo, por povos indígenas das etnias Munduruku e Maués. No entanto, a partir desse período, o histórico processo de ocupação não indígena na bacia é intensificado por sucessivos ciclos de exploração e de seus recursos florestais e minerais. O período da colonização portuguesa e das missões jesuítas tem como marco a construção da fortaleza de Santarém, colocando a região no mapa da exploração das chamadas “*Drogas do Sertão*”, como por exemplo: a baunilha, cravo, cacau, pimenta e canela. Ainda, segundo os estudos do grupo Tapajós, a exploração das drogas do sertão perdurou até o século XIX, quando cresce a economia da borracha. Assim, o ciclo da borracha provoca intensa migração para a bacia, sobretudo das populações nordestinas. O declínio da produção de borracha favoreceu migrações internas na bacia e propiciou a ocupação ribeirinha.

Assim no decorrer do tempo o processo de desmatamento na região se intensificou e em resposta a esse processo a partir de 2006 houve um aumento expressivo da área de conservação ambiental formalmente instalada, tornando a bacia à maior área protegida em âmbito federal no país, sendo hoje, 19 unidades de conservação integral, sustentável e de terras indígenas.

⁷ http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wp-content/uploads/2014/04/Sumario_AAI.pdf

O estudo aponta que considerando a delimitação traçada para a bacia hidrográfica do Tapajós são registrados atualmente 13 povos indígenas, com diferentes status de reconhecimento jurídico. Assim, os Munduruku destacam-se tanto pela população quanto pela organização política. Outras etnias presentes na região são: Arapium, Borari, Maytapu, Cara preta, Apiacá e isolados. Cabe destacar também, no âmbito da bacia, as comunidades quilombolas.

No que diz respeito aos conflitos socioambientais na bacia, se dá pelas interações históricas e políticas e o planejamento e implantação de novos empreendimentos que inserem outros autores e diferentes interesses, dinamizando e intensificando conflitos já existentes. Dentre os principais projetos previstos para a bacia, destacam-se as grandes e pequenas centrais hidroelétricas. A construção dessas barragens implica em vários impactos na região, sobretudo, para a rica biodiversidade presente e claro para a cultura e modo de vida dos povos indígenas. Um exemplo é o projeto de construção da usina de São Luiz do Tapajós, projeto iniciado em 2015 e arquivado em 2016. Se construída essa usina será considerada o maior complexo do Tapajós. Além disso, se construída essa usina formará um reservatório que se estenderá por 123 km do Rio Tapajós e outros 76 km do Rio Jamanxim. Com isso, cerca de 376 km² de floresta irá desaparecer do mapa, impondo a mobilização forçada de povos indígenas e ribeirinhos.

Assim, resultaria na ampliação da malha viária, expansão do plantio de soja e da pecuária de corte, construção de portos graneleiros, mineração, os programas de assentamento e de desenvolvimento agropastoris, bem como a criação e o fortalecimento das políticas de controle ambiental, regularização do garimpo e ações de controle do desmatamento. Em síntese, os conflitos na região envolvem questões fundiárias, pressão sobre áreas protegidas, fragilidade na gestão pública e territorial, conflitos de uso dos recursos naturais e desenvolvimento regional, conflitos com povos indígenas e populações tradicionais. Esses conflitos envolvendo os povos indígenas e as populações tradicionais abarcam os conflitos étnicos e culturais, a afirmação e efetivação de direitos civis e as disputas políticas e territoriais.

Um detalhe relevante para este trabalho é que o Rio Tapajós é considerado sagrado para os Munduruku. Diante do exposto podemos concluir a motivação para escolha deste cenário para a narrativa.

Localização do Rio Tapajós



Fonte: CPRM dados físicos IBGE e BASEMAP ESRI, 2019.

Logo, essa conexão pode ser percebida em outro trecho da obra, pois o personagem questiona “*Será que ele (o rio) sabe mesmo todas as coisas, como dizem nossos velhos? Haverá algo que ele ainda não nos revelou? Saberá responder as coisas que vi? Poderá clarear minha mente para que eu possa entender meus tormentos?*” (MUNDURUKU, 2004, p.5). Assim, o personagem revela as convicções de sua tribo, apontando que a tribo acredita que os elementos da natureza são seres que possuem muita sabedoria, tal como o Rio Tapajós. Vale ressaltar que os estudos realizados por Bachelard aqui citados, são apenas sobre as águas e não de todos os elementos da natureza.

No decorrer da leitura da obra outros elementos apontam para a visão de natureza apresentada pelo autor. Em outro trecho a fala da personagem Maíra que é a esposa do personagem Koru, revela que para a tradição desses indígenas o rio é o mais sábio dos espíritos da natureza, pois ela ao conversar com o marido diz: “*Como pode alguém fitar com os olhos indagadores o mais sábio dos espíritos da natureza e dizer*

que não esta pensando em nada importante”. Assim sendo, é possível identificar que o conceito de natureza apontado por Munduruku deriva de uma concepção de natureza que é própria ao mundo Ocidental moderno, ou seja, a natureza como algo que deve permanecer preservado, alheio à ação humana.

Com a leitura atenta da obra é possível compreender que para os povos indígenas a relação com a natureza é tão profunda que chegam a conversar com seus elementos, por exemplo, a esposa de Koru pergunta se o marido já perguntou ao rio se o mesmo entenderia o que indígena estava sentindo. A relação com a natureza é muito intensa, pois a natureza é simplesmente a fonte de sobrevivência desses povos. No que diz respeito, por exemplo, à obtenção dos alimentos e a proteção contra doenças, depende das relações travadas com esses espíritos da floresta.

Por conseguinte, a concepção de natureza que Munduruku utiliza em sua obra é essa visão de natureza como a “Grande Mãe” em quem os povos indígenas guardam suas lembranças, suas vivências e constroem suas histórias. Essa relação é tão intensa que especialistas apontam que as comunidades indígenas são modelos inspiradores de uma vida sustentável porque os povos indígenas extraem da natureza sua sobrevivência.

Neste contexto, torna-se relevante fazer alguns apontamentos sobre as concepções da natureza, no decorrer da história do pensamento geográfico.

As concepções de natureza apresentadas nas bases deterministas e possibilita assentam-se no princípio baconiano de conhecimento da natureza e seu domínio pelo ser humano, expressado tanto em Casseti (1991) e em Harvey (1993). É uma concepção de pensamento que encontrou respaldo, pois até os dias atuais a significação de natureza ainda possui um caráter naturalista e utilitarista. No entanto, o pensamento geográfico sofre uma profunda transformação e são formuladas novas formas de conceber a ciência. Assim, a natureza passa a ser concebida pela chamada Geografia Nova sendo explicada a partir de modelos matemáticos. Desse modo, a análise passou a ser centrada no ser humano, porém de forma descritiva, lógica e matemática e não evidenciando os grandes problemas ambientais da época. No entanto, essa corrente começa a mostrar seus limites e passa a sofrer uma série de críticas, tanto no plano ideológico quanto epistemológico.

Assim, surge uma nova corrente, chamada de Geografia Radical, nessa corrente devem-se apontar duas linhas que se destacaram e que conceberam a natureza de forma diferenciada, são elas: a linha marxista e a Geografia Humanística. O marxismo, com seu método materialismo histórico, instaura uma nova relação do ser humano com a

natureza. É justamente nessa linha de pensamento que a natureza é dividida em primeira e segunda natureza. A primeira natureza em que o ser humano está presente e utiliza-a como valor de uso e a segunda natureza, a qual é caracterizada pelo valor de troca.

Para a segunda linha de pensamento, a corrente humanística, uma corrente de cunho antipositivista contrária à racionalização e a quantificação da ciência. Têm no existencialismo, na fenomenologia e na hermenêutica suas bases filosóficas. No que diz respeito à relação ser humano e natureza ocorre um redimensionamento desta relação, pois a Geografia Humanística é preocupada com a morada do ser humano e em qualquer escala tem buscado explorar a influência da natureza e focar as intervenções humanas no espaço.

Na chamada modernidade e pós-modernidade - época de grandes transformações que afetam a humanidade e o planeta - decorrem de um longo processo histórico, que tem seu advento com a Primeira Revolução Industrial e o avanço do Capitalismo sobre as bases de seu crescimento, tendo seu ápice no século XX. Tudo isso se tornou possível devido o processo de globalização que tem como fundamento o desenvolvimento da técnica “com a emergência do período técnico-científico, no imediato pós-guerra, o respectivo sistema técnico se torna comum a todas as civilizações, todas as culturas, todos os sistemas políticos, todos os continentes e lugares” (SANTOS, 2002, p. 192).

Assim, todas as transformações sociais, como por exemplo: a invenção da agricultura, a domesticação de plantas e animais, as inovações técnicas e, inclusive, as formas e ideais implicaram e impactaram a natureza, todavia, nenhuma impactou tanto como nessa fase com o avanço da ciência e dos saberes, como a física da relatividade, a física quântica e a nanotecnologia.

Com tudo, aumenta a capacidade de enxergar o universo, de conectar os campos de negócios, as esferas do saber, como por exemplo: a medicina, a informática, a engenharia, a gestão. Transformam a natureza e conseqüentemente criou-se a miséria existencial, o adoecimento, ou seja, as enfermidades do planeta, das relações, dos sujeitos e a violência.

Assim, devem-se apontar alguns elementos decorrentes desses fatos, ou seja, as mudanças no funcionamento químico e biológico – alteração de genes; fusão; mudança do metabolismo e invenção da agrobiodiversidade e extinção – erosão genética.

Por fim, é possível apontar alguns sentidos, sendo eles: mercantilização da luz, da água, das ondas, uma fusão total – química, biologia, física, células, genes, átomos e epistemicídios.

Desse modo, a ciência ganha status de moderna e as características da Modernidade fundamentam-se na objetividade, na razão, na generalização, no saber especializado. Assim, para Haesbaert (1990), a modernidade, então, é concebida antes de qualquer coisa como a era da racionalidade, da tecnologia, da tecnocracia. Contudo, a tendência pós-moderna fundamenta-se numa postura de reorientação das ciências para o desenvolvimento de um conhecimento que provoque rupturas com os enfoques neopositivistas com ênfase no ser humano e, valorizando a cultura, a subjetividade e também para superar a dicotomia entre sujeito e objeto.

Vale ressaltar que é no período considerado como modernidade que se evidencia uma grande crise ecológica imposta através dos problemas ambientais, das catástrofes, da sustentabilidade e da pobreza.

Com tudo, é necessário pensar que a relação estabelecida entre o ser humano e a natureza deve ser analisada conjuntamente, pois segundo estudos de Latour (1994), não se pode concentrar os estudos só na natureza ou só no ser humano e sim nas relações que os seres humanos constroem com a natureza, porque a natureza está nos humanos tanto quanto os humanos estão na natureza. Para o autor, a natureza é um modo histórico de pensar as relações humanas com os objetos e as relações políticas estabelecidas. A ideia de exterioridade da natureza. Com tudo, o autor aponta, que tanto os autores “modernos”, “pós-modernos”, e até os “anti-modernos” acreditam em uma concepção de natureza universal exterior, à qual somente a ciência teria acesso. Assim, para o autor, todos compartilham da antiga constituição e dispara que é necessário fazer uma nova, no entanto, quem tem a capacidade para tal feito? Quem saberá como fazer política sem a noção moderna de natureza?

Em Políticas da Natureza (1999), Latour trata das relações entre natureza e política e se vê as voltas com a elaboração de uma constituição não moderna. O argumento do livro se insere, portanto, na problemática contemporânea da multiplicação global. Nesse sentido, o autor constata que essa multiplicação global decorre, sobretudo, das pesquisas científicas no geral e biotecnológicas. Nesse contexto, ocorre uma incerteza generalizada, o que o autor chama de “crises ecológicas” e também de crise de objetividade. Assim, conforme o autor as questões levantadas pela produção científica contemporânea não são apenas práticas, mas epistemológicas.

Ainda em *Políticas da Natureza* (1999), Latour aponta que os artifícios epistemológicos modernos vêm sendo denunciados pelos próprios híbridos que eles insistiam em manter na clandestinidade e que, por isso mesmo, só fizeram se multiplicar. Buracos na camada de Ozônio, vacas-loucas, células-tronco, culturas transgênicas, ovelhas clonadas. Para o autor, esses autores hoje mais do que nunca batem as portas da democracia. Portanto, temos que trazer a ciência para a democracia, avisa Latour.

O autor destaca que a ciência age como um “terceiro” na relação entre natureza e política. Assim, Latour sugere que a noção de natureza tem desde sua gênese a função de interromper o debate público e impedir a democracia plena ao se arrogar o direito único de corresponder à realidade. O que se pode considerar é que as chamadas crises de objetividade, pelo autor, torna explícita a relação entre as noções comuns de política e de natureza. Observa-se assim, que Latour foca, sobretudo, na importância da discussão pública dos problemas ecológicos. Portanto, para o autor falar de natureza e de política não é suficiente, é preciso pensar uma ecologia política, mas para isso é preciso repensar a ecologia através de uma reformulação radical. Assim, a ideia central do livro é propor um novo pensamento, bem elaborado sobre a atividade científica e política, uma vez que para o autor, fazer ecologia política é inicialmente sair da caverna, fazendo uma alusão à atualidade do mito da Caverna de Platão.

Latour discute através do mito da Caverna as instâncias denominadas de ciência e política. Portanto, Latour (1999) busca analisar e refletir com profundidade uma linha de raciocínio que lança duas flechas de tempo. A primeira, a modernista voltada ao desligamento e a segunda não moderna voltada para a relação ser humano e natureza. O alvo é o coletivo atuante, necessário para a realização de uma ecologia política, despertando novas formas de pensar, novas consciências e responsabilidades para um futuro comum da Terra e da Humanidade. Assim, conclui-se que Latour (1999) apresenta a necessidade de buscar novas formas de preservação da natureza, apontando como a ciência juntamente com a política deve tratar dessa questão.

Isto posto, compreende-se como o debate da natureza dentro da evolução do pensamento geográfico deixa evidente que há uma busca por novos caminhos para explicar essa relação existente entre o ser humano e a natureza. Assim, cada corrente apresenta uma contribuição aos elementos chave da Geografia.

Assim, voltando ao personagem principal da obra, o indígena Koru está passando por um momento complicado em sua existência, pois viveu uma experiência

na floresta com determinados “bichos” e os demais habitantes de sua aldeia não acreditaram no que ele contou, diante disso, o indígena está disposto a provar que está dizendo a verdade e em uma fala do dele é possível perceber que o conceito de natureza, ou melhor, a natureza é vista de fato como uma mãe, pois o indígena dispara: “*Eu quero respostas! Minha Mãe Natureza, dona de todo o conhecimento do céu e do chão, de dentro e de fora de tudo, eu quero respostas*”. (MUNDURUKU, 2004, p.8).

O personagem aponta a natureza como à dona de todo o conhecimento, ou seja, aquela que sabe de todas as coisas. Em outro trecho diz: “*A minha tradição me ensina a falar com os espíritos que te protegem Mãe Natureza. Ela diz que tu tens respostas para todas as perguntas. Então, responde logo, senão eu enlouqueço de verdade*” (MUNDURUKU, 2004, p.8).

Em outros momentos da leitura é possível identificar a descrição da natureza feita pelo autor, ele a descreve como uma beleza mágica ao descrever o contato do personagem com dois animais da natureza. Munduruku (2004, p.9).

O barulho das asas batendo tirou Koru de sua concentração. Olhou para trás e se deparou com um gigantesco Gavião-real de muitas cores como nunca havia visto durante toda sua vida de guerreiro. Koru se assustou e armou a flecha em seu arco, pronto para o ataque. A ave parecia parada em pleno voo, com olhos fixos no guerreiro. Koru não sabia se atirava ou admirava a mágica beleza do passado. Ficou totalmente paralisado quando viu sair de trás de uma grossa árvore uma onça inteiramente branca. A alvura do felino contrastava totalmente com o início da noite. Koru apontou imediatamente a flecha para o animal, que rosnou com grande força e se atirou na sua direção. Koru não teve tempo para nada, mas ficou pasmo ao notar que a onça não o atacou... Koru ficou atordoado com esse estranho ataque. Dentro de sua cabeça, ficou o zumbido de uma voz que lhe repetia constantemente: “Ouve o rio... ouve o rio... ouve... vai até onde não tenha gente e se deixe mergulhar na sabedoria das águas”.

A narrativa foi construída pelo autor a partir da beleza dos seres da natureza e o mistério apontado demonstra a concepção de natureza “natural”, bela e fornecedora de tudo que é necessário para a sobrevivência dos seres que dependem dela e não só da sobrevivência, mas também de tudo que existe entre o céu e a terra. Assim sendo, podemos indagar: O autor apresenta a natureza com a função de Deus? A natureza tem mesmo as respostas para todas as coisas?

Seguindo a análise, é possível responder aos questionamentos apontados anteriormente, durante a narrativa o autor apresenta elementos que mostram que a natureza é vista como a dona de todo conhecimento, que a natureza é a fornecedora de todas as respostas para o personagem Koru. A certeza na sabedoria das águas do Rio

Tapajós é tão forte que o personagem Koru e sua esposa, Maíra, embarcam em busca de desvendar os mistérios que assombram o guerreiro. As respostas tão almejadas por Koru estará mesmo nas águas do Rio Tapajós? As águas têm tanto poder assim?

Assim, devemos fazer um parêntese para tratar sobre a questão da água na atualidade, uma questão que é considerada como um dos assuntos mais importantes da contemporaneidade, principalmente, em razão da escassez crescente e de seu caráter estratégico. Nesse contexto, a questão é debatida por estudiosos do mundo todo e conforme o Professor Marcelo Rodrigues Mendonça, em uma fala ministrada durante uma mesa redonda no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, no dia 27/03/2017, se há uma crise hídrica é uma questão precedida por uma questão agrária. Mendonça enfatizou que a leitura de uma crise hídrica na atualidade ocorre a partir dos processos de modernização do território. Contudo, apresentou pesquisas realizadas por ele e por colegas que abordam as modificações ambientais, a precarização do trabalho e a exploração da natureza - exploração do uso da água, terra, biodiversidade.

Mendonça aponta também, que sob outro olhar “há que se entender que as disputas territoriais têm lastro do ponto de vista do poder econômico ou das construções históricas em que os atores locais estão inseridos”. Assim, observa-se que a água, cuja renovabilidade parece inexorável, mas constantemente ameaçada pelas ações humanas, sobretudo, a ausência de saneamento. Com isso, a água se tornou um recurso estratégico e já é um consenso no âmbito das ciências políticas que o século XXI será conhecido como o século das disputas internacionais pelos recursos hídricos, que torna a questão da geopolítica das águas. Em função de todos os problemas que a água apresenta na atualidade criou-se a FAMA – Fórum Mundial Alternativo da Água em março de 2003, em Florença na Itália, e junto a isso se pretende criar a Autoridade Mundial da Água, uma instância do governo público, cooperativo e solidário da água em nível das grandes bacias hídricas internacionais e de uma distribuição mais equitativa da água segundo as demandas regionais, isso conforme o Portal Tratamento de Água Sulzer⁸. Com isso, destaca-se a relevância desse recurso para a sobrevivência da vida no planeta Terra.

Assim, Munduruku, com o seu livro *Sabedoria das Águas*, pretende ensinar o que as águas têm de sabedoria. Qualquer forma de vida tem a ação das águas, as espécies de flora e da fauna têm a ação da água. O próprio corpo humano tem 70% da

⁸ Tratamentodeagua.com.br

água. Água é um termo que deve ser falado no plural, águas. As águas da chuva, a água do ar, a água dos lagos, dos rios, a água dos mares, a água dos lençóis e a água do corpo humano. O mundo da água se intercambia a uma solidariedade e uma retroalimentação entre todas as águas. O planeta terra é aquático, 70% de sua superfície é contido de água. A água ensina as várias possibilidades de uso, o banho para o batismo, saciar a sede, fazer comida, molhar a plantação, estabelecer o metabolismo orgânico de tudo que existe. O bebê é guardado na água do útero, o espermatozoide que fecunda tem uma forma parecida com uma forma líquida. A água, portanto, contempla várias atividades que existem.

A sabedoria das águas também se dá com movimento, o movimento das marés, o movimento das nuvens, o movimento dos rios. A água existe em movimento. É também da sabedoria da água a limpeza, a pureza, a germinação, a fecundação.

Voltando para a narrativa, Munduruku volta o foco da narrativa para o mistério que atormenta a personagem principal. No momento em que é revelado ao leitor tudo que aconteceu para o personagem se sentir atormentado e buscar respostas na sabedoria das águas. No entanto, pode-se indagar o que atormenta tanto o personagem. É nesse momento da narrativa que o autor revela para o leitor o que tanto perturba o personagem Koru. Nesse momento, o foco narrativo volta-se para os fatos que ocorrem com o personagem.

Koru e outros guerreiros estavam na floresta como sempre faziam até que algo estranho acontece. Cada guerreiro segue uma direção, isto porque não haviam realizado o ritual do perigo, conta o indígena. Ou seja, o personagem passa por uma experiência na floresta que ninguém na aldeia acredita e ao mesmo tempo sente-se no dever de provar que está falando a verdade, pois é uma questão de honra, provar para todos que não é um covarde. Assim, a natureza é apresentada também como aquela portadora de muitos mistérios. Quem são esses seres que aparecem para o personagem? Por que os outros caçadores não os viram? Porque apenas Koru os viram? Será ele o escolhido para algo? Portanto, vale destacar abaixo o trecho da narrativa em que o personagem se depara com esses “bichos” na floresta. Munduruku (2004, p.18) diz:

Estava me arrumando para dormir, quando ouvi um barulho semelhante ao do bichinho fujão. Peguei minha arma e fiquei quieto. Era mesmo o bichinho. Parecia estar cansado. Por um instante parou para descansar. Estava próximo do rio. Recuperado, ergueu os braços como se chamasse alguém. Meu espanto cresceu quando outros bichos iguais a ele apareceram e começaram a conversar em uma língua muito estranha. A mim parecia que eles haviam saído das águas do rio

ou das profundezas da terra... Amedrontado, e ao mesmo tempo fascinado, esbarrei no telhado da cabana e, imediatamente, fui descoberto por eles. Um deles levantou a mão que começou a brilhar de forma tão intensa, que eu tive que tapar meu rosto com as mãos.

Dessa forma, o trecho mostra claramente a preocupação do autor em mostrar os mistérios que a natureza tem e esse fato norteia toda a narrativa. Ainda nesse momento da narrativa a fala do personagem intensifica essa visão de natureza, pois no momento em que Koru termina de recontar tudo que lhe aconteceu na floresta a sua esposa, Maíra, ele destaca a postura do Pajé. Segundo Koru, o Pajé fora o único que acreditou em sua palavra. E assim continua Munduruku (2004, p.21)

O resto tu já sabes, pois foste tu quem me curou. Sabes também que eu contei minha história para todas as pessoas, mas ninguém acreditou em mim. Nem tu acreditaste direito. Apenas uma pessoa não desacreditou de mim, o Pajé. Acho até que ele sabe de mais coisas e não quis me dizer... O que ele te disse? Que a natureza tem ainda muitos mistérios guardados no seu coração – disse, em tom melancólico, Koru... E tu acreditas nisso? Acredito, pois eu vivi um desses mistérios. Só não sei aonde isso poderá nos levar. Ao conhecimento da verdade. Não é isso que estas procurando? É sim, Maíra. Só não sei se quero mesmo descobri-la.

Dessa forma, o conceito de natureza apresentado pelo autor pode ser conectado ao conceito de natureza apontado dentre dos estudos geográficos como sendo a primeira natureza, ou seja, a natureza intacta, aquela que o ser humano não modificou, não transformou, aquela que fornece todos os elementos para a sobrevivência de qualquer povo, de qualquer ser vivo, ou seja, a natureza não é alterada pela ação social.

Diversos geógrafos realizaram estudos sobre o conceito de natureza com o intuito de compreender como ocorre a relação sociedade/natureza. Assim, pode-se compreender a primeira natureza como o “mundo natural” não incluindo os objetos construídos pelo ser humano. Hoje há vertentes que discordam desse enfoque, pois o metabolismo da natureza foi modificado pelas ações sociais, inclusive os genes, as moléculas e os dispositivos químicos, como já abordados neste trabalho.

O debate acerca desse conceito é amplo e para alguns autores a natureza na esfera geográfica pode ser compreendida como duas: a primeira e a segunda natureza. A primeira natureza seria como já mencionada neste trabalho, àquela que ainda não foi modificada pelo ser humano. A segunda natureza conforme Santos (2006) é tudo que é transformado pelo ser humano, ou seja, a evolução das técnicas, o que ele chama Meio Técnico Científico Informacional. O autor aponta que esse período informacional ocorreu a partir da década de 1970, ocorrendo também o crescimento das redes

geográficas e o acirramento do processo de globalização entre outros fenômenos. Destarte, a natureza passa a ser apropriada pelo ser humano e transformada.

Santos (2006) nesse estudo concebe o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações. Assim, o autor aborda o conceito de espaço, a partir da perspectiva da natureza. Isto é, apresentando o conceito de natureza na perspectiva geográfica, visando analisar todas as relações existentes entre o ser humano e o meio físico. Com tudo, pode-se observar que a obra *Sabedoria das Águas* não aponta uma leitura de natureza dentro desse ponto de vista. A natureza na obra aparece como algo mágico, poderoso, misterioso. Ou seja, ela alcança, em palavras teóricas, o grau de significação. E, assim, é um elemento espiritual. As narrativas encantadas se fazem unindo ficção e espiritualidade.

Sendo assim, constata-se que essa visão de natureza apontada pelos geógrafos não se encaixa com a representação de natureza apresentada por Daniel Munduruku em sua obra. Munduruku trata a natureza buscando manter as tradições de seu povo. Em sua Literatura ele busca evidenciar isso. Mostrar a importância que a natureza tem para os povos indígenas. Em toda a obra *Sabedoria das Águas*, o autor aborda a natureza como algo sagrado.

Munduruku, em seu blog publicou em março de 2010, uma matéria cujo título era “*A natureza é um parente que precisa ser cuidado*” na qual ele explora o conceito de natureza. Na matéria o autor conta que viveu uma experiência muito significativa com seu avô. Quando criança, Munduruku tinha vergonha de ser índio, pois os indígenas eram vistos como estorvo ao progresso e ao desenvolvimento, porém seu avô o levou para fazer um passeio, longe da aldeia. O avô pediu que ele ouvisse o que o rio tinha a dizer, assim como ocorre na narrativa com o indígena Koru que busca suas respostas nas águas do Rio Tapajós. Nessa entrevista, o autor salienta que os povos indígenas acreditam que quando morrem, vai para a nascente do Rio Tapajós. Foi nesse momento que o autor entendeu que o rio sempre conversa com os povos indígenas, que fazem rituais para conversarem com os seres da natureza.

Dessa maneira, o autor explica que a natureza para os povos indígenas não é algo que se transforma para gerar lucro. Para eles, a natureza é um parente, que precisa ser cuidado e resgatado. Para eles, o cuidar da natureza precisa ser despertado em todos. Assim, na obra *Sabedoria das Águas*, Munduruku busca exteriorizar todos esses rituais que ocorrem nas aldeias, fazendo uso da Literatura para despertar nas pessoas a importância de cuidar da natureza e preservá-la. Toda a aventura vivida pelo indígena

Koru na busca por suas respostas é a forma utilizada pelo autor com o intuito de mostrar a sociedade não indígena um pouco da cultura de seu povo e da necessidade de manter suas tradições, além de destacar a gritante necessidade de preservar a natureza, fonte de sobrevivência para todos os povos indígenas.

Essa representação de natureza apontada pelo autor pode remeter aos aspectos culturais e até mesmo a forma de organização social dos Munduruku, por exemplo, os nomes dos clãs dos Mundurukus correspondem a diferentes elementos da natureza, como árvores, pássaros e mamíferos que fazem parte da rica cosmologia dos Mundurukus, estando, inclusive, muitas vezes presentes nas narrações e canções tradicionais que explicam o mundo e as relações do ser humano dentro dele. Tais informações podem ser verificadas no site Povos Indígenas do Brasil⁹.

Outro aspecto importante que os Munduruku relacionam com a natureza é o religioso. A religiosidade está presente, na verdade, em todos os aspectos da vida cotidiana dos Munduruku, regendo as relações com a natureza, as práticas do mundo do trabalho e as relações sociais. Desse modo, observa-se a relação que o personagem Koru e os demais personagens têm com os seres que habitam a floresta.

Portanto, a representação de natureza presente na obra *Sabedoria das Águas*, do escritor indígena Daniel Munduruku, é exatamente a representação de natureza que o movimento dos povos indígenas luta para manterem, a luta dos povos indígenas por sua sobrevivência, pois a natureza com o processo de desenvolvimento econômico, ou seja, a transformação da primeira natureza em segunda natureza causa a morte dessa ancestralidade. O objetivo do autor com sua obra literária é abrir o leque de possibilidades, adentrar nas lutas do seu povo com a força da sua escrita. Luta que visa manter a Mãe Natureza preservada, provendo tudo que esses povos precisam para sobreviver.

Pode-se observar que a natureza é representada como algo que possui um valor inestimável e os povos indígenas seriam os guardiões deste tesouro e de todo saber ancestral a ele relacionado. Observa-se também, na obra analisada, certa preocupação do autor em mostrar uma representação de natureza humanizada e destacar a harmonia que marca o viver indígena na floresta. Nesse sentido, o autor explora, por exemplo, imagens do indígena Koru e sua esposa Maíra, como seres que não se cansam de

⁹ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

contemplar os mistérios da natureza, seres que depositam todas suas expectativas na natureza, pois ela representa simplesmente toda a sabedoria.

Pois bem, observando esse panorama é possível identificar os ensinamentos sobre como se deve cuidar e relacionar com a natureza, o que é evidenciado nos discursos pedagógicos contemporâneos e as preocupações com o planeta. Munduruku utiliza da caneta para expor suas preocupações com o avanço que a devastação da natureza se encontra, o intenso desmatamento que está modificando com o hábitat de vários povos indígenas e várias espécies de animais e vegetais. Todo esse processo de transformação deletéria da natureza em prol do desenvolvimento econômico.

Esta análise considera os contextos em que a obra foi escrita, o enredo, os personagens e o desfecho da história, as ilustrações - que são abundantes e bastante coloridas - capaz de atrair potenciais leitores. Assim, observa-se que no contexto em que Daniel Munduruku escreveu essa obra apontamentos que evidenciam suas preocupações com a devastação da natureza e com a causa dos povos indígenas do Brasil.

Assim, o contexto da escrita da obra contribuiu para a representação de natureza apresentada pelo autor. Ou seja, mostrar como os povos indígenas enxergam a natureza e como esses povos lutam para mantê-la protegida de todas as ações humanas que estão modificando-a.

No que diz respeito ao enredo, observa-se que a narrativa volta-se totalmente à busca do indígena Koru pela verdade, sua determinação para achar as respostas que tanto o perturbam. Isso ocorre porque durante uma caçada Koru passou por uma experiência estranha na floresta. Ao revelar para os outros guerreiros o que viu na floresta, ninguém, com exceção do Pajé e sua esposa, Maíra, acreditam nele e como castigo Koru é proibido de participar da caça anual da aldeia. Com isso, o indígena fica extremamente desonrado e humilhado por seu próprio povo. E com o intuito de provar que estava dizendo a verdade, Koru parte com sua esposa nas águas do Rio Tapajós em busca de respostas. Com essa atitude Koru tinha certeza de que encontraria todas as respostas e acabaria com seu tormento.

Assim, o enredo revela a importância que a natureza tem para esses povos. A intensidade da relação que esses povos têm com a natureza, e ao pensarmos nessa relação, devemos nos atentar para o fato de que a natureza não se apresenta de forma homogênea e, sim, composta por uma variedade de ecossistemas.

Entende-se por ecossistema o conjunto de fatores físicos, ecológicos e bióticos que caracterizam um determinado lugar e que se estendem por um espaço de dimensões variadas, constituindo-se em uma totalidade sistêmica, integrada por fatores abióticos, como as substâncias minerais, os gases e os elementos climáticos isolados, e por organismos vivos, como plantas, fungos, animais e etc¹⁰.

Desse modo, ao considerar as cerca de 560 terras indígenas existentes no Brasil, deve-se ponderar que cada uma dessas terras está situada em sistemas ecológicos característicos. Assim, podemos dizer que o ambiente e seus variados ecossistemas devem ser reconhecidos como um fator gerador do processo cultural das sociedades indígenas, na medida em que os indígenas e suas organizações sociais tiveram que desenvolver estratégias de adaptação a cada um desses ecossistemas de forma a adquirir os meios necessários para a sua sobrevivência.

Diante disso, entende-se a motivação para os povos indígenas terem uma relação tão intensa com a natureza e o enredo da obra analisada nos demonstra essa relação. Sobretudo, por eles terem conseguido desenvolver formas de sobreviver nesses ecossistemas sem alterá-los. Possuem um crédito histórico por terem manejado os bens naturais de forma branda. Souberam aplicar estratégias de uso dos bens que mesmo transformado de maneira durável não alteraram seus princípios de funcionamento e nem colocaram em risco as condições de reprodução.

Logo, observa-se que a representação de natureza que os povos indígenas constroem está, de fato, associada à visão de Mãe Natureza, aquela que fornece todo o alimento e ao mesmo tempo aquela a quem se deve proteger e cuidar. E, também aquela cheia de mistérios e que tem a resposta para tudo. Diferente do sentido de Mãe Natureza para correntes esotéricas, o sentido de mãe, para os indígenas, se efetiva na vida diária, em que o rio e as águas são representadas e concretizadas a vida inteira.

No entanto, conforme o site Povos Indígenas do Brasil, essa concepção hegemônica de natureza que é própria do mundo Ocidental moderno, a natureza como algo funcional é totalmente diferenciada dos povos indígenas. Por isso, o dizer dos indígenas sobre a natureza é tão relevante para o estudo da Geografia e também para Literatura.

Segundo o site, as concepções de natureza que esses povos têm variam bastante, pois cada povo tem um modo particular de conceber e de compreender as relações que

¹⁰www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa

se estabelece com a natureza. No entanto, a ideia comum a todos, é a ideia de que o “mundo natural” é antes de tudo uma ampla rede de inter-relações, entre agentes, sejam eles humanos ou não humanos. E, isso significa dizer que o ser humano está sempre interagindo com a natureza e assim, esta não é jamais intocada.

Ainda conforme o site dos Povos Indígenas do Brasil, os indígenas mesmo não sendo “naturalmente ecologistas” eles têm a consciência da sua dependência, não apenas física, mas, sobretudo cosmológica, no que diz respeito à natureza. Por esta razão, desenvolveram formas de manejo dos recursos naturais que tem se mostrado fundamentais para a preservação das vegetações do Brasil.

Esse fato é visível nas regiões onde o desmatamento tem avançado com maior rapidez. Em levantamento do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) as terras indígenas aparecem como verdadeiros oásis de florestas¹¹.

Diante desses apontamentos, pode-se reforçar que o enredo da obra *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku, apresenta a concepção de natureza vista como algo poderoso, pois o protagonista da história considera que a águas do Rio Tapajós lhe dará todas as respostas, respostas que ele precisava para mostrar aos outros guerreiros que estava falando a verdade. A sabedoria se encontra nas águas deste rio. Em contrapartida, o enredo também aponta elementos para a própria concepção de natureza que o próprio autor, Daniel Munduruku têm, pois ele viveu uma experiência semelhante ao da personagem, como já mencionado neste trabalho.

Já o desfecho da narrativa, evidencia essa concepção de natureza, pois ao chegar nessa parte o autor enfatiza que é o momento do banho de sabedoria, ou seja, o momento em que as águas do Rio Tapajós mostrarão toda a verdade para Koru. Nesse sentido, pode-se observar que o rio é colocado pelo o autor é colocado em uma posição que demonstra muito poder. Isso fica claro na seguinte fala dos personagens: “*E agora, o que vais fazer Koru? – Perguntou Maíra. Esperar. O momento do meu encontro com a verdade das coisas será ditado pela água do rio.*” (MUNDURUKU, 2014, p.23).

Em outra parte da conversa entre os personagens pode-se observar a perspectiva religiosa da narrativa, Maíra dispara para o esposo. Como podemos ver em Munduruku (2004, p.24)

Tu reparaste como o céu é bonito? – disse, e sem esperar resposta, acrescentou: - Nossa tradição conta que nosso primeiro Pai veio de uma estrela dourada. Ele viu a beleza de nossa terra e resolveu descer para criar

¹¹ https://pib.socioambiental.org/pt/C3%8Dndios_e_o_meio_ambiente

um paraíso aqui. Tu acreditas nisso? – Talvez nossa tradição tenha razão ao afirmar isso, Maíra. Há muitos mistérios em nossas vidas. Nós estamos cercados por seres animados que nos dizem que há mais coisas para acreditar do que o que nossos olhos veem. De que outra maneira se poderia entender os rituais para a Mãe Natureza? Se ela não entendesse o que estamos fazendo, não sentiríamos vontade de fazer?

Observa-se um aspecto ligado à religiosidade dos Munduruku, e segundo o Site Indígenas Brasileiros¹² para esses povos a religiosidade tradicional é muito presente, mesmo com as mudanças sofridas com a colonização. A religiosidade está presente em todos os aspectos da vida cotidiana, regendo as relações com a natureza, às práticas do mundo do trabalho e as relações sociais. Os Munduruku, em sua maioria, apesar de participarem de rituais católicos e protestantes, dificilmente podem ser considerados como plenamente convertidos. Um fato interessante é que a presença de missões de diferentes religiões não causou entre os Munduruku rivalidades ou disputas deste cunho, o que pode significar que atribuem soluções e interpretações próprias no que diz respeito à religião.

Portanto, os Munduruku valorizam e muito suas tradições, não permitindo que outras religiões, outras crenças se espalhem pelo seu povo. Na sequência de falas dos personagens Koru e Maíra esses apontamentos se confirmam, pois os personagens indagam que nem sempre é possível compreender todas as coisas e que nem sempre é necessário compreender tudo que se faz e que acreditam em quem os ensinam os mistérios da vida. Munduruku (2004, p.25)

Não é a todos que é dado comunicar-se com os espíritos da sabedoria. Há gente de nosso povo que fala com os espíritos e outros que precisam dessas pessoas para saber o que Eles têm a nos dizer. Sem os pajés, como poderíamos viver? Quem iria apaziguar os espíritos? Quem iria nos curar?

Portanto, a personalidade do Pajé representa a figura que ouve os espíritos e transmite os ensinamentos para os demais. Fato já mencionado neste trabalho, no entanto, vale reforçar, pois o desfecho da narrativa retorna a essa questão. Destarte, o desfecho foca na questão da espiritualidade e na sabedoria das águas do Rio Tapajós. Em uma espécie de sonho o rio revela pra Koru o que ele havia visto naquela noite na floresta. E, faz uma proposta ao guerreiro. Munduruku (2004, p.27)

Pretende-se conhecer a verdade das coisas, o principio de tudo, precisas mergulhar nas águas do rio e deixar que ele te lave e te leve para seu leito, em

¹² <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/02/munduruku.html>

suas profundezas. Lá há mais coisas a descobrir do que a tua mente pode alcançar ao longo da tua vida inteira. Podes ir se quiseres, agora. Podes dominar todo conhecimento do mundo. Koru quis saber mais. Poderei saber o que aconteceu no principio de tudo? Saberás até antes do principio. Sabedor disso terás riqueza, fama, respeito e poder. Que tipo de poder terei? Indagou Koru. Darás vida e morte a quem quiseres. Todos te respeitarão. Serás o mais poderoso dos homens.

Observa-se que o ser que aparece para Koru e lhe conta toda a verdade é um espírito de outro mundo oferecendo-lhe poder e riqueza. Nesse sentido, a natureza representa um poder sobrenatural, um poder que está acima de todas as coisas. No entanto, o desfecho final revela que esse poder não é sinônimo de felicidade, pois para Koru ter acesso a todo esse poder ele teria que renunciar a sua esposa e sua família, seus entes queridos da aldeia. Ou seja, esse poder que é oferecido a Koru traz consequências para quem o aceita. Os seres que Koru viu na floresta, são justamente seres que aceitaram esse poder e se tornaram totalmente solitários.

Nesse momento, a narrativa volta-se para a esposa de Koru, Maíra, pois ela é quem chama sua atenção para o preço que ele pagaria se aceitasse tal proposta e até mesmo o espírito que faz a proposta destaca a sabedoria de Maíra. Munduruku (2004, p.28)

Não queiras saber mais do que precisas, Koru. Busca a verdade do que viste. Não buscas a verdade do mundo, queres apenas a tua verdade, para não mais ser tratado como um louco pelos teus parentes. Ele ainda não te disse o preço que terás que pagar por isso. Tua mulher é sábia. Para alcançar a sabedoria do mundo deverás renunciar ao amor dos teus e tua mulher será levada conosco. Este é o preço para quem quer ter a verdade do mundo: dominarás a todos, mas estarás sempre sozinho. Caminharás como um felino que terá sempre de matar sua presa, pois não sabe conviver com ela; terás prestígio, mas viverás na solidão do teu poder. Mergulhas?

Assim, Koru decide não aceitar a proposta. Opta por não abrir mão de sua amada, opta por não abrir mão de sua família. É exatamente nessa última conversa que Koru entende a importância dos ensinamentos de seu povo, de sua tribo, de sua esposa. Nesse contexto, deve-se ressaltar que o autor ao escrever sobre o dilema que Koru teve que enfrentar. Evidencia os dilemas que os povos indígenas enfrentam com o processo de modernização conservadora, pois eles têm que decidir se ficam em suas aldeias ou se vão para a cidade grande, ou seja, deixam suas raízes e se aventuram no novo.

Desse modo, a natureza na obra *Sabedoria das Águas* é representada como algo que possui valor inestimável, e os índios são guardiões deste tesouro e de um saber ancestral a ele relacionado. Observa-se na obra analisada, há a representação

humanizada da natureza e também um apelo à harmonia que marca o viver indígena. Dessa forma, o autor explora, por exemplo, imagens do indígena Koru contemplando as águas do Rio Tapajós, ou seja, contemplando o esplendor da natureza.

3.2 A Sabedoria das Águas

No primeiro tópico deste capítulo buscamos mostrar como a natureza é representada na obra *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku, agora se pretende fazer uma análise completa da obra, buscando relacionar todos os pontos abordados nesta pesquisa.

Desse modo, para compreender, interpretar e assimilar os sentimentos e valores da obra, a análise será realizada de forma a explorar todas as características do texto. Assim, após a leitura atenta da obra, buscasse explorar sete itens presentes na narrativa, sendo eles: o enredo, o tempo e o espaço, o narrador, a linguagem, os personagens e a importância da obra.

3.2.1 O enredo

No que diz respeito ao enredo da obra *Sabedoria das Águas*, de autoria de Daniel Munduruku, o enredo é literalmente a força de todos os acontecimentos, pois a história gira em volta do indígena Koru, que é a história de todos que escutam o chamado da natureza. Ousando mergulhar na sabedoria das águas do Rio Tapajós, ele descobriu que a Natureza tem muitos mistérios guardados em seu coração. No início da obra o indígena Koru encontra-se as margens do Rio Tapajós fazendo algumas reflexões sobre a sua sabedoria, indagando se o rio sabe mesmo todas as coisas, indagando se o rio saberia lhe responder acerca do que lhe ocorrera na floresta. Logo no início da narrativa o autor expõem todos os conflitos que atormentam o personagem principal.

Koru conta para a esposa Maíra que viveu uma experiência estranha na floresta, sendo o motivo de todo o desenvolvimento da narrativa. Koru e outros guerreiros estavam na floresta caçando. Em certo momento ele se percebe sozinho na floresta e viu uma forte luz, uma luz que o fez vagar por dias inteiros pela floresta. Tal experiência é tão intensa e confusa que ninguém na aldeia acredita na história de Koru, com exceção do Pajé e sua esposa Maíra. Todos na aldeia acreditam que um espírito zombeteiro da floresta, conhecido por Curupira o tinha enfeitado com suas mentiras. Assim, Koru se

sente envergonhado e decide ir atrás de respostas para o que havia acontecido e acredita que apenas o Rio Tapajós lhe dará estas respostas.

Esse fato sustenta toda a narrativa e o desenvolver de todos os conflitos e tensões vividas pelos personagens. Dessa forma, o índio Koru e sua esposa Maíra começam uma aventura sobre as águas do Rio Tapajós. Eles partem em busca de respostas, respostas que Koru demonstra ter absoluta certeza que terá e que o rio as dará. Observa-se que a narrativa começa expondo o conflito e aos poucos o leitor desvenda em confições retrospectivas as motivações de Koru. Munduruku (2004, p.5)

“Ele sempre segue seu ruma e não para nunca”, pensava o guerreiro. Ela não se preocupa com o que pensam dele os peixes , as plantas aquáticas, as capivaras que atravessam de uma margem para outra, os homens que singran suas ondas ... segue sempre do mesmo jeito guardando a sabedoria que prende com suas viagens ao longo do universo.

Observa-se que Koru faz vários questionamentos, tanto coloca em xeque a sabedoria do rio quanto as suas tradições, além da incredulidade por parte de seus parentes indígenas diante dos fatos por ele experienciados com os seres mágicos da floresta. Munduruku (2004, p.5)

Será que ele sabe mesmo todas as coisas, como dizem os nossos velhos? Haverá algo que ele ainda não nos revelou? Poderia o velho Tapajós saber mais coisas que os meus avós e os avós dos meus avós? Saberá responder as coisas que vi? Poderá clarear minha mente para que eu possa entender meus tormentos?

Desse modo, o protagonista coloca em evidencia as suas crenças e, sobretudo, a crença nos mitos, que são os seres superiores, a sabedoria da Mãe Natureza que é representada pelo Rio Tapajós. Diante das aflições de Koru, ele é ouvido e é na margem do Rio Tapajós que ele tem uma visão através do sonho e é quando aparece um gigantesco Gavião-real e uma enorme Onça branca dizendo que a resposta que ele tanto busca está no rio. Diante desse fenômeno sobrenatural, uma voz permaneceu em sua cabeça, uma voz que lhe repetia: “*Ouve o rio... ouve o rio... ouve... vai até onde não tenha gente e se deixe mergulhar na sabedoria das águas*” (MUNDURUKU, 2004, p. 7-8).

Assim, durante o percurso pelo Rio Tapajós, Maíra pede a Koru que lhe conte novamente como aconteceu tal experiência com os “bichos” da floresta. Desse modo, Koru narra para Maíra tudo que aconteceu com ele na floresta. Munduruku (2004, p. 14)

- Me conta o que aconteceu naquela noite em que viste o disco brilhoso-pede dengosa Maíra.
- Já te contei tantas vezes, Maíra – retrucou Koru.
- Eu sei meu homem. Eu queria ouvi para passar o tempo. Tu sabes contar histórias tão bem. Todos na aldeia dizem que tu és o melhor de todos na arte de contar histórias. Dizem até que tu vais substituir o velho Krixí quando ele morrer – disse Maíra, provocando a vaidade do marido.
- Tudo bem, Maíra. Vou te contar de novo. Vou te contar principalmente porque eu mesmo quero relembrar detalhes, para não esquecer depois.

Na sequência dos fatos a narrativa nos coloca: *“Koru e Maíra chegam a uma clareira onde passariam a noite, então, deitados um ao lado do outro ficaram admirando o céu e as estrelas, e sem perceber caíram em um sono profundo. Ou foi o que pensavam, pois tinham a sensação de estar sonhando o mesmo sonho”* (MUNDURUKU, 2004, p. 27). Nesse trecho, temos o momento do clímax da narrativa, pois é o momento em que os seres da floresta revelam a verdade para Koru a tão procurada verdade. Têm-se novamente a presença dos seres místicos. Pode-se até imaginar que eles seriam os ancestrais destes povos indígenas, que mediarão esta experiência sobrenatural. Munduruku (2004, p. 27)

A imagem que lhes vinha era a dos mesmos seres que Koru vira no Tapajós. Na visão de ambos, os seres se aproximaram. O gavião-real fitou Koru, e a grande onça branca parou diante de Maíra. Olhos nos olhos, o gavião-real passou a mensagem a Koru:
 - Se pretendes conhecer a verdade das coisas, o princípio de tudo, precisas mergulhar nas águas do rio e deixar que ele te lave e te leve para seu leito, em suas profundezas. Lá há mais coisas a descobrir do que tua mente pode alcançar ao longo de tua vida inteira. Podes ir se quiseres, agora. Podes dominar todo o conhecimento do mundo.

Logo, entende-se que Koru e Maíra vivem experiências que, guardadas a proporções, pode-se dizer que são provocações, com seres místicos, com criaturas que fazem parte do imaginário indígena. Observa-se que durante quase todo o enredo a presença do Rio Tapajós é representada como o ser da natureza mais sábio. Por isso é nele que a narrativa ocorre desde a fase inicial ao desfecho. A narrativa chega ao fim e Koru decide não aceitar a proposta dos seres místicos, pois prefere permanecer ao lado de sua esposa e de sua família.

No entanto, observa-se que o protagonista ficou tentado em aceitar tal proposta, pois a narrativa passa uma ideia de crise, do indígena em crise, do indígena em dúvida. Adere-se ao novo ou permanece seguindo suas tradições? O apego e a valorização da tradição são mantidos, porém não se pode dizer até que ponto. O que se pode dizer é que depois dessa experiência Koru não é mais o mesmo, ele fica dividido entre a

harmonia com o mito ou aceitar a proposta, mas fica sabendo que pode servir-se de seus mitos diante de suas necessidades e que estes não o abandonarão. Como se pode observar nas palavras do próprio Koru. Munduruku (2004, p.28)

Como renunciar ao amor dessa mulher que sempre me protegeu? Pensou o guerreiro.

- Como abrir mão da alegria de meus parentes, das danças, dos ritos, do prazer de uma caçada ou do lamento pela morte de um amigo? Não posso ir.

- É uma decisão muito corajosa, meu rapaz. Esta é a tua última palavra?

- É sim. Eu não vou abrir mão de Maira jamais. Não vou abrir mão dos meus parentes, do meu povo, da minha tradição. Eu não quero ir – disse, firmemente, Koru.

Desse modo, entende-se que o autor evidencia que abandonar sua cultura, sua crença e tudo mais que constrói a sua identidade como indígena não é a melhor escolha, mesmo diante da proposta mais tentadora do mundo, afinal quem não quer ter todo esse poder que é ofertado a Koru? Ter todo conhecimento do mundo? Assim, ao receber a oferta Koru descobre que os seres que ele viu na floresta aceitaram mergulhar no rio da sabedoria. Munduruku (2004, p. 28)

Como prêmio pela tua coragem e por não desistires de tua busca, vou dizer o que vistes na clareira: tu viste um pouco do poder que terias se aceitasses mergulhar no rio da sabedoria. Vistes seres que decidiram conhecer todas as coisas e que têm domínio sobre o tempo e o espaço. Viste seres que não são deste mundo, no qual te moves. Viste seres que querem conhecer os aromas de teu mundo, mas não podem percorrê-lo às claras. São viajantes solitários pelo espaço-tempo do cosmo. Têm poder, mas mandam em ninguém. Têm prestígio, mas não tem como usufruí-lo. Eles fizeram a escolha a que hoje renunciaste por amor a teu próprio espaço-tempo. O momento que viveste ficará em tua memória, mas o que te disse será esquecido para teu bem e para que tenhas uma velhice tranquila. Para isto terás de mergulhar no rio do esquecimento, tu e tua mulher.

Assim, depois da revelação os guias espirituais conduzem o casal ao mergulho do esquecimento no Rio Tapajós. E, os dois acabam desmaiando durante o intenso mergulho. Ao final o narrador diz: “*A tarde já terminava quando Koru e Maira deslizaram a pequena canoa para as águas do velho Tapajós, que, impassível, guardava toda a sabedoria do mundo*”. (MUNDURUKU, 2004, p. 31). Em face disso podemos afirmar que o enredo de *Sabedoria das Águas*, apresenta características do texto épico, pois apresenta, deslocamentos, provocações, revelações além de ser fortemente fundado pelo peso da tradição, o que rege as ações das personagens. Convém afirmar que esse momento é o clímax da história, pois tudo é revelado a Koru e ele finalmente compreende tudo que aconteceu com ele na floresta.

Esboço do Enredo



Fonte: Munduruku, 2004. IBGE.

Totalizando, o enredo é construído pelos arquétipos míticos que ao final da narrativa contribuem para o fortalecimento dos próprios personagens, pois as experiências com o mito alimentam em Koru e Maíra a criação de uma nova narrativa oral, de caráter mítico, que será contada posteriormente aos seus parentes. Portanto, ao mesmo tempo em que a narrativa apresenta um distanciamento do indígena e dos seus mitos. No final ela soluciona esse problema mostrando para o indígena a importância dos mitos para a existência de seu povo.

3.2.2 O espaço e o tempo

O enredo se desenvolve praticamente em um único espaço, que é o Rio Tapajós. No que diz respeito ao tempo da narrativa observa-se que existe uma enunciação, pois aos poucos desvendamos em confissões retrospectivas as motivações subjacentes de Koru. Desse modo, o tempo pode ser linear ou sofrer inversões. É linear quando a narração segue a ordem cronológica dos fatos e é invertido quando o narrador nos diz antes um fato que aconteceu depois na história ou vice-versa. Na segunda parte da narrativa podem-se identificar dois tempos, pois é apresentado o equilíbrio inicial e o motivo do desequilíbrio de Koru, na medida em que se dá à procura por respostas. Esses dois tempos são: o presente narrado em voz heretodiegética e o passado narrado pelo protagonista que expõe a necessidade de buscar suas respostas.

3.2.3 O Narrador

A história começa a ser contado por um narrador heterodiegético, ou seja, o narrador que não é personagem da história, sendo o tipo de narrador mais adotado pelos escritores.

A tarde parecia que não ia terminar nunca. Tudo estava muito calmo e nada acontecia. De cima do muro da aldeia, Koru olhava o Rio Tapajós. Munduruku (2004, p.5)

“Ele não se preocupa com o que pensam dele os peixes, as plantas aquáticas, as capivaras que atravessam de uma margem para outra, os homens que singram as suas ondas... Segue sempre do mesmo jeito, guardando a sabedoria que aprende com suas viagens ao longo do universo.”
Sem fazer nenhum movimento que lhe desviasse de seus pensamentos, Koru continuou com suas indagações:

“Será que ele sabe mesmo todas as coisas, como dizem nossos velhos? Poderia o velho Tapajós saber mais coisas do que os meus avós e os avós dos meus avós? Saberá responder às coisas que vi? Poderá clarear minha mente para que eu possa entender meus tormentos”?

E também se observa a presença do narrador autodiegético, isto é, o narrador que é o personagem principal da narrativa, o protagonista, pois em determinado período Koru aparece como narrador, contando para sua esposa Maíra tudo que lhe aconteceu na floresta. Munduruku (2004, p. 14)

“Estávamos perseguindo uma manada de queixadas nas redondezas da clareira das árvores cheirosas”. As pegadas estavam muito confusas. Um seguiu para o norte, e outras para o sul; umas iam para o leste e outras para o oeste. Eu era o batedor do grupo e achei muito estranho o procedimento dos porcos. Eles andam sempre em grupo e não se afastam uns dos outros em hipótese alguma. Quando percebem algum perigo, lançam um leite no corpo e esfregam uns nos outros, passando a exalar um cheiro muito forte e característico; dessa maneira eles avisam que algo estranho está acontecendo. As pegadas e a falta de cheiro forte no ar me mostravam que eles tinham realizado o ritual do perigo, por isso cada um tinha seguido por uma direção oposta...

Em certos momentos o narrador fica neutro na narrativa, porém, em outros ele se insere na consciência do personagem.

3.2.4 Linguagem

Por meio da linguagem é possível identificar a forma como a obra foi escrita e até mesmo narrada. Desse modo, devemos identificar se o vocabulário é antigo ou moderno. Verificar se é uma linguagem simples ou rebuscada, formal ou informal, culta ou marginalizada. Assim, a linguagem da obra *Sabedoria das Águas*, pode ser considerada como simples, pois é uma linguagem em que o leitor compreende com clareza. Munduruku, (2004, p. 5)

A tarde parecia nunca terminar. Tudo estava muito calmo e nada acontecia. De cima do muro da aldeia, Koru olhava o rio Tapajós. “Ele sempre segue seu rumo e não para nunca”, pensava o guerreiro. “Ele não se preocupa com o que pensam dele os peixes, as plantas aquáticas, as capivaras que atravessam de uma margem para a outra, os homens que singram as suas ondas... Segue sempre do mesmo jeito, guardando a sabedoria que aprende com suas viagens ao longo do universo”.

Percebe-se a partir da leitura do trecho acima que a linguagem da obra é simples, ou seja, o público-alvo não terá nenhuma dificuldade para entender a narrativa. A narrativa pode ser considerada constituída por uma linguagem formal, pois a linguagem formal é usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação. Outras características da linguagem formal é a utilização rigorosa das normas gramaticais, pronúncia clara e correta das palavras e utilização de vocabulário rico e diversificado.

Assim, mesmo utilizando de um vocabulário rico e diversificado a linguagem utilizada na obra *Sabedoria das Águas* pode ser considerada uma linguagem simples, pois não apresenta características complexas do texto literário. Isso se deve ao fato de ser uma linguagem voltada para crianças, pois a Literatura Infantil preocupa-se em desenvolver a imaginação, as emoções e os sentimentos das crianças de forma prazerosa e significativa. E, são exatamente essas as características da obra *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku.

3.2.5 Personagens

Os personagens principais da obra *Sabedoria das Águas* são o índio Koru e sua esposa Maíra. Koru é um jovem guerreiro que está à beira do Rio Tapajós refletindo e ao mesmo tempo questionando-o. Maíra é a sua esposa. Koru encontra-se em uma fase de questionamentos, colocando em dúvida um dos elementos de sua tradição. Tal elemento é o rio, que considerado o mais sábio dos elementos da natureza. Munduruku, (2004, p. 5)

Será que ele sabe mesmo todas as coisas, como dizem os nossos velhos? Haverá algo que ele ainda não nos revelou? Poderia o velho Tapajós saber mais coisas que os meus avós e os avós dos meus avós? Saberá responder as coisas que vi? Poderá clarear minha mente para que eu possa entender meus tormentos?

Percebe-se os diversos questionamentos apontados por Koru a cerca do Rio Tapajós, com isso percebe-se também que o guerreiro está questionando suas próprias tradições, seria uma crise cultural ou uma crise de identidade? O índio Koru estaria em crise, ou seja, um herói em crise? Pois, ele coloca em xeque suas crenças e, sobretudo, a crença nos mitos, que são os elementos superiores, das divindades, a sabedoria da Mãe Natureza que é representada pelo Rio Tapajós.

Koru está em busca de respostas e isso o deixa extremamente questionador, pois enquanto caçava na floresta acaba se perdendo de seu grupo e vivendo uma experiência mágica. Encontrando criaturas de aparência estranha que quando perceberam sua presença emitiram uma forte luz. O que levou Koru a desmaiar. Assim, ele acordou às margens do rio sem entender como havia chegado ali. Como não sabia o caminho de volta para casa caminhou pela mata em busca de água e de repente se vê em hipnose e começa a subir um morro e quando chega ao topo é puxado para baixo, batendo-se em pedras, cipós e árvores.

Então ele é encontrado três dias depois por seus parentes na floresta, tirando o Pajé, ninguém mais acredita em sua história e isso deixa o guerreiro extremamente chateado. O que provoca uma forte tensão psicológica na narrativa. Na aldeia, Koru passa a ser tomado como louco e até sua esposa, Maíra, chegou a hesitar sobre a veracidade de tal fato, no entanto, tomada pelo companheirismo, fica ao lado do marido.

Koru fica tão focado em querer provar sua verdade que suas preces são atendidas. E é nas margens do rio que ele tem uma visão em sonho em que aparece um gigantesco Gavião-real e uma enorme Onça branca dizendo que a resposta que ele tanto buscava estava no rio, assim, depois dessa manifestação sobrenatural fica uma voz na cabeça de Koru dizendo para ele ouvir o rio. Ou seja, o personagem Koru é um guerreiro que está vivendo um conflito. O autor, não especifica seus personagens fisicamente, no entanto, como Koru é descrito como um guerreiro, contudo, podemos imaginar que ele seja jovem e forte.

Na narrativa Maíra, esposa de Koru, é apresentada como uma mulher forte e determinada e com a certeza do valor da cultura indígena, assim, como a crença na tradição. No decorrer da narrativa, Maíra sempre busca lembrar ao marido da importância das tradições e crenças. Vale ressaltar, que enquanto Koru apresenta características questionadoras, Maíra faz o contraponto, ela é literalmente a voz que representa a tradição.

Os outros personagens, tais como o Pajé e os demais indígenas são apenas citados durante a narrativa, por isso não tem como descrevê-los.

3.2.6 Sinopse

A história do guerreiro Koru chama atenção, pois é uma história de aventura, conflitos, dúvidas e mitos. A narrativa envolve o leitor pela determinação de Koru em

busca da verdade. Durante uma caçada Koru se perde dos outros guerreiros e vive uma experiência mágica na floresta. Koru se depara com umas criaturas de aparência estranha. Ao se deparar com o guerreiro emitiram uma luz bem forte e um grande ruído que leva o guerreiro ao desmaio, quando ele acorda está às margens do rio, sem compreender como havia chegado ali. E, sem saber como voltar para a aldeia, Koru caminha pela mata. Por fim, é encontrado três dias depois por seus parentes.

Com exceção do Pajé, ninguém acredita na história de Koru e o guerreiro passa a ser visto como louco por toda a aldeia, até mesmo sua esposa, Maíra, chega a duvidar da história do marido, mas tomada pelo companheirismo, ela apoia o esposo. Assim, Koru desonrado e humilhado por sua própria gente, parte com Maíra em uma pequena canoa e segue o curso do Rio Tapajós em busca de respostas. Nas águas do rio ele tinha certeza que encontraria as respostas para seus questionamentos, e, assim acabaria com seu tormento e recuperaria sua honra perante todos na aldeia.

3.2.7 Importância da obra

A obra *Sabedoria das Águas*, de autoria de Daniel Munduruku, se torna relevante na medida em que é uma obra realizada por um escritor indígena. Sendo assim, escrita com o intuito de retratar e propagar a cultura indígena, pois segundo o próprio autor a cultura indígena ainda é vista como folclórica e isso é fruto de uma política que sempre tratou os indígenas como seres do passado, parados no tempo e na história.

Todavia, para compreender a importância dessa obra e de todas as obras produzidas pelos escritores indígenas é necessário entender a importância da preservação da cultura indígena. Desse modo, Munduruku (2019) aponta:

Que esses povos trazem consigo uma sabedoria milenar que os mantinha conectados com a natureza e com seus seres visíveis e invisíveis. Eram grupos que tinham crenças e a partir delas desenvolveram sistemas sociais, políticos, econômicos, culturais que lhes permitiu sobreviver, ou seja, atravessar os séculos e chegar aos nossos dias. Atualmente, já não são muitos como antes, pois muitos foram dizimados no decorrer da história, mas os que sobreviveram estão espalhados por todos os estados brasileiros. Ainda são 305 povos em contato com as nossas tradições. Alguns de nós já estamos tão envolvidos com a sociedade nacional que não trazem na pele as marcas de outrora. Outros conseguem manter parte de seus territórios e culturas, outros tentam compreender o que significa essa aldeia global. Felizmente ainda existem aqueles que não estabelecem contato com a dita “civilização” refugiada que estão no coração da floresta. Somos, por tanto, muitos, somos diversos, versos compostos por diferentes escritas, cantantes que somos de

diferentes melodias, diversas batidas de pés, de mãos, de cantares. Às vezes somos invisíveis pela magia da existência, outras vezes somos invisibilizados pela ganância de alguns, pela cegueira de outros, pela maldade de certos olhares treinados para nos manter longe da história. Saibam, no entanto, que estamos presentes na história de hoje como antes nossos antepassados também estavam. Somos seus contemporâneos, partes importantes da história do Brasil, estamos em cada estado da federação, nos municípios e nas localidades, por contas das perseguições e guerras de extermínio, estamos nos grandes centros urbanos e na zona rural. Estamos ali, onde o verde é mais verde, onde as águas são mais claras, onde a riqueza é mineral, onde o ar é mais puro. Somos guardiões do patrimônio cultural brasileiro para que todos vocês e nós possamos nos orgulhar de pertencer a esta terra chamada Brasil. Mas, é certo que somos e seremos sempre!

Observa-se a partir do trecho acima, a relevância da obra *Sabedoria das Águas*, na medida em que o autor aponta que esses povos foram quase que totalmente dizimados, invisibilizados. Desse modo, a publicação da obra *Sabedoria das Águas*, reforça todos esses conflitos que os índios vivem na atualidade ao mostrar os conflitos enfrentados pelo protagonista Koru. Koru encontra-se questionando as tradições, a sabedoria do mito maior - o rio. Assim, encontra-se em crise, pois Koru coloca em xeque suas crenças e, sobretudo, a crença nos mitos, que são elementos superiores, a divindades, a sabedoria da Mãe Natureza, representada pelo Rio Tapajós.

A obra também problematiza a questão das angústias dos povos indígenas, pois na narrativa a mulher de Koru coloca sempre à tona o valor ancestral da cultura indígena. Assim, como a crença na tradição é o que representa o elo de apaziguamento das angústias humanas sofridas pelo índio. Assim, pode-se fazer um elo com as angústias que os povos indígenas vivem na atualidade, pois vivem na dúvida entre migrar para as grandes cidades ou permanecer em suas aldeias. E, quando migram se tornam índios desaldeados.

Esses indígenas muitas vezes migram para as cidades por não terem outra opção, pois a escassez de alimentos, o desmatamento e o avanço das cidades sobre as matas são alguns dos fatores que contribuem para esse processo migratório. Ou seja, as condições de vida nas aldeias forçam os índios a se migrarem. Porém, na narrativa *Sabedoria das Águas* ao mesmo tempo em que aborda esse distanciamento do indígena de sua cultura, dos mitos, resolve esse problema por outro lado trazendo para o indígena a importância dos mitos para a sua existência e para a existência de seu povo.

Além disso, a narrativa passa uma mensagem de crise, pois pela leitura percebe-se o índio em crise ou em descrença com sua identidade cultural ao se revelar um indígena questionador que possui dúvidas sobre seus mitos. Nesse momento, a narrativa nos coloca uma ideia de deslocamento, ou seja, de êxodo, de movimento, quando Koru

parte em buscas de respostas. Assim, pode-se relacionar com as angústias que os povos indígenas passam na atualidade, os deslocamentos que esses povos têm que realizar por causa das dificuldades enfrentadas em suas aldeias. Os povos indígenas vivem diariamente esse tipo de situação.

Outro ponto muito importante para a publicação de uma obra como *Sabedoria das Águas*, contribui para a educação das crianças, pois segundo o próprio Munduruku e Olívio Jekupé em entrevista para o Saraiva Conteúdo, apontam que há uma mudança muito significativa no modo do país ver os seus povos ancestrais. O autor destaca ainda que na Literatura Indígena o elemento que costura grande parte das narrativas são os mitos transmitidos desde tempo imemoráveis, e, segundo o autor, essas obras devem ser lidas com o coração. O que pode ajudar as crianças a compreender o mundo e crescer de forma mais equilibrada. Nas palavras de Munduruku¹³ (2018):

O ser humano é formado por estes elementos que as histórias trazem: coragem e medo; amor e desamor; sofrimento e alegria. Somos forjados por sentimentos que se desdobram dentro da gente. Parte disso se dá por conta da construção dos mitos que carregamos conosco. Eles nos ajudam a compreender a nossa humanidade e a de outras pessoas.

No caso de obras Literárias Indígenas as histórias mostram a força da natureza, a diversidade cultural, o respeito aos antepassados, a origem das coisas e os desafios de ser criança e tomar decisões. E os autores completam, ressaltando que a Literatura Indígena traz uma novidade: ela lembra que não podemos ser arrogantes, nos considerando o ápice da natureza. E a educação só fará sentido se contribuir para que as crianças pensem uma forma nova de manter o planeta vivo. É isso que os povos indígenas brasileiros continuam a ensinar. A sabedoria das águas é fazer vivo todas as espécies, todos os gestos, todos os corpos. Tudo é vivo e em movimento.

¹³<https://blog.saraiva.com.br/escritores-indigenas-falam-da-importancia-da-literatura-nativa-para-a-educacao-das-criancas/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leituras, pesquisas, estudos, análises e reflexões realizadas sobre a temática Literatura Indígena com objetivo de identificar as representações de natureza presentes na obra *Sabedoria das Águas*, de Daniel Munduruku. Contudo é necessário então, apontar os resultados alcançados nesta pesquisa.

Na revisão da literatura realizada, observa-se que a temática ainda é pouco abordada, o que torna extremamente necessário prosseguir nesta temática em outros momentos. A pouca produção confirma todo o processo histórico de dizimação física e silenciamento cultural vivenciado pelos povos indígenas. Assim, a Literatura Indígena e seus autores procuram usar da caneta para divulgar sua cultura, para lutar pelas suas causas, para se autoafirmar como grupo e principalmente para ser resistência.

Portanto, espera-se que esse trabalho tenha evidenciado a importância da valorização da cultura indígena, bem como a necessidade de compreender como a Literatura e a Geografia se aproximam e juntas conseguem explicar as relações espaciais vivenciadas por esses povos na sociedade atual, e, sobretudo, ter identificado a representação de natureza na obra *Sabedoria das Águas*.

Destaca-se, ainda, que o surgimento da Literatura Indígena é recente em um panorama nacional. Emerge em meados da década de 1980, no entanto, vem se expandindo e mais escritores indígenas surgindo. O que evidencia não só a força criativa destes povos, mas também suas habilidades de apropriar-se de elementos culturalmente característicos de outros grupos, para benefício próprio. Portanto, o benefício direto que se faz referência é a utilização da linguagem escrita, como meio de comunicação com a parcela da sociedade não indígena.

Segundo o escritor indígena Olívio Jekupé (2009), o uso da história oral pelos indígenas sempre foi importante, no entanto, com a escrita eles podem ser mais fortes, através dela podem registrar histórias, fazendo com que elas não se percam no tempo, ficarão registradas para sempre. Além disso, o autor ainda destaca que a figura do contador de história que é tão importante para a cultura indígena não deixará de existir com a Literatura Indígena escrita, apenas ganhará maior destaque, pois será uma fonte direta das narrativas que alimentarão a Literatura Indígena.

Pode-se apontar também que a literatura feita por Daniel Munduruku é a comunhão entre o espírito do ser indígena e a forma Ocidental, pois suas obras são carregadas de conteúdo do ser, do espírito ancestral indígena, de seus mitos, seus ritos,

de suas crenças e por outro lado, há um espírito de engajamento, de resistência e de militância.

Munduruku busca a formação de um público leitor para a sua literatura, voltada para o público infanto-juvenil, buscando fundamentar a criação de seu próprio cânon, paralelo ao cânon literário brasileiro. Observa-se, no entanto, que talvez o ponto fraco dessa Literatura seja que ela ainda não possui um campo de investigação crítico literário estabelecido que possa lhe dar suporte para sua valorização social.

Ao estudarmos a Literatura de Daniel Munduruku, ou melhor, a figura de Daniel Munduruku no cenário literário brasileiro, observa-se que de fato há certo estranhamento, pois não é tradição em nosso país, escritores indígenas falando de suas histórias, de sua cultura partindo de seu próprio olhar e de suas ideologias, dando palestras, publicando diversos livros onde muitas pessoas ainda não conheçam tal produção, sobretudo no universo acadêmico. Assim, destaca-se mais uma vez o lugar de engajamento deste escritor e de suas obras, pois em ambos está contido séculos de silêncio, de injustiça e de dor.

A Literatura de Daniel Munduruku precisa ser lida, pensada, e principalmente revista pela sociedade brasileira, pois é uma Literatura que apresenta funções de caráter social, ideológico, político e artístico. Com propostas de formas variadas de olhar o outro, de perceber o que o outro tem a dizer e, sobretudo, reconhecer e identificar-se com este outro.

Tal Literatura apresenta em suas obras as características dos conflitos enfrentados pelos povos indígenas, pois seus personagens vivem conflitos de identidade, pois ora sentem-se pertencentes a uma cultura indígena, ora integrados culturalmente ao modo de vida predominante dos brancos. Esses personagens encontram o equilíbrio desses conflitos. No entanto, o reconhecimento de que estes personagens são compostos por identidades híbridas que não cessam e nem dão por finita a identidade heterogênea. Portanto, é no momento da crise que os personagens se constroem e tomam consciência de suas identidades.

Com esta pesquisa verificamos também que a aproximação entre Geografia e Literatura se dá justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço, e através do diálogo podem promover um aprofundamento nas suas interpretações da realidade. Segundo Chaveiro e Lima (2016) a Literatura contribui por ser desprovida de intenções e da obrigação metodológica, assim, o literato pode construir uma seiva de imaginação ficcional e sua ferramenta é a palavra escrita.

Com essas possibilidades de interpretação da realidade, a Geografia e a Literatura podem tomar a existência, fundada na tessitura da vida, sem levar em consideração como o modo de produção capitalista pode nos cegar para interpretar as causas sociais e históricas que criam e afirmam as desigualdades sociais, a violência e a produção da pobreza.

A representação de natureza na obra *Sabedoria das Águas* constata-se com a análise que a natureza é representada como quase uma entidade, como sagrada, como a Mãe Natureza, aquela responsável pela sobrevivência desses povos. Assim como o movimento dos povos indígenas luta para permanecer, lutam também por sua sobrevivência, pois modificando a natureza com o processo de desenvolvimento econômico, ou seja, a transformação da primeira natureza em segunda natureza. A preocupação do autor com sua obra literária é abrir o leque de possibilidades, adentrar nas lutas do seu povo com a força da sua escrita. Luta que visa manter a Mãe Natureza provendo tudo que esses povos precisam sobreviver.

Conclui-se, portanto, que Munduruku, em seu livro *Sabedoria das Águas*, pretende ensinar o que as águas têm de sabedoria. Qualquer forma de vida tem a ação das águas, as espécies de flora e da fauna têm, portanto, a ação da água. O próprio corpo humano tem 70% de água. Água é um termo que deve ser falado no plural, águas. As águas da chuva, a água do ar, a água dos lagos, dos rios, a água dos mares, a água dos lençóis e a água do corpo humano. O mundo da água se intercambia a uma solidariedade e uma retroalimentação entre todas as águas. O planeta terra é aquático, 70% de sua superfície é contido de água. A água ensina as várias possibilidades de uso, o banho para o batismo, para saciar a sede, fazer comida, molhar a plantação, estabelecer o metabolismo orgânico de tudo que existe. O bebê é guardado na água do útero, o esperma que fecunda possui uma forma parecida com uma forma líquida. A água, portanto, contempla várias atividades que existem.

A sabedoria das águas também se dá com movimento, o movimento das marés, o movimento das nuvens, o movimento dos rios. A água existe em movimento. É também da sabedoria da água a limpeza, a pureza, a germinação, a fecundação.

Assim como as águas do rio se movimentam em seu curso as palavras do texto narrativo se movimentam para construí-lo. Na obra analisada, de autoria indígena, a água mostra toda sua sabedoria construindo ao longo de seu percurso narrativo um chamado aos índios que ainda não se reconhecem enquanto indivíduo social construtor do país que atualmente o invisibilizam.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. P.313
- ALMEIDA, Maria Inês de. “Livros da Floresta”. In: ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIRÓS, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- _____. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BACHELARD, G. A água e os sonhos: **Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1989.
- BERDOULAY, V. **A abordagem Contextual**. Espaço e Cultura, 2003.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; CALDART, Roseli Salete. **A Escola do campo em movimento**. In: ARROYO, Miguel. Gonzalez et alli (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CABIXI, Daniel M. Sou índio. In: MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: Conversa sobre a origem da cultura brasileira**. São Paulo: Angra, 2000.
- CARVALHO, J.C.P. **Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e pre-conceito no universo das organizações educativas**. Interface, v.1, n.1, p.181-186, 1997. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/revista1/debates2.pdf>>. Acesso em: 17/02/2019.
- CASSETI, V. **A essência da questão ambiental**. Boletim Goiano de Geografia. Universidade federal de Goiás, v.111 (1), jan./dez. 1991, p.1-23.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.
- Universidade federal de Goiás, v.111 (1), jan./dez. 1991, p.1-23.
- CHAUI, M. **Cidadania Cultural: O direito a Cultura**. São Paulo, 2006.
- CHAUI, M. **Cultura e democracia**. En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008.
- CHAVEIRO. Eguimar Felício. **A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível**. Revista Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez, p.174-186, 2007.
- _____, Eguimar Felício. **Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos**, Geograficidade, v.5, n.1, Verão, 2015.

- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.
- CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Site: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.
- DARCY, R. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995- 1996.
- FRANCA, Aline, Silveira, Naira Christofolletti, **A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. Transinformação** [online] 2014, 26 (Abril-Sinmes): [Fecha de consulta: 17 de fevereiro de 2019] Disponibleen:<<http://www.redalyc.org/articulo.Oa?Id=384334898007>> ISSN 0103-3786
- FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista da ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico**. Revista USP, nº 53, São Paulo: Unesp, março/maio 2002. P. 166-182.
- GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.
- HAESBAERT, R. da C. **Filosofia, Geografia e Crise da modernidade**. Terra Livre. Revista da AGB, n.7, SP, 1990, p. 63-92.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. SP:Loyola,1993.
- HARVEY, D. **O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo**. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.
- HOEFLE, R.D. K. **Cultura na História do Pensamento Científico**. Revista da Pós-Graduação em Geografia, URFJ, No 2, pp. 6 – 29, 1998.
- IANNI, O. **Ditadura e Agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964 – 1978**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.
- JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo: Scortecci, 2009.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: Um conceito Antropológico**. 17. Ed. Rio de Janeiro: JorjeZaar, 2004.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Tradução de Carlos Aurélio Mota de Souza. São Paulo/Bauru: Edusc, 2004. 412 p.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Sélvia. C. **Escritores Indígenas e Produção Literária no Brasil**: Sujeitos em movimento. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

LIMA, Angelita. P. **Romancidades**: Sujeito e Existência em Leituras Geográficas-Literárias nos Romances A Centopeia de Neon e os Cordeiros do Abismo. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**. 2008. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso em: 08/01/2018.

_____, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem a cultura barsileira. Ed.2, Global Editora, 2009.

_____, Daniel. **Sabedoria das águas**. Global Editora, 2004.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global Editora. 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHA. L. B e ALMEIDA. M. G. **Cultura, mundo vivido e território**. Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço - técnica e tempo. Razão e emoção**. SP: EDUSP, 2002.

SANTOS, M. **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método, Boletim Paulista de Geografia, nº54, 1997.

SILVA, Lorraine. G. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatóka**: ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família avá-canoieiro do rio Tocantins. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

SUZUKI, Julio César. **Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação/ Nº 5. Setembro de 2017.

Sites consultados:

http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wp-content/uploads/2014/04/Sumario_AAI.pdf

Tratamentodeagua.com. br

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

<http://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/02/munduruku.html>

<https://blog.saraiva.com.br/escritores-indigenas-falam-da-importancia-da-literatura-nativa-para-a-educacao-das-criancas/>

https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios_e_o_meio_ambiente

www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa

<http://danielmunduruku.blogspot.com/p/entrevistas.html>

<http://danielmunduruku.blogspot.com/>